

Producto: Caracterización socio laboral de la población de resineros en el espacio SUDOE.

Actividad: Caracterización socio laboral de la población de resineros en el espacio SUDOE.

Entregables:

- Guía metodológica y modelos de encuesta para la caracterización sociolaboral de la población de resineros en el espacio SUDOE.
- Caracterización socio laboral de la población de resineros en el espacio SUDOE.

Actividad: Encuestas para la caracterización socio laboral de la población de resineros españolas.

Entregables:

- Encuesta a trabajadores forestales resineros españoles.

Actividad: Encuestas para la caracterización socio laboral de la población de resineros franceses.

Entregables:

- Encuesta a trabajadores forestales resineros franceses.

Actividad: Encuestas para la caracterización socio laboral de la población de resineros portugueses.

Entregables:

- Encuesta a trabajadores forestales resineros portugueses.



www.sust-forest.eu

SOCIOS | PATERNAIRES | PARCEIROS | PARTNERS



Proyecto cofinanciado por el Programa Interreg Sudoe a través del Fondo Europeo de Desarrollo

Actividades 2.1 a 2.4

Caracterização socio laboral da população de resineiros do espaço SUDOE (2.1) e inquéritos aos resineiros espanhóis (2.2), franceses (2.3) e portugueses (2.4)



Entregáveis:

- E 2.1.1. Caracterização socio laboral da população de resineiros no espaço SUDOE (estudo);
- E 2.1.2. Os resineiros do sudeste europeu (artigo em revista)
- E. 2.1.3. Guia para a caracterização socio laboral da população de resineiros no espaço SUDOE (ficha de inquérito e guia metodológico)
- E 2.2.1. Inquéritos a trabalhadores florestais resineiros espanhóis
- E 2.3.1. Inquéritos (entrevistas) a trabalhadores florestais resineiros franceses
- E 2.4.1. Inquéritos a trabalhadores florestais resineiros portugueses



Autor: INIAV

Draft 1.1

Data: 05/02/2019

Interreg
Sudoe

European Regional Development Fund



EUROPEAN UNION



SUST
FOREST
PLUS

SOE2/P5/E0598

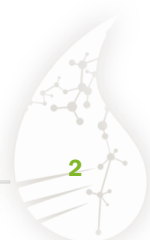
www.sust-forest.eu

SÓCIOS | PATERNAIRES | PARCEIROS | PARTNERS



Índice

1	Objetivo	3
2	Fundamentos	3
3	Âmbito de aplicação: destinatários e territórios	4
3.1	Destinatários	4
3.2	Âmbito territorial	4
4	Entregáveis	5
4.1	Listagem dos entregáveis	5
4.2	Descrição dos entregáveis	5
5	Metodologia	6
6	Cronograma	7
7	Entidades executoras e coordenação	7



Caracterização socio laboral da população de resineiros do espaço SUDOE

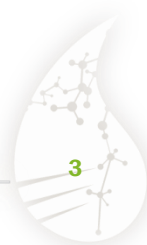
1 Objetivo

Conhecer a população atual de **trabalhadores resineiros** do espaço SUDOE, do ponto de vista **socioprofissional e de condições de trabalho**, com o objetivo de delinear e implementar medidas laborais que permitam melhorar a qualidade do emprego na resinagem e a sustentabilidade desta atividade económica.

2 Fundamentos

Os resineiros são os agentes económicos mais frágeis na cadeia de valor da resina mas a sua atividade é imprescindível para se obter a resina natural. É necessário valorizar esta atividade económica, pela dignificação do ofício, melhores condições de trabalho e melhor remuneração, de forma a ser uma opção profissional aliciante e não apenas uma alternativa de refúgio em situação de desemprego.

Estima-se que existam cerca de 1 200 resineiros no espaço SUDOE (Portugal, Espanha e parte de França), sendo que a grande maioria está na Península Ibérica. Em França, de acordo com a informação disponível, há perto de uma dúzia de resineiros. Apesar desta estimativa, desconhece-se o que representam em termos de remuneração do trabalho, segurança social, condições e segurança no trabalho, formação profissional, qual a apetência para este ofício, que tipo de modelos de organização e contratualização laboral (trabalhadores independentes, cooperativas, empresas prestadoras de serviços). Por outro lado, é importante conhecer o contributo desta atividade para a criação de emprego, direto e indireto, nos territórios rurais mais desfavorecidos (como são muitas zonas de pinhal), para a redução do despovoamento e do abandono das atividades agrícolas e florestais (com o conseqüente incremento do risco de incendios rurais).



3 Âmbito de aplicação: destinatários e territórios

3.1 Destinatários

O objecto de estudo serão os **resineiros** de Portugal, Espanha e França. Procurar-se-á também desempregados ou outros artífices que sejam potenciais resinheiros, isto é, indivíduos que não exercem esta profissão mas que poderão eventualmente fazê-lo, em função de condicionantes a identificar no estudo.

Os destinatários dos resultados serão:

- Os próprios **resineiros** na medida em que lhes permitirá ter um melhor auto-conhecimento do seu grupo sociolaboral e permite formular as suas reivindicações, de forma mais esclarecida.
- As **entidades patronais** (dos resinheiros) e os clientes das empresas de resinagem, porque terão uma base fundamentada sobre as condições laborais necessárias à sustentabilidade do setor resinheiro, assim como informação credível para as negociais laborais e de aquisição de serviços.
- As entidades com responsabilidades de **regulação laboral** e do setor **resinheiro** porque terão maior capacidade e responsabilidade de delinear e implementar medidas conducentes à criação de riqueza e de emprego no setor florestal.
- Em geral, a todos os **stakeholders do setor da resinagem**, porque terão mais informação e conhecimento para tomar decisões conducentes a incrementar a cadeia de valor da resina e a promover a sua sustentabilidade e contributo para o desenvolvimento dos territórios rurais mais desfavorecidos.

3.2 Âmbito territorial

O estudo terá como referência a área de pinheiro bravo (*Pinus pinaster* Ait.) no território Sudoe, incidindo nas seguintes regiões NUTS II: **Norte** e **Centro** (Portugal); **Castilla-Léon** (Espanha) e **Nouvelle Aquitaine** (França). Na região Centro de Portugal vamos procurar centrar os inquéritos nos concelhos de Proença-a-Nova e de Penela.

4 Entregáveis

4.1 Listagem dos entregáveis

No âmbito das atividades 2.1 a 2.4, está definida a entrega de sete productos.

Quadro 1 –Lista dos entregáveis

ID	Tipo	Título	Responsável
E 2.1.1	Estudo	Caracterização socio laboral da população de resineiros no espaço SUDOE	INIAV
E 2.1.2	Artigo científico	Os resineiros do sudeste europeu	INIAV
E 2.1.3	Guia e ficha	Guia para a caracterização socio laboral da população de resineiros no espaço SUDOE	INIAV
E 2.2.1	Inquéritos	Inquéritos (e entrevistas) a trabalhadores florestais resineiros espanhóis	CESEFOR
E 2.3.1	Entrevistas	Entrevistas a trabalhadores florestais resineiros franceses	CNPF-CRPF
E 2.4.1	Inquéritos	Inquéritos (e entrevistas) a trabalhadores florestais resineiros portugueses	INIAV

4.2 Descrição dos entregáveis

E 2.1.1 Caracterização socio laboral da população de resineiros no espaço SUDOE

Relatório técnico, com os resultados do estudo sociológico, perfil socio laboral da população de resineiros no espaço Sudoe, e recomendações de medidas políticas. Neste trabalho pretende-se identificar os factores determinantes para a qualidade do trabalho executado e quais os estímulos à adesão a esta profissão. Será um estudo baseado na revisão bibliográfica (estado da arte), em informação secundária (p.e. informação Estatística oficial), e nos resultados dos inquéritos e entrevista a profissionais da resinagem.

E 2.1.2 Os resineiros do sudeste europeu

Artigo científico em revista especializada do setor da resina, tendo por base o trabalho acima referido (E 2.1.1), com os resultados do estudo socio laboral.

E 2.1.3 Guia para a caracterização socio laboral da população de resineiros no espaço SUDOE

Este produto será composto por três peças técnicas que serão o suporte para a realização dos inquéritos e entrevistas:

- Uma ficha de inquérito (instrumento de inquirição), a ser aplicada aos resineiros a inquirir em Portugal e Espanha. Esta ficha de inquérito terá uma parte que será aplicada a potenciais resineiros mas que não exercem esta profissão.
- Guião de entrevista, para casos de estudo (cerca de seis indivíduos, em cada um dos três países do projeto).
- Guia metodológico, com a metodologia de definição das amostras, orientações gerais para a realização de inquéritos e entrevistas, notas de esclarecimento sobre algumas questões (da ficha de inquérito e do guião das entrevistas), e notas de preenchimento da base de dados para digitalização da informação recolhida.

E 2.2.1 & E 2.4.1 Inquéritos a trabalhadores florestais resineiros

Sessenta fichas de inquérito preenchidas dos resineiros inquiridos em Portugal e Espanha (inquérito em duas amostras, de pelo menos 30 casos cada).

E 2.2.1, E 2.3.1 & E 2.4.1 Entrevistas a trabalhadores florestais resineiros

Dezoito entrevistas realizadas em Portugal, Espanha e França (estudo de casos).

5 Metodología

1. Amostra e ficha de inquérito: definição do instrumento de inquirição, definição da amostra, organização do trabalho de campo, e definição do sistema de registo e armazenamento da informação recolhida no campo.
2. Realização do inquérito em Portugal e Espanha.
3. Tratamento estatístico dos resultados dos inquéritos para a definição de perfis gerais da população resineira (análise quantitativa).
4. Aproximação qualitativa, com estudo de casos, mediante entrevistas personalizadas a resineiros representativos para aprofundar a compreensão da realidade dos resineiros em diferentes territórios.
4. Redação do estudo de caracterização e diagnóstico socio laboral da população de resineiros no espaço SUDOE e elaboração de recomendações.

6 Cronograma

Quadro 2 –Lista dos entregáveis

ID	Tipo	Título	Prazo de entrega	Responsável
E 2.1.3	Guia e ficha	Guia para a caracterização socio laboral da população de resineiros no espaço SUDOE	29/03/2019	INIAV
E 2.2.1	Inquéritos	Inquéritos e entrevistas a trabalhadores florestais resineiros espanhóis	31/07/2019	CESEFOR
E 2.3.1	Entrevistas	Entrevistas a trabalhadores florestais resineiros franceses	31/07/2019	CNPF-CRPF
E 2.4.1	Inquéritos	Inquéritos e entrevistas a trabalhadores florestais resineiros portugueses	31/07/2019	INIAV
E 2.1.1	Estudo	Caracterização socio laboral da população de resineiros no espaço SUDOE	20/12/2019	INIAV
E 2.1.2	Artigo científico	Os resineiros do sudeste europeu	31/03/2020	INIAV

7 Entidades executoras e coordenação

As atividades 2.1 a 2.4 (Caracterização socio laboral dos resineiros) será coordenada pelo INIAV.

Em cada um dos países existirá uma entidade responsável pela execução dos inquéritos e entrevistas, que terá uma ou duas associações que colaboraram da identificação dos resineiros, no contacto com estes e na realização dos inquéritos e entrevistas. No quadro abaixo, indicam-se as entidades responsáveis, em cada País, e as entidades que, de acordo com a proposta aprovada, irão colaborar no trabalho de campo.

Quadro 3 –Entidades responsáveis pela execução do trabalho de campo

ID	Título	Entidade responsável	Associação que dará apoio
E 2.2.1	Inquéritos e entrevistas a trabalhadores florestais resineiros espanhóis	CESEFOR	Rincón de la Vega, S.A.L + Asociación Nacional de Resineiros
E 2.3.1	Entrevistas a trabalhadores florestais resineiros franceses	CNPF-CRPF Nouvelle Aquitaine	Groupement de Producteurs Forestiers du sud Gironde
E 2.4.1	Inquéritos e entrevistas a trabalhadores florestais resineiros portugueses	INIAV	Resipinus - Associação de Destiladores e Exploradores de Resina



Inquérito aos resineiros

As informações individuais obtidas são estritamente confidenciais, e destinam-se a estudos científicos no âmbito do Projecto **SustForestPlus**, não podendo ser utilizadas ou divulgadas com outra finalidade. As informações constituem segredo profissional para os entrevistadores e para todos os profissionais envolvidos no estudo.

1ª PARTE. IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO

Inquiridor _____ Data do inquérito _____ Nº inquérito _____

Nome do inquirido: _____ Tlm: _____

2ª PARTE. O OFÍCIO DE RESINEIRO: FORMAÇÃO E CONHECIMENTO

1. Há quanto tempo trabalha na resinagem? _____ anos (**ou** desde o ano _____)

2. Tem outra atividade ligada à floresta ou agricultura? 1. Sim 2. Não

2.1. **Se sim**, Qual? _____

3. Quem o levou para a atividade da resinagem (*aguardar a resposta antes de ler os itens*)?

1. Um amigo 2. Outro resineiro 3. Familiar 4. Alguém da indústria da resina

5. Alguém de outra indústria 6. Alguém de uma associação 7. Através do IEFP

8. Outra situação, Qual? _____

4. Tempo dedicado à resinagem nos últimos cinco anos (*ou desde que trabalha na resinagem, se for há menos tempo*):

4.1. No período da resinagem, trabalha apenas em exclusivo nesta atividade?

1. Sim 2. Não

4.2. Tempo de trabalho por ano, na extração de resina:

N.º de **semanas** ou **meses** (*riscar o que não interessa*) _____

N.º de **horas**, em média, por **semana** ou **mês** (*riscar o que não interessa*) _____

4.3. Trabalha ao fim de semana? 1. Sim 2. Não

4.4. **Se sim**, trabalha só ao fim de semana? 1. Sim 2. Não



5. Como aprendeu a fazer os trabalhos de resinagem (*aguardar a resposta antes de ler as opções*)?

1. Sozinho, fazendo
2. Fazendo, com outro resineiro.....
3. Formação escolar (secundário ou ensino superior)
4. Formação através de uma empresa
5. Formação através de uma associação
6. Outra , qual? _____

5.1. *Se aprendeu através de um curso de formação profissional:*

5.1.1. Qual a entidade que lhe deu formação? _____

5.1.2. Essa entidade é? 1. Pública 2. Privada 3. Do setor cooperativo

5.1.3. Qual foi a duração do curso? _____ horas

5.2. Desejaria acreditar a sua qualificação profissional? 1. Sim 2. Não

6. Caso tivesse oportunidade, que tipo de formação gostaria de fazer? Relacionada com:

1. A extração da resina
2. Operações na floresta, em geral
3. Operação com equipamentos e segurança no trabalho
4. Escolaridade em geral.....
5. Outra , qual? _____

3.º A ATIVIDADE DA EXTRAÇÃO DA RESINA/CONDIÇÕES DE EXPLORAÇÃO E EXTRAÇÃO

7.1. Quantos pinheiros “leva” na campanha? _____

7.2. Qual a área de pinhal em que trabalha na resina? _____ (ha)

Não sabe/não responde

8. E quanto extraiu na última campanha? _____ (kg) Não sabe / não responde



9. Qual a sua forma habitual de trabalhar? 1. Isolado 2. Em grupo

10. Em que concelho(s) trabalha em resinagem? _____

11. Extrai por conta própria **ou** trabalha por conta de outrem?

1. Conta própria 2. Cooperativa, associação ou sociedade anónima laboral (SAL)
3. Trabalha por conta de outrem (passar diretamente à Q.15)

12. **Se extrai por conta própria, cooperativa, associação ou SAL**, o pinhal é seu, é comproprietário, ou é associado? 1. Sim 2. Não

12.1. **Se não**, quanto paga pelo aluguer da “bica/chapa ”? _____ €

12.2. Como é feito o contrato/acordo com o proprietário do pinhal?

- Diretamente Subcontrata com um intermediário

12.3. E o contrato/acordo é anual ou por vários anos?

1. Anual 2. Por dois ou mais anos Número de anos

13. **Se trabalha por conta própria**, tem alguém que o ajude a realizar os trabalhos?

1. Sim 2. Não

13.1. **Em caso afirmativo**, em que fases do trabalho conta com ajuda

1. Preparação dos pinheiros / desencarrasque 2. Renovas
3. Colha 4. Raspagem e desmontagem do serviço

13.2. E que relação tem com as pessoas que o ajudam?

1. Familiares, amigos – trabalho não remunerado ou pago em espécie
2. Assalariados – trabalho remunerado

14. A quem vende a resina? 1. A um intermediário

2. A uma indústria de 1.^a transformação de resina

3. A outrem Quem? _____



14.1. **Se vende à indústria de resina**, vende apenas a uma empresa ou a várias?

1. Apenas a uma 2. A várias Quantas _____

14.2. A quanto lhe pagaram a resina (na última campanha)? _____(€/kg)

Não sabe/não responde

14.3. Como foi estabelecido o preço?

1. Fixo no início da campanha 2. Variou ao longo da campanha

14.4. Qual foi a evolução do preço da resina nos últimos três anos:

1. Subiu 2. Desceu 3. Manteve-se 4. Não sabe /não responde

15. **Se trabalha por conta de outrem**, trabalha para quem? (*aguardar a resposta antes de ler as opções*) (*se indicarem o nome, anotar*)

1. Empresa de resinagem
2. Indústria de primeira transformação de resina
3. Associação de resineiros ou associação de produtores florestais (OPF)
4. Cooperativa de trabalhadores resineiros
5. Outra , qual? _____

16. E em que modalidade é feito o pagamento do seu trabalho?

1. À hora 2. À jorna (dia) 3. Ao mês 4. Por quantidade de resina extraída

17. De quem são os pinhais que resina?

1. De um proprietário privado
2. De um baldio
3. Do Estado, de um Município ou de outra entidade pública.
4. Outrem , qual? _____

18. Quantas renovas faz, em média, por campanha? _____

19. E quantas colhas, em média, por campanha _____



4.º. CONDIÇÕES NO TRABALHO E VIDA

20. Durante a campanha, mora na residência habitual ou está deslocado?

1. Residência habitual (*passar à Q. 21*) 2. Está deslocado

20.1. *Se está deslocado*, onde se encontra alojado? (*aguardar a resposta antes de ler as opções*)

1. Sozinho num quarto/residência
2. Sozinho, numa casa arrendada.....
3. Num alojamento comum com outros trabalhadores
4. Partilha uma casa com alguém
5. Outra situação , qual? _____

21. Como adquiriu as ferramentas de resinar?

1. Comprou a um ferreiro 2. À empresa para a qual trabalha
3. À empresa à qual vende a resina 4. Fabricou-as o próprio
5. Outra situação, qual? _____

22. Que recipiente utiliza para recolher a resina? 1. Púcaro 2. Saco 3. Outro _____

23. Usa estimulante químico/pasta para renovar? 1. Sim 2. Não

23.1. Como obtém o estimulante que utiliza? 1. Compra 2. Fabrica o próprio

23.2 Que substancia ativa principal tem o estimulante utilizado?

1. Ácido sulfúrico 2. Ethrel (Etefon) 3. Ácido salicílico 4. Não sabe

24. Nos últimos cinco anos teve algum acidente de trabalho, relacionado com a resinagem?

1. Sim 2. Não



24.1. *Se sim*, que tipo de acidente?

1. Lesão corporal 2. Perturbação funcional 3. Doença de que resultou na
redução da capacidade de trabalho ou de ganho Qual? _____

24.2. Já teve algum acidente com o estimulante químico? 1. Sim 2. Não

24.3. No seu acidente, como foi feito o socorro?

1. Deslocou-se por meios próprios
2. Telefonou a pedir ajuda
3. Foi pedida ajuda por outra pessoa (resineiro, trabalhador rural)
4. Outra situação , qual? _____

24.4. Quantos dias ficou impedido de trabalhar? _____ (dias)

24.5. Ficou com alguma incapacidade permanente? 1. Sim 2. Não

24.5.1. *Se sim*, qual? _____

25. Tem seguro de acidentes de trabalho? 1. Sim 2. Não

25.1. *Se sim*, quem paga o seguro? 1. O patrão 2. O próprio

26. Está inscrito na Segurança Social? 1. Sim 2. Não



5º. ATITUDES E DISPOSIÇÕES

Agora gostaríamos de lhe colocar algumas questões relacionadas com a satisfação, ou não, com a sua atividade de resineiro.

27. Qual o seu grau de satisfação com o trabalho de resineiro (*assinalar com uma cruz*)?

	Grau de satisfação			
	Muito satisfeito	Satisfeito	Pouco satisfeito	Nada satisfeito
1. Em termos de gosto pela atividade				
2. Em termos de esforço físico				
3. Em termos de remuneração				
4. Em termos do reconhecimento social da profissão				

28. Que características mais lhe **agradam** na sua profissão de resineiro? (*esperar pela resposta, antes de ler as várias opções*); (*escolher apenas uma opção*)

1. Trabalhar ao ar livre
2. O rendimento obtido (ou salário recebido).....
3. A independência no trabalho.....
4. O gosto pessoal pela atividade
5. Outra , qual? _____

29. Que características mais lhe **desagradam** na profissão? (*esperar pela resposta, antes de ler as várias opções*); (*escolher apenas uma opção*)

1. Trabalhar sujeito à chuva, vento, frio.....
2. O rendimento obtido (ou salário recebido).....
3. As dificuldades em executar o trabalho de resinagem
4. O esforço físico necessário nesta profissão
5. A solidão no trabalho, sozinho no meio da floresta
6. O risco dos incêndios
7. O risco de acidentes na resinagem
8. Outra , qual? _____



30. O que mais o preocupa em relação ao futuro? (esperar pela resposta, antes de ler as várias opções); (escolher apenas **uma** opção)

1. O preço da resina não pagar o custo
2. Falta de mão-de-obra que saiba resinar.....
3. A profissão não é atrativa para os jovens.....
4. Não haver quem compre a resina
5. Alta frequência dos incêndios.....
6. Falta de pinhais para resinar
7. Há muitas dívidas (quem não pague a resina)
8. Outra , qual? _____

31. Tem filhos maiores de idade? 1. Sim 2. Não

31.1. *Se sim*, qual a relação dos seus filhos com a floresta e a resina?

1. Executam trabalhos silvícolas
2. Executam trabalhos de preparação dos pinheiros e renovas
3. Fazem a colha
4. Fazem outros trabalhos na floresta
5. Não têm nenhuma relação profissional com a floresta

32. Qual é a sua opinião sobre a hipótese de continuar na atividade na resinagem no próximo ano? 1. É provável 2. É pouco provável 3. É impossível

4. Não sabe/não responde

33. Que **grau de disponibilidade** tem para trabalhar, em complemento da resinagem, noutra atividade na floresta (*assinalar com uma cruz*)

	Grau de disponibilidade		
	Disponível	Não disponível	Depende / n.s. / n.r.
1. Durante a campanha da resinagem			
2. Fora da campanha da resinagem			

34. Que grau de disponibilidade tem para exercer as seguintes atividades (*assinalar com uma cruz*)?

	Grau de disponibilidade		
	Disponível	Não disponível	Depende / n.s. / n.r.
1. Vigilância da floresta			
2. Sapador florestal (limpeza mato e 1.º ataque)			
3. Operações florestais (desrama; abate de árvores)			

35. Em sua opinião quais os fatores que mais **afetam negativamente** o rendimento da atividade? (*esperar pela resposta, antes de ler as várias opções*); (*escolher apenas duas opções*)

1. Os custos com material e ferramentas
2. Os impostos pagos
3. As despesas com as deslocações
4. A margem dos intermediários.....
5. O valor pago aos proprietários florestais pela “bica”.....
6. A sazonalidade do trabalho
7. Outra , qual? _____

36. O que mais gostaria de melhorar na atividade, para além do salário ou do valor pago pela resina? (*esperar pela resposta, antes de ler as várias opções*); (*escolher apenas uma opção*)

1. Ter uma atividade complementar na floresta.....
2. Trabalhar menos horas por dia (ou por semana).....
3. Reduzir o esforço físico do trabalho, por exemplo, com a mecanização ...
4. Ter uma ajuda para as viagens, alimentação ou alojamento
5. Outra , qual? _____



6º. INFORMAÇÃO SOCIOECONÓMICA

37. Concelho de residência: _____

38. Nacionalidade: _____

39. **Perfil sociodemográfico** (*Selecionar um dos itens*); (*no género não perguntar*)

<p>39.1 Qual a sua condição perante a atividade económica?</p> <p>1 - Ativo a exercer profissão <input type="checkbox"/></p> <p>2 - Ativo desempregado <input type="checkbox"/></p> <p>3 - Não ativo - reformado ou pensionista <input type="checkbox"/></p> <p>4 - Não ativo, outra situação <input type="checkbox"/></p>	<p>39.2 Qual a profissão (atual ou anterior, para além de resineiro)?</p>
<p>39.3 Qual a principal origem do seu rendimento ? (<i>não é valor; é a fonte de rendimentos</i>)</p> <p>1 - Rendimento da resina <input type="checkbox"/></p> <p>2 - Salários de outras atividades da agricultura ou floresta <input type="checkbox"/></p> <p>3 - Salários da indústria ou serviços <input type="checkbox"/></p> <p>4 - Atividade empresarial ou por conta própria na agricultura ou floresta <input type="checkbox"/></p> <p>5 - Atividade empresarial ou por conta própria da indústria ou serviços <input type="checkbox"/></p> <p>6 - Reforma, pensão, subsídio de desemprego ou outra prestação social <input type="checkbox"/></p> <p>7 - Rendas de prédios rústicos ou urbanos <input type="checkbox"/></p> <p>8 - Remessas de emigrantes familiares <input type="checkbox"/></p> <p>9 - Outras. <input type="checkbox"/> Quais? _____</p>	
<p>39.4 Qual o nível de instrução, anos de escolaridade? (<i>aguardar pela resposta</i>)? _____</p> <p>1 - Sem escolaridade <input type="checkbox"/></p> <p>2 - Básico - 1º ciclo (até 4º ano de escolaridade) <input type="checkbox"/></p> <p>3 - Básico - outros (5º ao 9º de escolaridade) <input type="checkbox"/></p> <p>4 - Secundário (10º ao 12º de escolaridade) <input type="checkbox"/></p> <p>5 - Ensino superior <input type="checkbox"/></p>	
<p>39.5 Género: 1 - Masculino <input type="checkbox"/> 2 - Feminino <input type="checkbox"/></p>	<p>39.6 Idade: _____ anos</p>

40. Qual diria ser o peso do rendimento da resina no rendimento do seu agregado doméstico?

- 1 0% 2 >0 a ≤10% 3 >10 a ≤25%
- 4 >25 a ≤50% 5 >50 a ≤75% 6 >75 a 100%



41. Pertence a alguma associação profissional? 1. Sim 2. Não

40.1. *Se não*, gostaria? 1. Sim 2. Não

42. Está sindicalizado? 1. Sim 2. Não

42.1. *Se não*, gostaria? 1. Sim 2. Não

43. Utiliza algum dos seguintes dispositivos eletrónicos?

1. Computador 2. Smartphone 3. iPhone 4. Tablet

5. Outro , qual? _____

44. Usa alguma aplicação de GPS no telefone móvel? 1. Sim 2. Não

45. Tem conta de correio eletrónico (*email*)? 1. Sim 2. Não

46. Utiliza alguma aplicação de comunicação (*Whatsapp* ou semelhante)? 1. Sim 2. Não

Muito Obrigado

Tempo aproximado do inquérito: _____

Comentários, notas, sugestões:



Atividade 2.1

Caracterização Socio Laboral dos Resineiros no Espaço SUDOE

Entregável 2.1.2.

Caracterização Socio Laboral dos Resineiros no Espaço SUDOE

Relatório Síntese

INIAV, IP, Oeiras, 2022



ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	2
2. METODOLOGÍA	2
2.1 ESPANHA	2
2.2 PORTUGAL	3
2.3 FRANÇA	3
3. RESULTADOS EM ESPANHA	
3.1. INFORMAÇÃO SOCIO ECONOMICA	
3.1.1. Descrição geral da população inquirida	4
3.1.2. Experiência na atividade	5
3.1.3. Nível de formação	6
3.2. O OFÍCIO DO RESINEIRO	
3.2.1. Contributo da atividade da resinagem para o rendimento familiar	6
3.2.2. Atividades económicas complementares	7
3.2.3. Motivo de ingresso na atividade	7
3.2.4. Tempo de dedicação semanal	7
3.2.5. Aprendizagem do ofício	7
3.2.6. Necessidades de formação sentidas pelos resineiros	8
3.3. CONDIÇÕES DE EXTRAÇÃO E EXPLORAÇÃO DA RESINA	
3.3.1. Descrição das explorações	8
3.3.2. Forma de trabalho	8
3.3.3. Propriedade e acesso aos pinhais	8
3.3.4. Forma jurídica laboral	9
3.3.5. Venda da resina à indústria	9
3.4. CONDIÇÕES DE TRABALHO E VIDA	
3.4.1. Condições de trabalho	9
3.4.2. Deslocações durante a campanha	9
3.4.3. Segurança e riscos no trabalho	9
3.5. ATITUDE PERANTE A ATIVIDADE E DISPOSIÇÕES	
3.5.1. Satisfação e dificuldades no ofício de resineiro	10
3.5.2. Preocupações quanto ao futuro e “relevo geracional” da profissão	11
3.5.3. Disponibilidade para realizar outras tarefas	12
3.5.4. Fatores que mais afetam a rentabilidade da atividade	
fatores a melhorar	12
3.5.5. Mulheres resineiras	13
3.5.6. Participação em estruturas de Organização Coletiva	14
3.5.7. Utilização de novas tecnologias e dispositivos	14



4. RESULTADOS EM PORTUGAL	
4.1. INFORMAÇÃO SOCIO ECONÓMICA	
4.1.1. Descrição geral da população inquirida	15
4.1.2. Início da atividade	15
4.1.3. Tempo de trabalho na resinagem	16
4.1.4. Nível de instrução e formação profissional	17
4.2. ATIVIDADE DE EXTRAÇÃO DE RESINA	
4.2.1. Intensidade do trabalho	18
4.2.2. Forma jurídica laboral	18
4.2.3. Acesso ao pinhal e preço da resina	18
4.3. CONDIÇÕES DE TRABALHO	
4.3.1. Aquisição de ferramentas e uso de recursos técnicos	19
4.3.2. Segurança e acidentes de trabalho	20
4.3.3. Deslocações durante a campanha	20
4.4. ATITUDES E PREDISPOSIÇÕES	
4.4.1. Grau de satisfação com a profissão	20
4.4.2. Satisfação e dificuldades do ofício	21
4.4.3. Preocupações quanto ao futuro	22
4.4.4. Continuidade geracional da atividade	22
4.4.5. Disponibilidade para trabalhar em outras atividades	22
4.4.6. Fatores que afetam negativamente o rendimento da atividade	23
4.4.7. Que fatores melhorar na resinagem	24
4.4.8. Contribuição da resinagem para o rendimento familiar	24
4.4.9. Uso de novas tecnologia e dispositivos eletrónicos	25
4.4.10. Participação dos resineiros em Organizações Coletivas	26
5. RESULTADOS EM FRANÇA	27
6. CONCLUSÕES	28
BIBLIOGRAFIA	

Interreg
Sudoe
European Regional Development Fund



EUROPEAN UNION



SOE2/P5/E0598

Proyecto cofinanciado por el Programa Interreg Sudoe
a través del Fondo Europeo de Desarrollo Regional





1. INTRODUÇÃO

O coletivo dos resineiros nos países europeus em que ainda se mantém a extração de resina de árvores vivas, é mal conhecido. Existem diversas estatísticas e estimativas sobre a população de resineiros, e vários estudos sobre esta população, nomeadamente em Espanha, mas não havia um conhecimento sólido e atualizado sobre quem são e como exercem a sua profissão os resineiros do espaço Sudoe.

O nosso objetivo foi conhecer o perfil destes trabalhadores do ponto de vista socio laboral, as condições em que desenvolvem o seu trabalho, quais as suas atitudes e disposições e quais as perspetivas para a atividade da resinagem, do seu ponto de vista.

Este produto junta os resultados obtidos nos três países do Sudoe, com a metodologia escolhida.

Em 2017 a população resineira em Espanha seria de 943 resineiro (Estatísticas regionais de Castilla y Leon). No entanto a Associação Nacional de Resineiros estima que existirão 1500 resineiros em toda a Espanha, dos quais 1000 em Castela e Leão.

Em Portugal, segundo a Resipinus, Associação de destiladores e exploradores de resina, haverá cerca de 500 resineiros. Outra estimativa, do ICNF indica cerca de 600.

Em França os resineiros no ativo poderão não ser mais de 12, mas o interesse que a atividade tem suscitado ultimamente, particularmente com o incentivo criado pela participação de algumas Associações de proprietários florestais no SFPlus, é crescente.

2. METODOLOGIA

Foram realizadas entrevistas formais e informais a resineiros nos três países do espaço Sudoe.

Com vista a uma análise quantitativa, adotou-se o método do questionário com perguntas fechadas, nas regiões de maior produção de resina, procurando abranger a maior diversidade possível de resineiros.

O questionário abrangeu as seguintes áreas temáticas: 1. História do resineiro: 2. Ofício da extração de resina 3. Condições no trabalho 4. Atitudes e motivações do profissional resineiro. 5. Questões socioprofissionais.

2.1. ESPANHA

Em Espanha o estudo parte da necessidade de conhecer a realidade sócio laboral dos resineiros, sobretudo dos que ingressaram na atividade a partir da década de 2010, com o ressurgimento da atividade. Estudos anteriormente realizados centraram-se em populações resineiras de espaços com tradição na atividade e dimensão territorial



reduzida (Biodiversia, 2021). O número de profissionais da resina, segundo a Associação Nacional de Resineiros será de 1500, em toda a Espanha, dos quais 1000 em Castela e Leão. Destes, 750 estariam em Segóvia e os restantes em Sória, Leão, Ávila Valladolid e Burgos.

- Numa primeira fase foram inquiridos de forma mais desenvolvida (entrevistas) alguns informantes, e, com base nestas entrevistas foram definidos perfis-tipo de resineiros.
 - Numa segunda fase foram inquiridos 80 profissionais (questionário base elaborado pelo INIAV, adaptado à realidade de Espanha pelos responsáveis do estudo). Com base nas respostas a este questionário fez-se o estudo quantitativo, que constitui um dos produtos desta Atividade (Biodiversia, 2020). A maioria dos participantes inquiridos são profissionais de Castilla y León. Também participaram profissionais de Castilla la Mancha, Galiza, Extremadura e Andaluzia.
- Maioritariamente a recolha de informação fez-se com base em entrevistas telefónicas (entre dezembro de 2019 e julho de 2021).

2.2. PORTUGAL

Em Portugal realizaram-se 41 Inquéritos presenciais e por telefone a resineiros, entre abril e junho de 2021.

Para a definição do universo da amostra e do método a utilizar teve-se em conta o conhecimento prévio adquirido sobre esta população no âmbito do projeto SustForest e outros anteriores pelos diversos intervenientes beneficiários do mesmo. Os inquéritos foram delineados e realizados com apoio de entidades envolvidas no projeto, ligadas aos resineiros, proprietários florestais e indústria de primeira transformação. Tirou-se partido de outros estudos realizados por parceiros portugueses (municípios de Proença-a-Nova e de Penela) no âmbito do SFPlus, designadamente o Produto “Casos de êxito e boas práticas de empreendedorismo da atividade multifuncional do resineiro “. Os 41 resineiros inquiridos, desenvolvem atividade em várias regiões do país, em que a resinagem tradicionalmente se mantém ou se perspectiva para o futuro (Chaves, Vila Real, Pombal, Alcobça, Grândola, Leiria, Alcochete, Nazaré, Seia).

Em Portugal as mulheres entrevistadas foram poucas, e em circunstâncias que não permitem ajuizar sobre a sua verdadeira relação com a atividade profissional (a empresa de resinagem está registada em seu nome por razões de conveniência familiar).

2.3. FRANÇA

Foram realizadas sete entrevistas e alguns inquéritos a resineiros, em fevereiro e março de 2020, com perguntas sobre como exercem a sua atividade e quais as necessidades sentidas. O modelo de entrevista foi decidido pelo beneficiário francês, com base no modelo de inquérito para Portugal e Espanha.



3. RESULTADOS EM ESPANHA

Com base na primeira fase do estudo em Espanha / entrevistas a informantes, foram identificados quatro perfis tipo de resineiros (Truchero, 2020):

- Jovens que trabalham de forma autónoma, durante a campanha e ficam inativos no inverno;
- Resineiros a tempo parcial, para os quais a resina é um complemento de rendimento, o qual complementam com atividades no setor agrícola e florestal ou noutros setores de atividade, por exemplo pequenas empresas comerciais ou profissão liberal.
- Resineiros com dedicação exclusiva à resina;
- Mulheres, titulares da exploração, algumas trabalhando apenas em determinadas tarefas da atividade.

3.1. INFORMAÇÃO SOCIO ECONOMICA

3.1.1. Descrição geral da população inquirida

Na segunda fase do estudo socioeconómico, cujos resultados são desenvolvidamente apresentados no “Informe Caracterización del perfil sociolaboral del resinero español, fase 2. Estudio cuantitativo” (Biodiversia, 2020), participaram profissionais das Comunidades Autónomas de Castela e Leão, Galiza, Extremadura, Castela la Mancha e Andaluzia, com 73% deles trabalhando na primeira destas comunidades. Dos inquiridos, 18% são mulheres. A nacionalidade maioritária dos inquiridos é a espanhola, mas também participaram (3%) cidadãos búlgaros.

O *Informe* atrás referido analisa, em alguns aspetos, os resultados de estudos anteriores realizados em Espanha e os resultados do inquérito mais recente. Uma vez que não existem estudos comparativos similares anteriores realizados em Portugal e França, não abordaremos aqui os estudos anteriores. Remetemos os interessados para o *Informe* em causa.

A maioria dos resineiros inquiridos em Espanha tinha entre 30 e 49 anos (46%); apenas 8% tinham mais de 60 anos. 36% tinham de 50 a 59 anos (figura 1). O valor médio da idade dos participantes no estudo é de 44,6 anos. Note-se que, em resultado da reativação da resinagem, o estudo atual revela uma população menos envelhecida do que as anteriores.

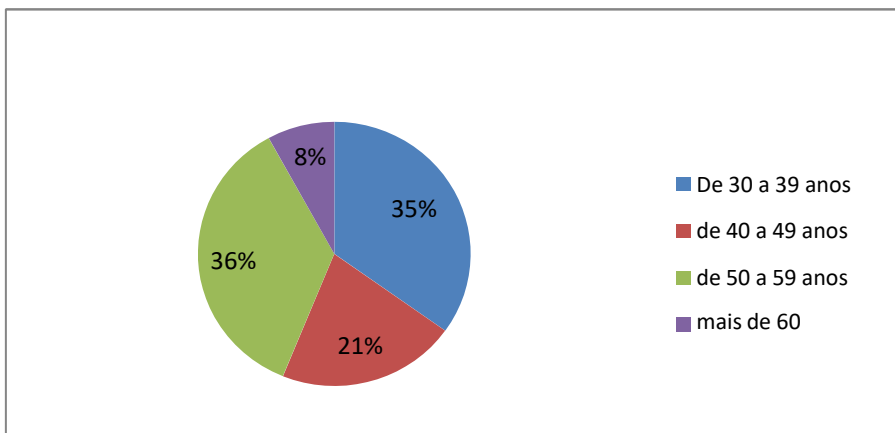


Figura 1. Idade dos resineiros

3.1.2. Experiência na atividade

Quanto aos anos de experiência na profissão (figura 2), 60% dos inquiridos tinham de 5 a 9 anos de experiência e 28% menos de 5 anos. Esta distribuição espelha igualmente a realidade das novas entradas na profissão, mas poderá também resultar de a seleção de contactos dos participantes ter sido feita com base na participação em jornadas técnicas e de divulgação de resultados de investigação (geralmente frequentados por camadas mais jovens).

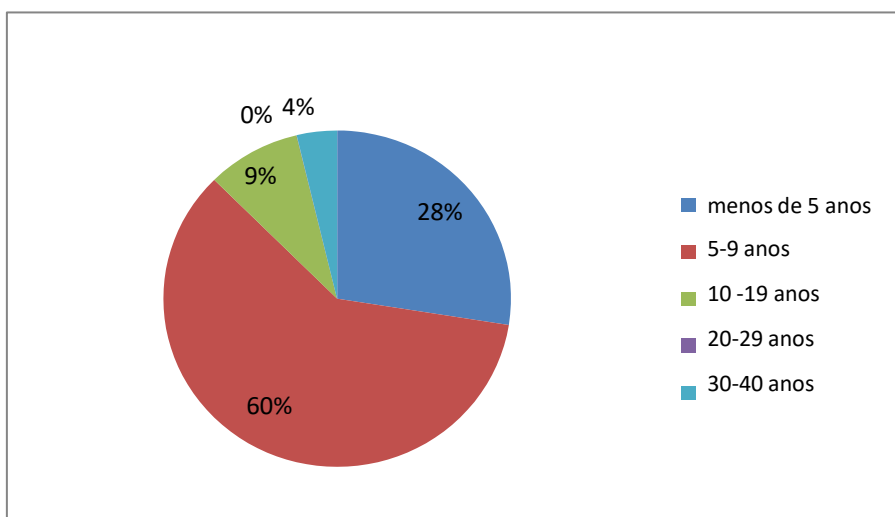


Figura 2. Anos de experiência na profissão



3.1.3. Nível de formação

Quanto ao nível de formação escolar, a maioria (39%) tem formação básica, mas a formação de nível médio também está bem representada na amostra (38%). Outros 22% têm formação de nível superior. O aumento desta última categoria pode estar relacionado, entre outros fatores, com opções de vida que garantam a ligação dos sujeitos ao seu meio de origem.

Quanto à percentagem de resineiros com formação de nível médio, a mesma engloba a formação profissional ministrada nos últimos anos.

3.2. O OFÍCIO DO RESINEIRO

3.2.1. Contributo da atividade da resinagem para o rendimento familiar

A atividade profissional da resina contribui de 50% a 100% para o rendimento das famílias, em 46% dos casos (fig. 3)

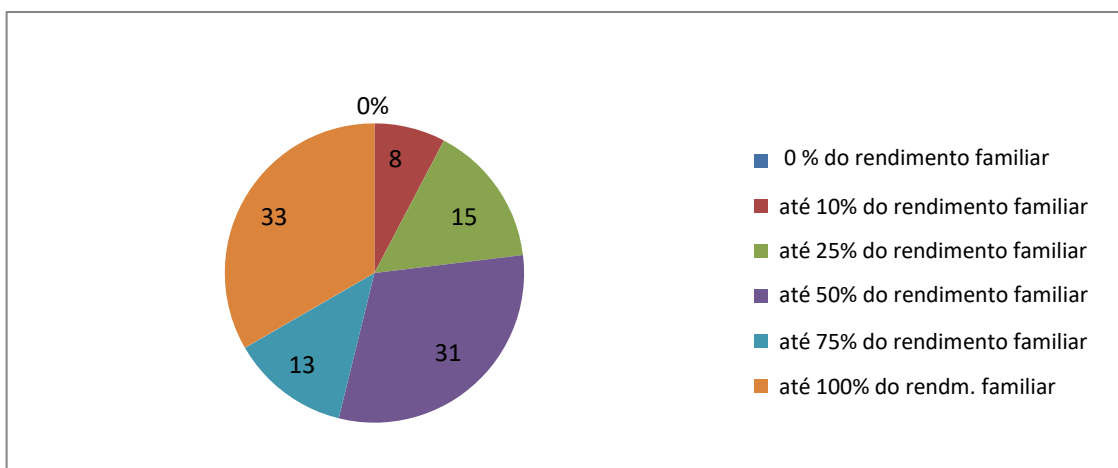


Figura 3 – Contributo da resinagem para o rendimento familiar

Para 73% dos resineiros inquiridos, a resina é a principal fonte de rendimento (Fig 4). Os restantes resineiros indicaram como fonte principal: salários de outras atividades florestais, salários da indústria ou serviços, atividades por conta própria no setor agrícola e florestal ou nos serviços e indústria ou ainda “outras”.

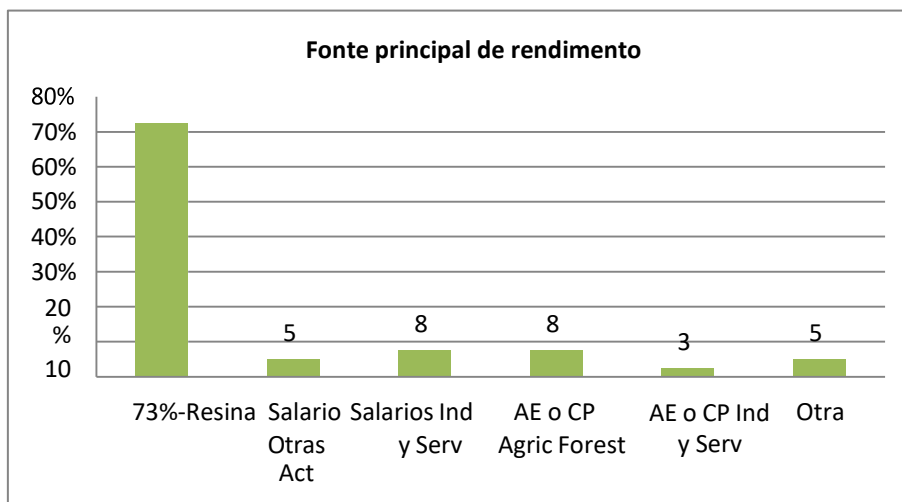


Figura 4. Fontes de rendimento dos resineiros

3.2.2. Atividades económicas complementares

Uma percentagem elevada dos inquiridos realiza atividades complementares – 42%. Dessas atividades complementares destacam-se trabalhos silvícolas (35%) e agropecuários (71%). Algumas dessas atividades decorrem em paralelo com a campanha da resina, o que constitui uma novidade relativamente a estudos anteriores, em que as mesmas se realizavam fora da campanha.

3.2.3. Motivo de ingresso na atividade

Vários motivos justificam o ingresso na atividade, a saber: tradição familiar (25%), outro resineiro (16%), amigos na atividade (15%), solicitação da indústria da resina, desemprego (15%), promoção da administração local, etc.

3.2.4. Tempo de dedicação semanal

O tempo médio dedicado à atividade é de 36.95 horas semanais. Não se distribui igualmente ao longo do ano: é maior nos meses de verão, atingindo nesse período valores máximos de 60-70 horas. Grande parte dos resineiros trabalha ao fim semana (89%). A dedicação mínima dos resineiros que se dedicam em exclusividade à resina é de 40 horas semanais.

3.2.5. Aprendizagem do ofício

A maior parte aprendeu o ofício com outro resineiro (68%); outros inquiridos aprenderam praticando sozinhos (11%), através de uma associação ou de uma empresa



(15%). Só 1% refere a educação regular como aprendizagem. Em Espanha existem cursos de formação com duração variável e também formatos distintos. Os resineiros que os frequentaram, principalmente os que frequentaram formação não regulamentada, anseiam por homologação da sua qualificação profissional, para poderem exercer em todo o território de Espanha. A questão do reconhecimento profissional é uma questão importante para os profissionais.

3.2.6 Necessidades de formação sentidas pelos resineiros

São as seguintes as temáticas que mais interessam aos resineiros, caso pudessem aceder a cursos de formação: trabalhos florestais (39%); extração de resina (15%); manuseamento de equipamentos e segurança laboral (9%); ecologia do pinhal (6%) e novas tecnologias (11%).

3.3. CONDIÇÕES DE EXTRAÇÃO E EXPLORAÇÃO DA RESINA

3.3.1. Descrição das explorações

O número médio de pinheiros resinados por campanha é de 6342, sendo o valor da moda – 3000; 26% trabalham de 2000 a 4000 pinheiros e 24% de 4000 a 6000. Há ainda casos, considerados extremos, em que os resineiros trabalham mais de 10.000 pinheiros. A produção média de resina é de 18.680 kg por campanha, a moda é de 12.000kg. O número médio de renovas é de 10,4 e de colhas – 3.

3.3.2. Forma de trabalho

75% dos resineiros trabalham isolados e 59% têm ajudas de outras pessoas; 5% afirmam trabalhar em grupo, organizando o trabalho em equipas. Contam com ajuda, principalmente na tarefa de colha (familiares e amigos, 65%). Apenas 25% contratam estes serviços fora deste âmbito.

3.3.3. Propriedade e acesso aos pinhais

A propriedade dos pinhais resinados é pública na maior parte dos casos (83%) ; 15% são privados e 2% baldios em regime comunitário.

O aluguer do pinhal faz-se em regime anual ou plurianual. O preço médio pago é de 0,35 euros por pinheiro, o preço máximo encontrado foi de 0.80 e o preço mínimo 0.02 euros/pinheiro. Geralmente o preço médio é mais alto onde o rendimento é maior, mas esta regra não é absoluta.



3.3.4. Forma jurídica laboral

Dos inquiridos, 89% trabalham por conta própria e apenas 6% por conta alheia e 5% em cooperativas. O regime de segurança social dos que trabalham por conta própria é maioritariamente o regime “especial agrário”. Os trabalhadores por conta de outrem recebem geralmente remuneração mensal.

3.3.5. Venda da resina à indústria

Quanto à forma como a resina é vendida, 99 % dos inquiridos vendem-na diretamente a uma indústria de primeira transformação. Oitenta e sete por cento vendem apenas a uma empresa, e os restantes vendem maioritariamente a duas empresas. O preço médio da resina durante a última campanha (2018, 2019 ou 2020, conforme os casos) foi de 0.93 euros, com uma moda de 0.90 euros. A perceção sobre a evolução dos preços é que desceu nos últimos três anos.

O preço é fixado no início da campanha pela indústria. Pode incluir ou não o transporte (67%), adiantamentos, as ferramentas e o material (sacos, chapas, pontas).

3.4. CONDIÇÕES DE TRABALHO E VIDA

3.4.1. Condições de trabalho

A maior parte dos resineiros (99%) utiliza como coletor um vaso de plástico e pasta química como estimulante (99%), que compra (93%) ou fabrica (4%). As pastas mais utilizadas são a pasta branca¹ ou a pasta brasileira².

As ferramentas de trabalho dos resineiros são adquiridas principalmente em ferreiro (35%) ou compradas à fábrica a que vendem a resina (34%). Outras origens das ferramentas utilizadas: fabricadas pelo próprio, herdadas ou fornecidas por outro resineiro.

3.4.2. Deslocações durante a campanha

A maior parte dos resineiros (93%) reside durante a campanha no seu município habitual. Uma reduzida percentagem (7%) está deslocada da sua residência. Nestes casos residem em casa alugada, numa segunda habitação ou residência familiar e ainda em habitação proporcionada pelo município onde trabalham.

3.4.3. Segurança e riscos no trabalho

Uma significativa percentagem de resineiros afirma já ter sofrido um acidente de trabalho (32%) do qual resultou lesão sem perturbação funcional na maior parte dos

¹ Pasta à base de ácido sulfúrico

² Pasta à base de ácido salicílico

casos, lesão com perturbação funcional ou doença causadora de redução da capacidade de trabalho (fig.5). Considerando o total dos entrevistados a percentagem global de pessoas com incapacidade permanente é de 2.5%.

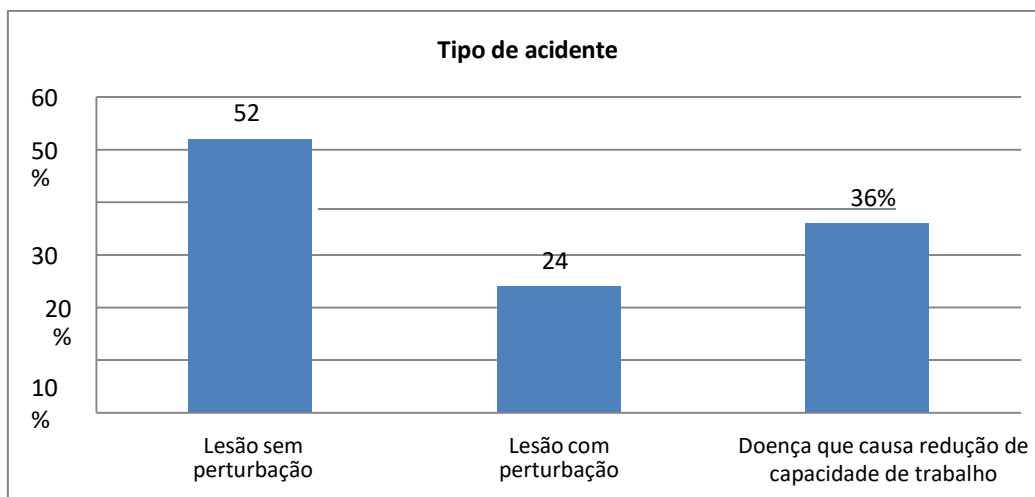


Figura 5. Tipo de acidente sofrido pelos resineiros

91% dos inquiridos indica ter seguro contra acidentes de trabalho, sendo que 83% pagam o seu próprio seguro.

97% das pessoas inquiridas estão inscritas na Segurança Social.

3.5. ATITUDE PERANTE A ATIVIDADE E DISPOSIÇÕES

3.5.1. Satisfação e dificuldades no ofício de resineiro

Quanto ao grau de satisfação com a atividade, 65% declaram-se muito satisfeitos e 30% satisfeitos. Em relação à remuneração 59% dizem estar “pouco ou nada satisfeitos” e quanto ao “reconhecimento social” há também uma elevada percentagem de insatisfeitos – 55%. As pessoas muito satisfeitas com a remuneração e o reconhecimento social são 6% em ambos os casos.

A maior parte das respostas sobre as características mais atrativas do trabalho incidem sobre trabalhar ao ar livre (38%) e a independência do trabalho (50%) – fig. 6.

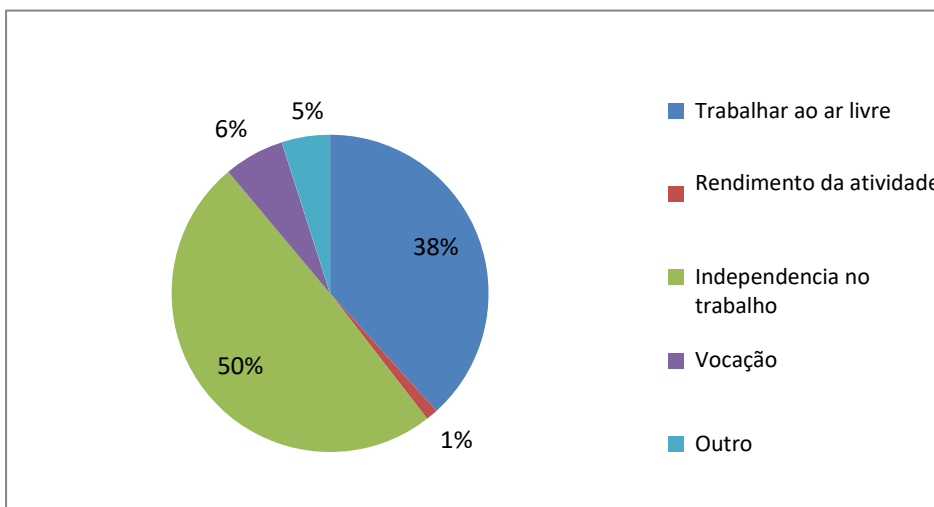


Figura 6. Características da atividade que mais agradam aos resineiros

Os aspetos da profissão menos satisfatórios que foram identificados são maioritariamente os baixos rendimentos (25%) e o risco de incêndio (24%). A dureza física do trabalho é identificada por 18% dos inquiridos (fig. 7).

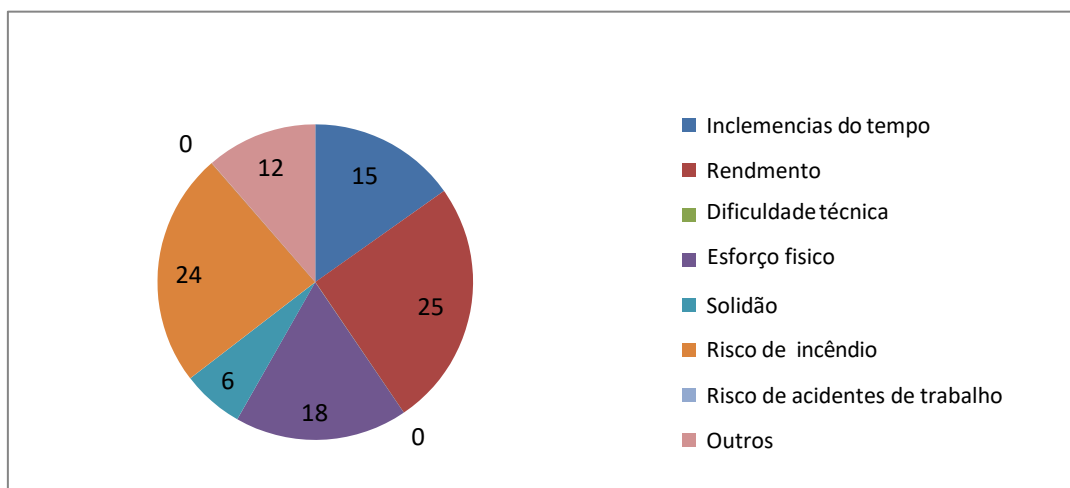


Figura 7. Características da atividade que menos agradam aos resineiros

3.5.2. Preocupações quanto ao futuro e “relevo geracional” da profissão

Neste capítulo a preocupação mais apontada é o baixo preço da resina (41%); a falta de pagamento pelos compradores (16%) e a alta frequência dos incêndios são outras preocupações importantes (fig. 8)

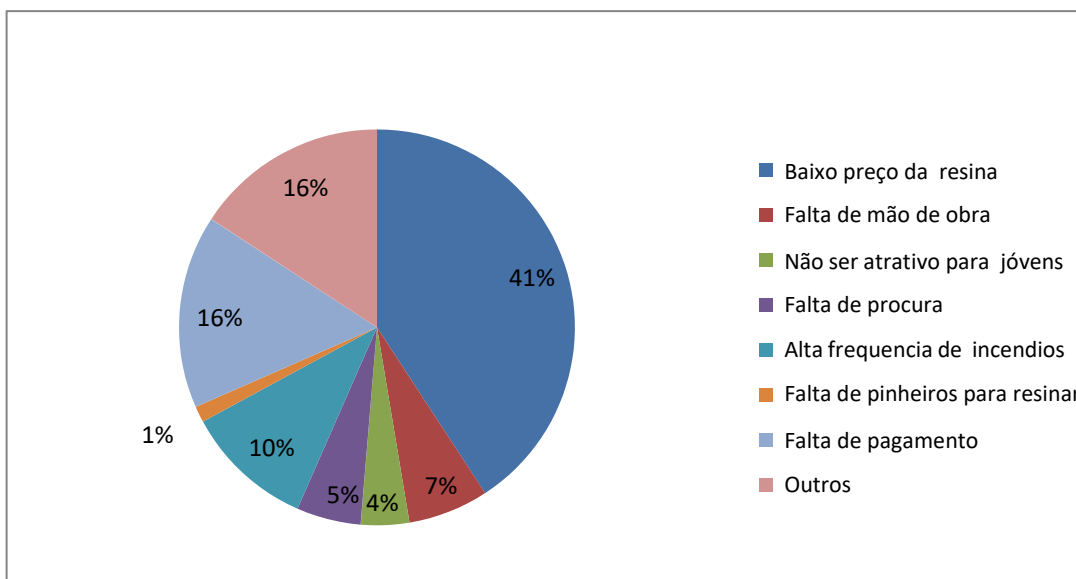


Figura 8. Principais preocupações quanto ao futuro da resina

Apesar da forte “transmissão familiar” da atividade da resinagem, as novas gerações (filhos) não parecem interessar-se pela atividade a ponto de lhe dar continuidade: 73% dos resineiros com filhos afirmam que os filhos não participam em nenhuma das tarefas relacionadas com a resinagem. Apenas dois dos inquiridos disseram que os filhos também são resineiros.

3.5.3. Disponibilidade para realizar outras tarefas

A disponibilidade para realizar outras atividades durante a campanha é de 36%, enquanto fora da campanha é de 68%. A disponibilidade para realizar vigilância florestal alcança 65% de respostas positivas. Outras atividades são também sugeridas: aproveitamento de produtos não florestais, cogumelos, plantas aromáticas, pinhas, apicultura e criação de gado.

3.5.4. Fatores que mais afetam a rentabilidade da atividade/fatores a melhorar

Os fatores que, segundo os inquiridos, mais afetam a rentabilidade da atividade são os indicados na figura 9, nomeadamente o preço do aluguer dos pinheiros, os gastos de deslocações, os impostos e a sazonalidade do trabalho. Apesar de o preço da resina não

figurar como possibilidade de resposta, dois fatores relacionados com o preço foram indicados pelos resineiros: a margem dos intermediários e a margem de lucro das empresas transformadoras da resina (esta última integrada na categoria “outros”). Ainda nesta categoria, 4% dos inquiridos referem o preço da resina como fator determinante da rentabilidade da atividade.

Quando questionados sobre os aspetos a melhorar para aumento da rentabilidade (para além do preço e da remuneração) a maioria respondeu reduzir o esforço físico (49%). Poder exercer uma segunda atividade foi a segunda resposta mais frequente (27%). Outros aspetos indicados foram: menos carga horária e dispor de ajudas para transporte, alimentação e alojamento ou poder contratar um seguro contra incêndios, remunerar as atividades de manutenção da floresta.

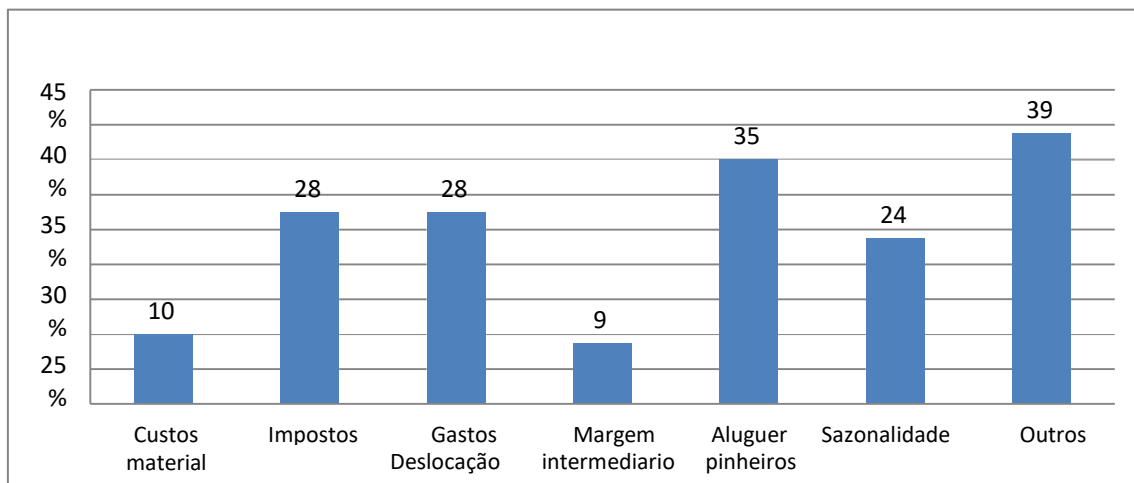


Figura 9. Fatores que afetam a rentabilidade da atividade

3.5.5. Mulheres resineiras

Oito das 14 mulheres participantes no inquérito responderam que os fatores que dificultam a maior participação das mulheres na profissão são a dureza do trabalho e o facto de o trabalho ser efetuado em condições de solidão na floresta. Referiram algumas mulheres que a sua participação na atividade não é muito visível porque tradicionalmente ajudam familiares homens e não participam de forma independente. Quanto a melhorias capazes de aumentar a participação das mulheres sugeriram: ajudas económicas, evolução para processos com diminuição do esforço físico e normalização e empoderamento das mulheres, mediante troca de experiências e campanhas de formação.



3.5.6. Participação em estruturas de Organização Coletiva

A participação em organizações profissionais ou sindicatos é baixa – 25% nas primeiras e 9% nas segundas, mas há uma percentagem elevada de inquiridos que valoriza a participação em organizações coletivas. Alguns resineiros participam em formas de organização informais – grupos de WhatsApp, por exemplo.

3.5.7. Utilização de novas tecnologias e dispositivos

Um elevado número de resineiros (83%) usa smartphone e 96% usa aplicações de comunicação e correio eletrónico – 84%. Mais de metade dos profissionais usam GPS.

4. RESULTADOS EM PORTUGAL

4.1. INFORMAÇÃO SOCIO ECONÓMICA

4.1.1. Descrição geral da população inquirida

A população de resineiros em Portugal não deverá exceder o número de 500 (estimativa da Resipinus). Exercem a sua atividade tradicionalmente na grande mancha arenosa de pinhal do litoral centro (Leiria, Marinha Grande, Pombal, Alcobaça e Nazaré) e também em regiões do pinhal interior centro (Guarda, Viseu, Seia) e norte (Chaves, Botocas, Vila Real). São detentores de uma experiência assinalável, mas a maioria sente-se despojada e frequentemente no limite da sua resiliência.

A nacionalidade maioritária dos inquiridos é a portuguesa, mas também participaram dois cidadãos brasileiros.

Os resineiros portugueses inquiridos têm entre 20 e 78 anos de idade (figura 10). A moda da idade é 66 anos e a média 56,4 anos. Conforme a figura 10 mostra, trata-se de uma população fortemente envelhecida – com 38% na classe entre 50 e 65 anos e 32% acima de 65 anos.

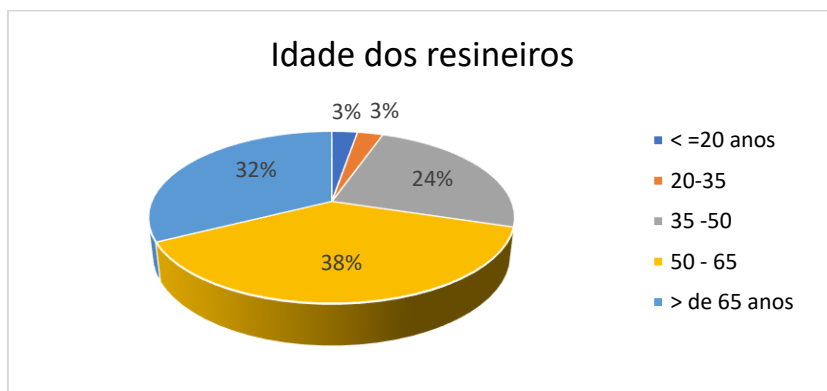


Figura 10. Distribuição dos resineiros inquiridos por classe de idade

4.1.2. Início da atividade

A maioria dos resineiros portugueses inquiridos iniciou a sua atividade com um familiar (51%) ou outro resineiro (31%). Uma menor percentagem começou a resinar com alguém da indústria da resina (9%) – fig 11.

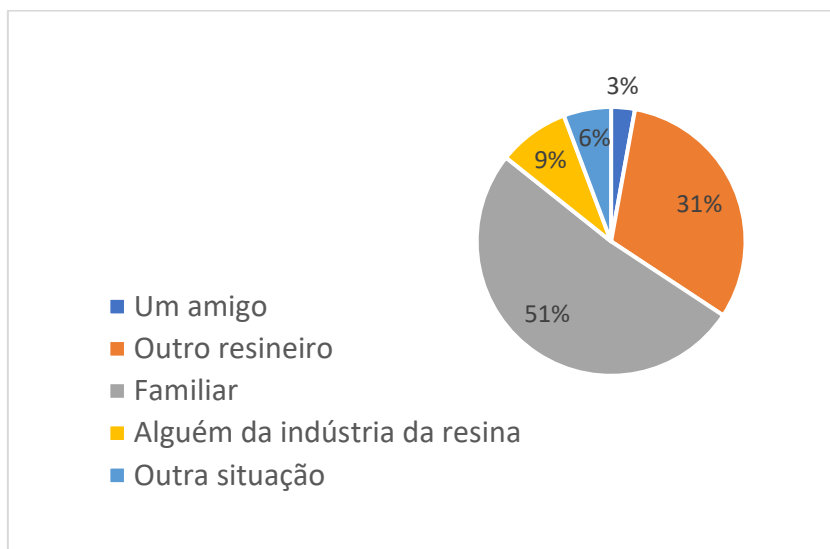


Figura 11. Como os resineiros se iniciaram na atividade

Encontramos um número elevado de resineiros com muitos anos de experiência – 25% têm mais de 40 anos de atividade e 17% entre 30 e 39 anos (fig. 12). No entanto é também significativa a percentagem de resineiros com menos de 10 anos de experiência (33%).

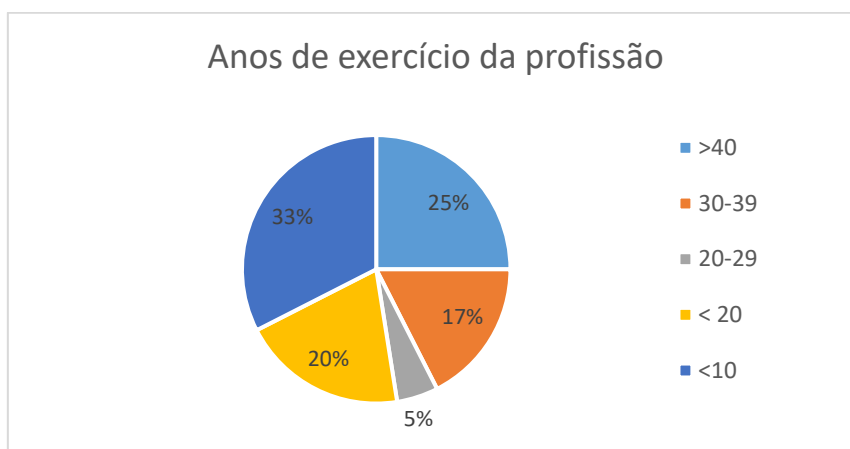


Figura 12 – Distribuição dos resineiros por anos de experiência na profissão

4.1.3. Tempo de trabalho na resinagem

Os inquiridos não trabalham o ano inteiro na resina, mas 43 % deles afirmou trabalhar mais de 40 semanas, (280 dias) por ano na atividade (figura 13).

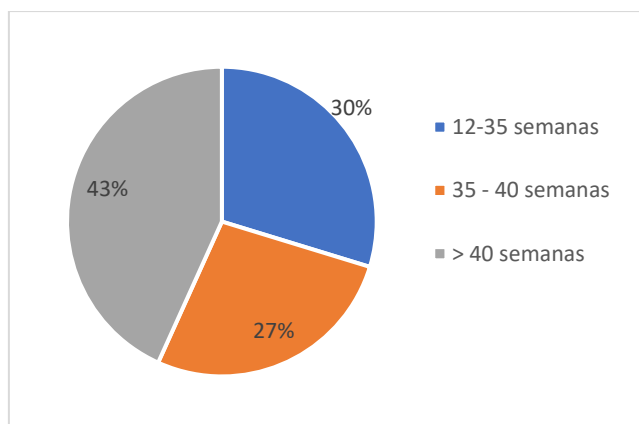


Figura 13 - Número de semanas trabalhadas por ano pelos resineiros

Já quanto ao horário semanal a maioria (47%) trabalha entre 35 e 45 horas semanais e uma significativa parte – 19% - mais de 45 horas (figura 14). Dos inquiridos 66% trabalham ao fim de semana. Apenas 1 trabalha exclusivamente ao fim de semana.

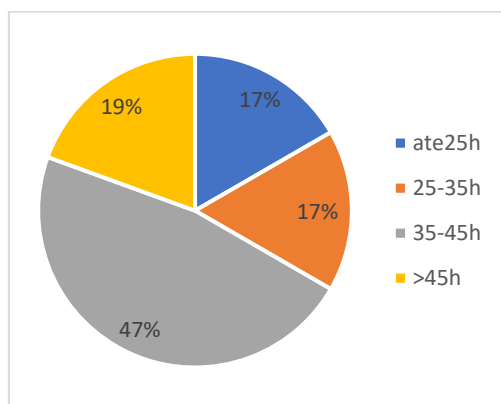


Figura 14 - Número de horas trabalhadas por semana

4.1.4. Nível de instrução e formação profissional

A maioria dos resineiros inquiridos, (61%) têm baixo nível de escolaridade (até 4 anos). A percentagem dos que têm de 5 a 9 anos de escolaridade é de 32%. Dos inquiridos há 5% licenciados (2) e 1 tem o 12º ano (2%) – tabela 1.

Tabela 1- Nível de instrução dos resineiros

Nível de instrução / anos de escolaridade	
Básico – 1º ciclo (até 4º ano de escolaridade)	61%
Básico – outros (5º ao 9º de escolaridade)	32%
Secundário (10º ao 12º de escolaridade)	2%
Ensino Superior	5%

Apenas um resineiro disse que possui carta profissional obtida aos 18 anos, em formação profissional ministrada nos antigos serviços florestais. Um outro mencionou a frequência de um curso organizado por uma associação de produtores florestais.

41% dos inquiridos manifesta interesse em acreditar as suas competências profissionais. Os restantes não têm interesse ou não respondem.

A maior parte dos que responderam à questão: em que temática gostaria de frequentar algum tipo de formação preferem a “extração de resina” (64%), “operações na floresta, em geral” (20%) e “operação com equipamentos e segurança no trabalho” (16%).

4.2. ATIVIDADE DE EXTRAÇÃO DE RESINA

4.2.1. Intensidade do trabalho

Em média um resineiro trabalha 9.400 pinheiros, o que é uma média muito elevada. Os valores que nos foram indicados oscilam entre 800 e 30.000, valor que só dificilmente poderá ser atingido por um único resineiro. Os números mais baixos correspondem a resineiros que se dedicam à atividade a tempo parcial.

68% dos resineiros afirma trabalhar em grupo e os restantes isoladamente

Realizam, em média 8.9 renovas e 2.4 colhas por campanha.

4.2.2. Forma jurídica laboral

Cerca de metade dos inquiridos - 51% trabalha por conta própria e 49% por conta de outrem.

Os assalariados recebem ao mês ou por quantidade de resina extraída

4.2.3. Acesso ao pinhal e preço da resina

Os resineiros que trabalham por conta própria fazem o contrato para aceder ao pinhal diretamente com os proprietários do pinhal; regista-se grande variação do preço do

aluguer da ferida, que pode ir de 0,20 a 1 euro. O valor médio deste aluguer é de 0,56 euros por ferida, sendo a moda de 0.40 euros. Verifica-se alguma variação regional do valor deste aluguer, que atinge valores mais elevados em regiões mais fáceis de trabalhar e com maior produtividade de resina (ainda que empiricamente determinada pela experiência dos resineiros). Assim, é na zona litoral centro - Leiria, Alcobaça, Marinha Grande, Nazaré, Figueira da Foz e Pombal, que se atingem valores de 0,80 a 1 euro. Em zonas do interior centro, o preço do aluguer da ferida é mais baixo – 0,40 euros (Seia, Nelas, Covilhã, Manteigas). Em Chaves, Boticas, Vila Real, Sabrosa ou Vila Pouca de Aguiar, o preço médio ronda os 0.50 euros.

Apenas dois resineiros afirmaram resinar em pinhais próprios. Os restantes pagam aluguer do pinhal a proprietários privados (90%) ou baldios (57%). Refira-se que esta pergunta pode ter mais do que uma resposta, uma vez que os resineiros com frequência trabalham em parcelas dispersas, de reduzidas dimensões, pertencentes a vários proprietários.

O preço da resina ao longo da campanha não é garantido: 60% dos inquiridos referem que o preço da resina variou. Relativamente aos últimos 3 anos, 52% dizem que se manteve e 48% dizem que desceu. O preço médio de venda do quilo de resina à porta da fábrica foi de 0,96 euros, e diz respeito à campanha de 2020. Refira-se que o ano de 2021, em que teve lugar o inquérito em Portugal, é um ano atípico, em que o preço subiu no final da campanha.

4.3. CONDIÇÕES DE TRABALHO

4.3.1. Aquisição de ferramentas e uso de recursos técnicos

As ferramentas utilizadas podem ser compradas a um ferreiro, à empresa para a qual trabalha ou à unidade industrial a quem vende a resina (figura 15).

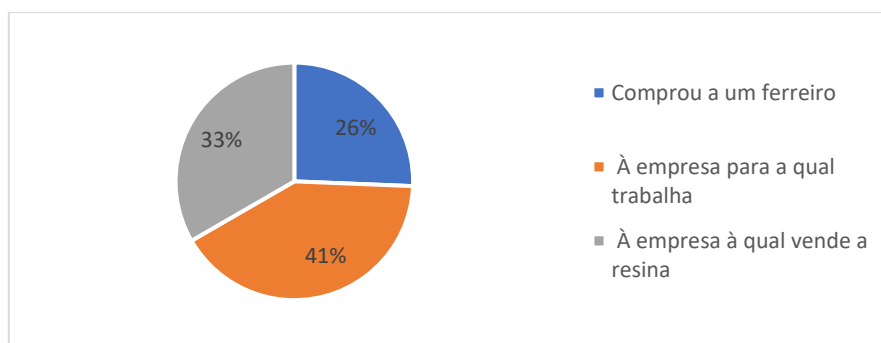


Figura 15. Origem das ferramentas de trabalho do resineiro



A maioria usa púcaro (55%) e os restantes usam saco de plástico para a recolha da resina. No Norte do país é mais frequente o uso de saco.

Todos os resineiros usam estimulante químico, à base de ácido sulfúrico, que compram. Apenas um deles afirmou fabricar a própria pasta (também ácida).

4.3.2. Segurança e acidentes de trabalho

Apenas 5% dos inquiridos referiram ter sofrido um acidente de trabalho. Outros 5% tiveram um acidente que envolveu a pasta química. O socorro não foi necessário nos casos reportados ou os próprios acidentados tiveram condições para procurar ajuda. Apenas foi reportada uma incapacidade de trabalho ligeira, embora permanente, resultante de um dos acidentes, em que o tempo de inatividade foi de 7 dias.

Dos resineiros inquiridos 73% afirmam ter seguro de trabalho, os restantes encontram-se desprotegidos; 88% afirmam que estão inscritos na Segurança Social.

4.3.3. Deslocações durante a campanha

Todos os inquiridos habitam na residência habitual, exceto um imigrante.

4.4. ATITUDES E PREDISPOSIÇÕES

4.4.1. Grau de satisfação com a profissão

Quando inquiridos sobre o *gosto pela atividade* que desenvolvem, 67,5% dos resineiros manifestam estar muito satisfeitos com a profissão e 32,5% satisfeitos; já quanto ao esforço físico que a mesma implica, um total de 39% estão pouco ou nada satisfeitos. Quanto à remuneração, as duas categorias pouco e nada satisfeito agrupam 63,5% dos inquiridos. Igualmente baixo é o grau de satisfação com o reconhecimento social da profissão: 36,6% declaram-se nada satisfeitos (tabela 2).

Tabela 2 – Grau de satisfação com a profissão

Grau de satisfação com a profissão	1. Muito satisfeito	2. Satisfeito	3. Pouco satisfeito	4. Nada satisfeito
Gosto pela atividade	67,5%	32,5%	0,0%	0,0%
Esforço físico	9,8%	51,2%	24,4%	14,6%
Remuneração	9,8%	26,8%	53,7%	9,8%
Reconhecimento social da profissão	4,9%	36,6%	22,0%	36,6%

Em suma, o gosto pela profissão é grande, apesar da pouca satisfação com a remuneração e a perceção do baixo reconhecimento social.

4.4.2. Satisfação e dificuldades do ofício

Quando se pergunta aos resineiros o que mais lhes agrada na profissão a maior parte responde que é trabalhar ao ar livre (figura 16) e o gosto pessoal pela atividade. Segue-se a independência do trabalho e só depois a remuneração obtida.

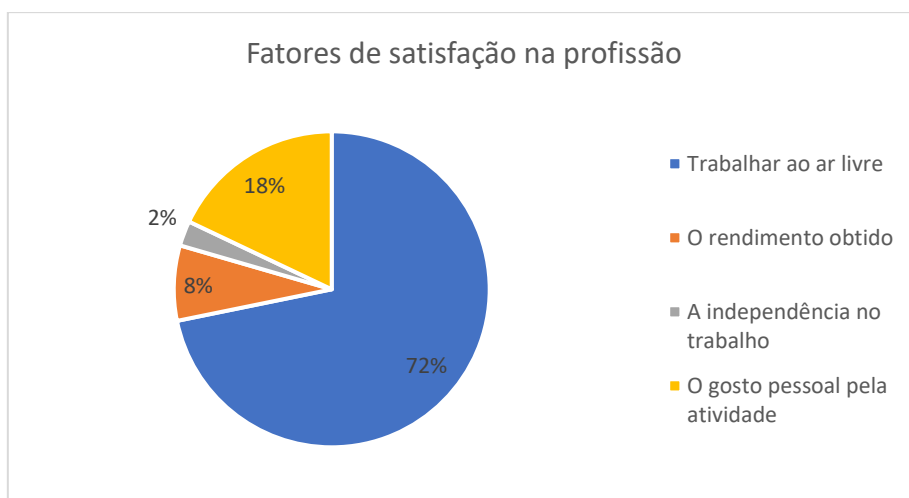


Figura 16. O que mais agrada aos resineiros na profissão

Quando perguntados sobre o que mais lhes desagrada respondem, por ordem decrescente, o trabalho sujeito à chuva e elementos do clima, o risco de incêndio (13%) e o esforço físico (12%). O rendimento obtido fica em quarto lugar (figura 17).

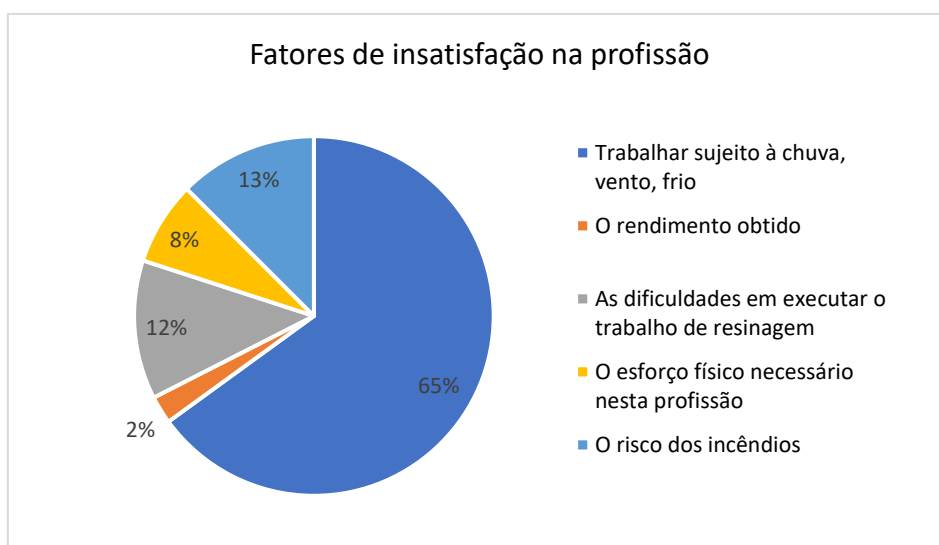


Figura 17. O que mais desagrada aos resineiros na profissão



4.4.3. Preocupações quanto ao futuro

Sobre as preocupações quanto ao futuro (Figura 18), a preocupação dominante é a falta de mão de obra para resinar (33%). Em seguida aparece a preocupação com os incêndios e com “o preço da resina não pagar o custo”.

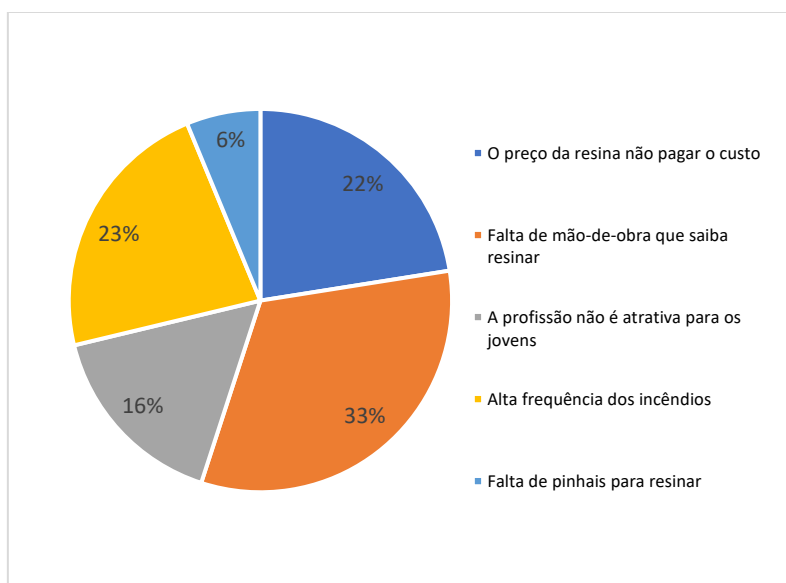


Figura 18. As preocupações dos resineiros em relação ao futuro

4.4.4. Continuidade geracional da atividade

Do conjunto dos inquiridos 73% têm filhos maiores de idade, mas 90% destes não têm qualquer relação com a atividade florestal. Apenas um resineiro tem o filho na atividade e outros dois ajudam pontualmente na colha da resina e três na preparação dos pinheiros e renovas.

Apesar das dificuldades da atividade uma larga maioria manifesta intenção de continuar na resinagem (92%).

4.4.5. Disponibilidade para trabalhar em outras atividades

Os resineiros manifestaram-se quanto à sua disponibilidade para trabalhar noutras atividades, no período da resinagem e fora dele (tabela 3). A maioria declara não ter disponibilidade nem fora nem durante a campanha, provavelmente devido ao elevado número de horas semanais trabalhadas na resina.

	1. Disponível	2. Não disponível	3. Depende ou n.s. / n.r.
Que grau de disponibilidade tem para trabalhar, em complemento da resinagem, noutra atividade na floresta - durante a campanha na resinagem	10	31	0
Que grau de disponibilidade tem para trabalhar, em complemento da resinagem, noutra atividade na floresta - fora da campanha na resinagem	9	32	0
Que grau de disponibilidade tem para exercer vigilância da floresta?	27	14	0
Que grau de disponibilidade tem para exercer atividade de sapador florestal?	7	34	0
Que grau de disponibilidade tem para exercer outras operações florestais?	10	31	0

Tabela 3 – Disponibilidade dos resineiros para outros trabalhos

A disponibilidade para a vigilância da floresta é elevada, talvez porque os resineiros consideram que, de facto, já a praticam durante a sua atividade. Para as tarefas de sapador florestal e para executar outras operações/trabalhos florestais a maioria declara-se indisponível.

4.4.6. Fatores que afetam negativamente o rendimento da atividade

Os fatores que mais influenciam negativamente a atividade ou o seu rendimento (tabela 4), são, para os resineiros inquiridos, os impostos (56%), os custos com materiais e ferramentas (12%) e o valor pago pela “bica” (aluguer da ferida), escolhidos como primeira opção. Como segunda opção foram escolhidos os fatores: despesas de deslocação (35%), novamente os impostos e a margem dos intermediários.

	1.ª opção	2.ª opção
Os custos com material e ferramentas	12%	10%
Os impostos pagos	56%	19%
As despesas com as deslocações	9%	35%
A margem dos intermediários	3%	19%
O valor pago aos proprietários florestais pela “bica”	12%	6%
<i>Doença(s) dos pinheiros</i>	9%	0%
Baixo preço da resina	0%	10%

Tabela 4. Fatores que afetam negativamente o rendimento da atividade



4.4.7. Que fatores melhorar na resinagem

Foi perguntado aos resinheiros o que deveria ser melhorado no setor da resina (figura 19), para além do salário e do valor que lhes é pago pela resina. A resposta “reduzir o esforço físico” foi maioritária; seguiu-se a opção “trabalhar menos horas por dia”.

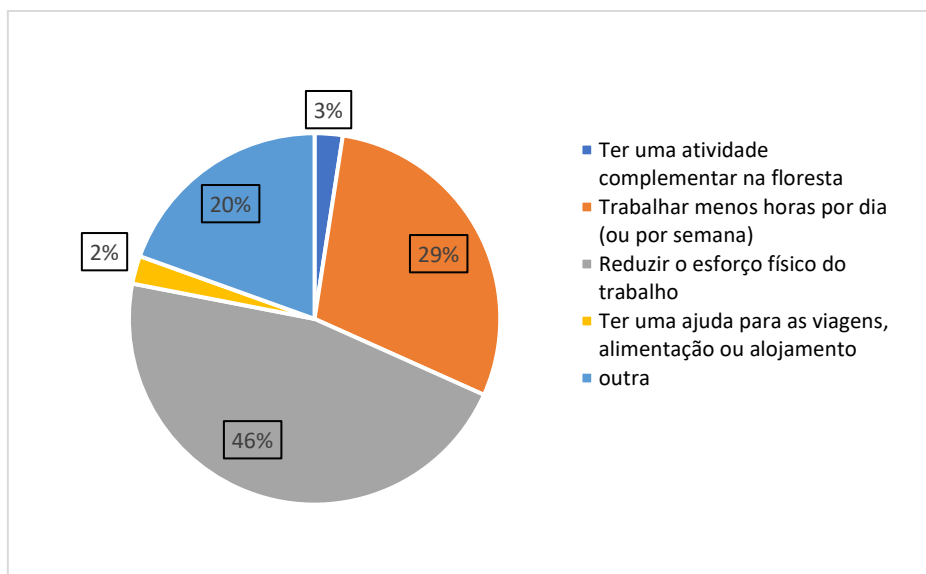


Figura19. O que melhorar na atividade da resinagem (além da remuneração e preço da resina)

4.4.8. Contribuição da resinagem para o rendimento familiar

Na figura 20 identificam-se as principais fontes de rendimento do resinheiro. Para 78% dos resinheiros a resina é a principal fonte de rendimento familiar, seguindo-se (para 10% deles), a reforma, pensão ou outra prestação social. O salário de outra atividade na agricultura ou floresta e/ou atividade empresarial por conta própria na mesma área não ocupam posição de relevo (5% cada uma delas).

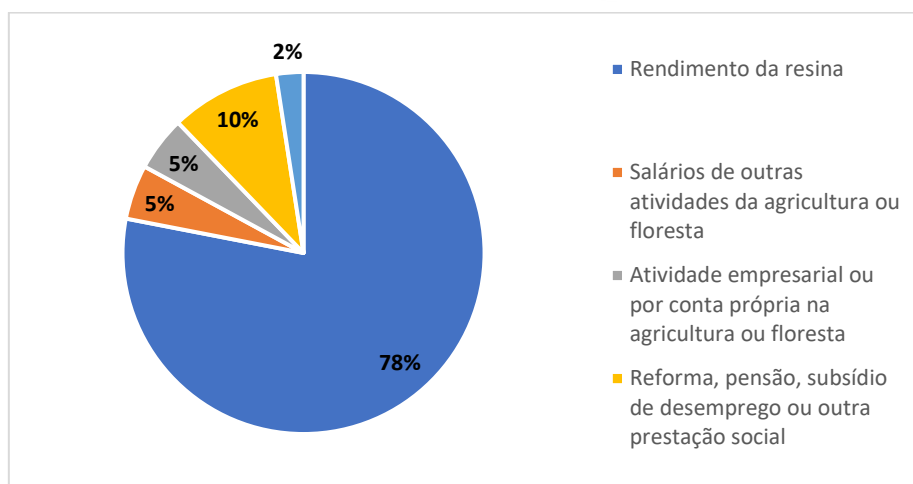


Figura 20. Fontes de rendimento do resineiro: reforma, pensão ou outra prestação social.

Para a esmagadora maioria (78%) o rendimento da resina representa mais de 50% do rendimento familiar (figura 21). Para 49% da população inquirida a resina representa mais de 75% do rendimento. Esta forte dependência deste rendimento poderá ser uma das explicações para a manutenção na profissão, apesar das condições pouco atrativas da atividade.

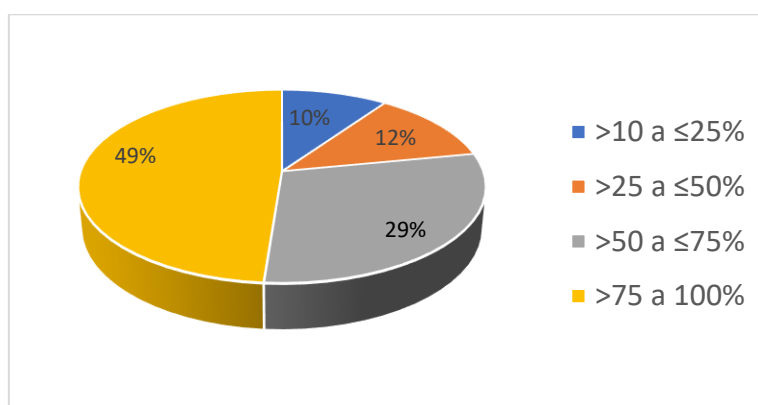


Figura 21. Peso relativo da resina no rendimento familiar

4.4.9. Uso de novas tecnologia e dispositivos eletrónicos

Os resineiros inquiridos utilizam telemóvel (15%) e *smartfone* (41%); 29% têm computador e 5% tablet.

Relativamente ao uso de novas tecnologias de comunicação e localização geográfica, 20% usa aplicação de GPS, 32% tem conta de correio eletrónico e 22% usa uma aplicação de comunicação.



4.4.10. Participação dos resineiros em Organizações Coletivas

Os resineiros portugueses, de uma maneira geral, não valorizam a participação em organizações coletivas profissionais ou de classe (sindicato). Mesmo assim, 27% pertencem a uma organização representativa de resineiros (Resipinus); nenhum pertence a sindicatos.



5. RESULTADOS EM FRANÇA

Em França o número de resineiros ativos é reduzido, pese embora o crescente interesse suscitado pela atividade, particularmente com o incentivo criado pela participação de algumas Associações de Proprietários Florestais no SustForest Plus.

A partir das entrevistas realizadas, foram definidos os seguintes perfis de resineiros:

- Resineiro a “título experimental”, para quem resinar é apenas uma experiência
- Resineiro principiante, que iniciou atividade em 2018 ou 2019, no âmbito do SustForest Plus.
- Resineiro experiente, com mais de 5 anos na atividade, e ocupação de 6 a 7 meses durante o ano.

Estão presentes duas categorias socio profissionais:

- Auto empreendedor, que vende a resina às empresas de primeira transformação, e recebe de acordo com a quantidade de resina entregue
- Empregado, operário silvícola, que é remunerado ao mês

Para ambas as categorias a resinagem é uma atividade complementar das suas outras atividades; a campanha tem a duração de 4 a 6 meses; praticam renova mecânica, com ferida circular e estimulante neutro, e recolha hermética da resina, em sacos de plástico.

A satisfação/realização na profissão deve-se a trabalharem ao ar livre, de forma independente; utilizam novas tecnologias como rotina, por exemplo *smartfone*.

As dificuldades sentidas são:

- sazonalidade do trabalho
- esforço físico (devido ao peso da máquina para fazer renovas)
- as condições de trabalho, com exposição aos elementos do clima, carga horária elevada, poeiras da casca ao fazer o descarrasque.
- organização do trabalho (transporte e manutenção da máquina, transporte de baterias e dos sacos de recolha de resina)
- desejam ter o reconhecimento do ofício/certificação profissional.

A principal preocupação relativamente ao futuro é a flutuação de preços da resina.

Foram registadas algumas sugestões de melhoria da atividade relacionadas com condições de trabalho (segurança e equipamentos) de cariz tecnológico:

- disporem de sistemas de alarme para socorro, já que trabalham isolados
- disporem de máscaras anti poeira
- utilização de exosqueleto, para facilitar o transporte da máquina de resinagem.



6. CONCLUSÕES

Os resineiros são um coletivo profissional heterogéneo nos três países do Sudoe. Apesar das diferenças encontradas, há traços comuns às várias populações de resineiros. Pela reduzida dimensão do coletivo e suas características particulares, algumas destas considerações finais não se aplicam aos resineiros de França, um coletivo com capacidade para se expandir, mas dificilmente comparável aos coletivos de Portugal e Espanha.

Os resineiros preservam uma atividade geradora de riqueza e que está na origem de uma multiplicidade de produtos de elevado valor e imprescindibilidade para a indústria europeia e mundial. Essa atividade envolve esforço físico considerável e sujeição a condições de trabalho difíceis (exposição às condições meteorológicas adversas, trabalho em isolamento, apesar de efetuado ao ar livre); é, pois, um trabalho duro, gerador de riqueza e primeiro elo numa vasta cadeia de valor. Todavia o reconhecimento social desse trabalho é baixo, sem correspondência com o elevado valor que gera. Em Portugal os resineiros constituem um coletivo envelhecido, com uma média de idade de 56,4 anos e muitos anos de experiência na atividade – 25% com mais de 40 anos, mas também se verificam novas entradas na profissão. Em Espanha a experiência profissional de muitos não excede 10 anos e a idade média é mais baixa – 44,6 anos. Em ambos os países são maioritariamente trabalhadores por conta própria, que aprenderam ou “herdaram” o ofício de um familiar ou de outro resineiro. A necessidade de formação profissional é sentida nos dois países. Espanha tem já experiência acumulada neste domínio. Foram identificados pelos resineiros alguns temas do seu interesse: extração de resina, trabalhos florestais, novas tecnologias, equipamentos e segurança laboral e ainda temas ligados à conservação e ecologia do pinhal. Em Portugal, a oferta é inexistente. A formação profissional “regulada” contribuiria para melhorar o reconhecimento social do ofício, uma questão sentida pelos resineiros. Para a maioria dos resineiros a extração de resina é a principal fonte de rendimento (contribui com entre 50% a 100% do rendimento familiar). Em Espanha uma parte considerável dos profissionais (42%) diversifica as suas fontes de rendimento realizando outros trabalhos relacionados com o setor florestal e agropecuário. Em Portugal essa percentagem é de 40%. O número médio de pinheiros resinados por campanha e trabalhador em Espanha é de 6.342. Em Portugal, esse valor é superior – 9.400 pinheiros. A produção média (Espanha) por campanha é de 18.680kg/campanha, sendo a moda - 12.000 kg. Em Portugal obtiveram-se valores superiores (27.000 kg), mas encaramo-los com alguma reserva porque é provável que alguns inquiridos tenham indicado valores que se reportam a mais do que um trabalhador. O número médio de renovas e de colhas em Portugal e Espanha é semelhante: em Portugal 8,9 renovas e 2,4 colhas por campanha, em Espanha 10,4 e 3, respetivamente. O vaso coletor é o recipiente de recolha mais frequentemente usado em Espanha. Em Portugal utiliza-se também o saco de plástico, principalmente no norte do país. O uso de pastas estimulantes à base de substâncias ácidas é generalizado. Quanto à forma de trabalhar,



a maior parte dos resineiros de Espanha trabalha de forma individual, contando com ajudas em momentos pontuais da campanha. Em Portugal 68% dos resineiros afirmam trabalhar em grupo. Em Espanha a maioria dos pinhais resinados são propriedade pública. Em Portugal, os pinhais resinados são maioritariamente propriedade privada. Alguns pinhais resinados integram os chamados “baldios”. O valor médio do aluguer dos pinheiros em Espanha é de 0.35 euros/pinheiro. Em Portugal esse valor pode atingir 1 euro por ferida, em regiões mais fáceis de explorar e tradicionalmente com boa produção por árvore, sendo o valor médio de 0.56 euros. A maioria dos resineiros vende a resina a empresas de primeira transformação (uma ou mais). Na maior parte dos casos o preço da resina é definido pela indústria de primeira transformação, sem grande margem de negociação por parte dos resineiros.

Em Espanha mais de um terço dos respondentes indicou ter sofrido um acidente de trabalho, causador de diferentes níveis de perturbação funcional. De uma forma geral os resineiros têm seguro de acidentes de trabalho, mas, em Portugal, 27% revelou não o ter. À margem do inquérito foi-nos dito que não existe um seguro para a atividade. Acordos anteriormente conseguidos em Portugal com uma companhia seguradora e intervenção de uma associação representativa dos resineiros foram, entretanto, resolvidos, na sequência dos grandes incêndios de 2017. O gosto pelo ofício é elevado, mas é baixo o reconhecimento social percebido. Os elementos geradores de satisfação mais referidos são trabalhar ao ar livre e de forma independente. Os aspetos menos apreciados são, para além do baixo rendimento, o risco de incêndio, a dureza física do trabalho e a exposição aos elementos do clima.

O documento “Integração da atividade resineira na política agrícola Comum”, que se relaciona com a atividade 2.6, Estudo das Externalidades positivas da resinagem como base para justificação do apoio do Estado no âmbito da PAC (Anexo 2.6.1.), pensado para as condições de Portugal, concretiza uma proposta de remuneração pelo conjunto das externalidades positivas da resinagem em matéria de Defesa da Floresta contra Incêndios. A sua aplicação possibilitaria aos resineiros a obtenção de um rendimento suplementar seguro e contribuiria para fixar profissionais na atividade.

A disponibilidade para diversificar rendimentos realizando outras atividades económicas está presente nas respostas dos resineiros espanhóis e é identificada como um dos aspetos a melhorar na profissão. A pouca disponibilidade manifestada para trabalharem noutras atividades fora e no período da resinagem, em Portugal, pode dever-se a não terem sido definidas as condições de concretização dessas atividades. A disponibilidade para a vigilância da floresta é quase generalizada, na medida em que os resineiros consideram que já a praticam. Para executar tarefas como sapadores florestais ou operações florestais (desramas, abate de árvores) poucos se dizem disponíveis. Uma das razões será certamente o elevado número de horas dedicado às tarefas da resina. Ambas as populações de resineiros revelam grande preocupação em relação ao futuro da atividade, seja por que temem a falta de mão de obra para resinar (Portugal), a falta



de pagamento pelos compradores (Espanha) ou o baixo preço da resina e a frequência dos incêndios (em ambos os países). Não obstante, uma larga maioria, em Portugal, pensa continuar na atividade. A redução do esforço físico despendido na atividade é um aspeto importante na melhoria desejada pelos resineiros, pelo que a linha de investigação tendente a mecanizar os trabalhos de resinagem não deve ser abandonada. Nesse sentido o carro de recolha elétrico, concebido em Espanha, no âmbito do SustForest Plus, constitui um desenvolvimento positivo, aplicável em condições de exploração adequadas. A participação em associações profissionais ou em sindicatos é, atualmente reduzida, se bem que uma parte dos inquiridos reconheça a importância dessa participação. É uma atividade marcada pela tradição familiar, mas a geração mais jovem não parece querer continuá-la sendo residual a participação dos filhos dos profissionais nas tarefas da resinagem. Este aspeto constitui porventura uma das mais sérias ameaças à manutenção da resinagem. Apesar da certa reativação do setor resineiro nos últimos anos, existe uma forte incerteza quanto ao futuro, fundamentalmente ligada à incerteza quanto aos preços da resina, às condições de remuneração e às possibilidades de captar jovens para a profissão. Finalmente, valorizar a resina, aproveitando as novas oportunidades da descarbonização da economia e da Bioeconomia, parece ser um dos caminhos a percorrer para garantir o futuro da atividade.



BIBLIOGRAFIA

BIODIVERSIA S. COOP. MAD. (2021) Informe Caracterización sociolaboral del oficio del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo.

Ramos Truchero, G., (2020) Informe de la fase I de Estudio de la Población Resinera en España Resultados de las entrevistas a informantes clave del sector, Dpto. Sociología y Trabajo Social, Universidad de Valladolid

Geoterra, (2020) Integração da atividade resineira na política agrícola comum Estudo das externalidades positivas da resinagem como base para a justificação de um apoio do Estado no âmbito da Política Agrícola Comum. Anexo ao entregável 2.6.1.

Geoterra, (2020) Casos de êxito e boas práticas de empreendedorismo da atividade multifuncional do resinero

INFORME CARACTERIZACIÓN DEL PERFIL SOCIOLABORAL DEL RESINERO. FASE 2. ESTUDIO CUANTITATIVO



Producto 2.1. Caracterización socio laboral de la población de resineros en el espacio SUDOE.



Actividad 2.2. Encuestas para la caracterización socio laboral de la población de resineros españoles

Coordinado por: Fundación Cesefor

Realizado por: Biodiversia S. Coop. Mad.



Autores: Alba Gutiérrez Girón, Ana Vázquez Benitez, Camila Monasterio Martín y Guillermo Amo de Paz

**Interreg
Sudoe**

European Regional Development Fund



EUROPEAN UNION



julio 2021

S0E2/P5/E0598
www.sust-forest.eu

SOCIOS | PATERNAIRES | PARCEIROS | PARTNERS



INFORME CARACTERIZACIÓN SOCIOLABORAL DEL OFICIO DEL RESINERO

RESUMEN EJECUTIVO	p 4
1. INTRODUCCIÓN	p 6
2. METODOLOGÍA	p 7
3. RESULTADOS	p 9
3.1. Información socioeconómica	p 9
3.1.1. Descripción general de la población encuestada	p 9
3.1.2. Nivel formativo	p 12
3.1.3. Experiencias profesionales	p 13
3.2. Oficio del resinero	p 13
3.2.1. Años de experiencia	p 13
3.2.2. Peso de la actividad en la economía familiar y diversificación de ingresos	p 14
3.2.3. Motivo de inicio de la actividad	p 16
3.2.4. Tiempo de dedicación	p 17
3.2.5. Aprendizaje del oficio, formación específica de la actividad de la resina y necesidades formativas	p 18
3.3. Condiciones de extracción y explotación	p 20
3.3.1. Descripción de las explotaciones	p 20
3.3.2. Apoyo en la explotación de los pinos	p 21
3.3.3. Propiedad y acceso a las masas de pinos	p 22
3.3.4. Figuras jurídicas laborales	p 24

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

3.3.5. Venta de la resina y evolución de los precios	p 25
3.4. Condiciones de trabajo y vida	p 27
3.4.1. Condiciones de trabajo	p 27
3.4.2. Desplazamientos durante la campaña	p 29
3.4.3. Seguridad y riesgos en el trabajo	p 29
3.5. Actitudes y disposiciones	p 31
3.5.1. Satisfacción con la actividad profesional	p 31
3.5.2. Percepción del futuro de la profesión y relevo generacional	p 33
3.5.3. Relevo generacional en una profesión de tradición familiar	p 34
3.5.4. Disponibilidad para diversificar la actividad económica	p 35
3.5.5. Factores que afectan al beneficio de la actividad y aspectos de mejora	p 37
3.5.6. Dificultades y necesidades de mejora referidas por mujeres resineras	p 39
3.5.7. Organización profesional colectiva o sindical	p 39
3.5.8. Uso de nuevas tecnologías y dispositivos.	p 39
ANEXO 1. ENCUESTA	p 41

RESUMEN EJECUTIVO

Este informe recoge los resultados obtenidos en la segunda fase de caracterización del perfil sociolaboral de los resineros y resineras del estado español realizado dentro del Proyecto Sustforest-Plus. Para ello se ha realizado un cuestionario de 88 preguntas al que han contestado 80 profesionales (14 mujeres y 66 hombres) que actualmente se dedican o han dedicado en los últimos tres años a la extracción de la resina. Las encuestas se realizaron mayoritariamente de forma telefónica. La caracterización realizada permite observar diferencias socioeconómicas en comparación a las realizadas en las dos décadas anteriores. La población profesional actual está considerablemente menos envejecida y posee un nivel formativo significativamente mayor. Con frecuencia su experiencia profesional, como resultado de haberse incorporado en la última década no supera los 10 años. Se trata mayoritariamente de profesionales de Castilla y León, aunque también han participado profesionales de Castilla la Mancha, Galicia, Extremadura y Andalucía. Mayoritariamente se trata de trabajadores por cuenta propia, principalmente inscritos en el régimen especial agrario, que han aprendido el oficio a través de otra persona dedicada a la actividad o bien conocía el oficio por la dedicación dentro de su familia. Se ha identificado una falta de oferta formativa oficial específica para la profesión. Esto se percibe como una necesidad para mejorar el reconocimiento del oficio y que en parte resolvería la falta de formación con la que se incorporan personas que no han conocido el oficio en su entorno próximo. La formación sobre la actividad de resinación a la que han tenido acceso en la mayor parte de los casos es una formación de muy corta duración y sin seguimiento. Para la mayor parte de las personas encuestadas la extracción de resina es la principal fuente de ingresos y contribuye desde el 50% al 100% a los ingresos familiares. Sin embargo, no es una actividad que se realice de forma exclusiva y una parte de los profesionales diversifica sus fuentes de ingresos realizando otros trabajos, mayoritariamente relacionados con el sector forestal y agropecuario. El promedio de pinos resinados por campaña es de 6.342 pinos/ campaña con una moda de 3.000 pinos / campaña. El promedio de la producción es de 18680 kg/ campaña y la moda es 12.000 kg / campaña. El promedio de número de picas es de 10,4 y el de número de remasas de 3. El pote es el recipiente de recogida habitual. El uso de pastas estimulantes es muy frecuente, se emplean mayoritariamente pasta blanca y pasta brasileña como estimulantes. Aunque la mayor parte trabaja de forma individual, es habitual que cuenten con ayuda de otras personas en momentos puntuales de la campaña, frecuentemente se trata de familiares y amigos. Casi la totalidad de los profesionales no son propietarios de los pinos que resinan y deben alquilarlos. La titularidad de los pinos es fundamentalmente pública. Se ha observado gran heterogeneidad en los precios de los pinos, con un valor promedio de 0.35 euros/ pino.

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

La inmensa mayoría vende la resina a empresas de primera transformación, con frecuencia vende a una sola empresa, aunque pueden vender a varias. En la mayor parte de los casos el precio es fijado por la industria que compra la resina. La negociación colectiva del precio de la resina es muy inusual. Las personas encuestadas indican una evolución a la baja de los precios de la resina en los últimos tres años. En relación a la seguridad laboral un 36 % indica que ha tenido un accidente, con diferentes niveles de perturbación funcional, en algunos casos se han referido dolencias con incapacidades permanentes. De forma mayoritaria los profesionales están asegurados contra accidentes de trabajo. El gusto o satisfacción con el oficio es alta, mientras que es baja con respecto a la remuneración y el reconocimiento social. Los elementos de la profesión que más satisfacción generan son la autonomía en el trabajo y trabajar en un entorno natural. En los elementos que generan más insatisfacción se observa una respuesta más heterogénea en la que se indican aparte de los ingresos, el riesgo a incendios y la dureza física del trabajo debido al esfuerzo físico y la exposición a las inclemencias meteorológicas. La incertidumbre sobre el futuro de la profesión se percibe mayoritariamente relacionada con factores que repercuten directamente en la remuneración del trabajo (precio de la resina, impago de la resina y disminución de la demanda de resina). Actualmente el relevo generacional dentro de las familias se percibe como algo poco probable. En la práctica la participación de los hijos e hijas apoyando en tareas durante las campañas es minoritaria. La disponibilidad para diversificar ingresos realizando otras actividades económicas es mayor que la diversificación observada. La facilitación de esta diversificación es identificada como uno de los aspectos de mejora de la profesión. Una parte importante de las temáticas formativas de interés identificadas por las personas encuestadas están vinculadas a formación en actividades compatibles con la profesión, fundamentalmente vinculadas a actividades de conservación y producción forestales. A parte de la remuneración, el aspecto de mejora de la actividad profesional señalados más frecuentemente es la reducción del esfuerzo físico. Sin tener en cuenta el precio de la resina, los elementos que más afectan al beneficio de la actividad referidos por las personas que han participado están relacionados con los gastos de diversos tipos que tiene la actividad (alquiler de pinos, gastos de desplazamiento, cuotas seguridad social, etc.). La participación en asociaciones profesionales o en sindicatos en la actualidad es reducida, aunque una parte de las personas encuestadas expresan interés en participar este tipo de organizaciones. En conclusión, tras una reducción muy importante de la actividad durante dos décadas, se ha producido una reactivación del sector en los últimos diez años. A pesar de esta reactivación se identifica una percepción de incertidumbre en la actividad, fundamentalmente vinculada a la incertidumbre de los precios de la resina y de las condiciones de remuneración.

1. INTRODUCCIÓN

En la década de los 90, coincidiendo con una bajada importante de los precios de la resina en el mercado internacional, la extracción de resina alcanza su mínimo histórico con una producción anual próxima a 1000 t/año¹. La actividad prácticamente se paraliza a excepción de zonas de tradición resinera en Segovia, donde persiste un número reducido de resineros que aprovechan los pinares más rentables, en terrenos llanos y de fácil acceso². A partir de la década de 2010 el aprovechamiento resinero se reinicia favorecido por una coyuntura socioeconómica relacionada con varios factores³: por un lado, tanto el aumento de los precios de la resina, como la crisis económica, con una reestructuración de empleo en los entornos rurales, tienen efectos directos en la reactivación de la extracción de la resina; por otro lado coinciden con factores que ponen en valor la actividad de la extracción de la resina, en particular las políticas europeas y españolas de desarrollo rural y el reconocimiento social y legal de productos forestales naturales y sostenibles³.

Este estudio parte de la necesidad del CESEFOR y del proyecto SustForest-Plus por conocer cómo es la realidad sociolaboral de los trabajadores dedicados a la producción de la resina, especialmente, de las personas que se incorporan a la actividad a partir de la década de 2010, con el resurgimiento de la actividad. Especialmente a estas nuevas incorporaciones se les atribuyen un problemáticas particulares derivadas de ser un oficio tradicional realizado por un colectivo pequeño y con importantes niveles de abandono de la actividad⁴. Los antecedentes previos de estudios se han centrado en población resinera de espacios con tradición en la actividad, con una extensión territorial reducida, pero que fueron donde se mantuvo la actividad durante la crisis del sector. Tal es el caso del estudio realizado en 2001 para la población resinera de Castilla León⁵, mayoritariamente representada por trabajadores de la provincia de Segovia. De la misma

¹ Llorente, P. (1998). Problemática y perspectiva en el sector resinero en Castilla y León. en C. Universitario (Ed.). *Primer Simposio de aprovechamiento de resinas naturales*. Actas científicas. Instituto Nacional de Investigación y Tecnología Agraria y Alimentaria (INIA). Segovia.

² Pinillos, F.M., Picardo, A., Allue-Andrade, M. (2009). La resina: Herramienta de conservación de nuestros pinares. CESEFOR. Soria.

³ Rodríguez, A. (2016). *Factores anatómicos, dendrométricos y climáticos implicados en la producción de resina de Pinus pinaster AIT.: aplicación a la mejora de los métodos de resinación*. Tesis Doctoral, Universidad Politécnica de Madrid.

⁴ Ramos Truchero, G. (2020). *Informe de la fase de estudio de la población resinera en España Resultados de las entrevistas a informantes clave del sector*. Dpto. Sociología y Trabajo Social, Universidad de Valladolid

⁵CESEFOR (2001). Estudio socioeconómico y metodológico de la resinación en Castilla y León durante la Campaña (Provincias de Segovia, Ávila, Valladolid y Soria).

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

manera, un estudio similar fue realizado únicamente para la provincia de Segovia en 2008⁶. Por tanto, la información que aporta es difícilmente generalizable a nivel nacional.

Los últimos datos disponibles para la provincia de Castilla y León, comunidad en la que se concentra la mayor parte la actividad, son de 2017. En esta ocasión se contabilizaron un total de 943 resineros, de los cuales 839 se consideraron como "tradicionales" y 104 como "nuevas incorporaciones"⁷. El número de profesionales ha ido en aumento desde 2009 a 2017. Con respecto al número global de profesionales de la resina, la Asociación Nacional de Resineros (ARN) estima una cifra de 1.500 resineros en toda España, de los cuáles 1.000 estaría ubicados en Castilla y León. Desglosando los datos por provincias de esta comunidad, el mayor número está en Segovia donde existen unos 750 resineros y el resto, hasta los 1.000, se reparte entre Soria⁸, León, Ávila, Valladolid y Burgos. Los 500 profesionales que no trabajan en Castilla y León y que completan el número total en el estado español, se reparten entre provincias como Granada, Cuenca, Guadalajara o algunos puntos de la Comunidad Autónoma de Extremadura.

2. METODOLOGÍA

La caracterización sociolaboral realizada en este proyecto ha sido dividida en dos fases de trabajo. En una primera fase se realizó un acercamiento con una metodología cualitativa a la población resinera en España, a través de informantes clave del sector que poseen una información global como profesionales experimentados con larga trayectoria de trabajo en el sector⁴. En una segunda fase la información de estas entrevistas fue empleada para contextualizar y adaptar un cuestionario de referencia elaborado por el INIAV para realizar entrevistas a un número mayor de resineros y poder realizar un análisis cuantitativo. Los resultados de esta segunda fase son los que se exponen en el presente informe.

La información necesaria se ha recogido a partir de un cuestionario con 88 preguntas organizadas en los siguientes cinco apartados temáticos: información socioeconómica, condiciones de extracción y explotación, condiciones de trabajo y vida, formación y conocimiento y actitudes y disposiciones. El

⁶ CESEFOR. (2008). *Estudio socioeconómico de resineros*. Fundación Centro de Servicios y Promoción Forestal y de su Industria de Castilla y León (CESEFOR). <http://www.cesefor.com>.

⁷ Reis, P. y Palma, A. (2019). *Estudo sociolaboral dos trabalhadores resineiros no espaço SUDOE*. Presentado en Jornadas Internacionais "O aproveitamento resineiro: Florestas com futuro" Proença-a-Nova (Portugal). Celebrado en 29 e 30 de mayo de 2019.

⁸ En la provincia de Soria estima que hay unos 100 resineros, según la estimación de varias personas del sector en la provincia.

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

cuestionario utilizado que puede ser consultado en el ANEXO I, fue adaptado y completado tras el análisis del estudio cualitativo desarrollado en la primera fase. La muestra de población seleccionada para el presente estudio ha sido obtenida del listado de contactos de profesionales del estado español elaborado por CESEFOR a la que se han sumado contactos proporcionados por las personas encuestadas.

La recogida de la información se ha realizado mediante entrevistas telefónicas o a través de la cumplimentación de un cuestionario de *google forms*. Un total de 80 profesionales han participado en el estudio, habiendo sido mayoritario el formato a través de entrevistas telefónicas (73 registros), mientras que una pequeña proporción usó el cuestionario habilitado en la aplicación *google forms* (7 registros). Las encuestas se han realizado entre diciembre de 2019 y julio de 2021.

Posteriormente se ha realizado un análisis cuantitativo descriptivo de las respuestas obtenidas en esta investigación, así como una comparación con los datos obtenidos en los estudios del perfil socioeconómico del personal resinero elaborados en 2001⁵ y 2008⁶.

3. RESULTADOS

3.1. Información socioeconómica

3.1.1. Descripción general de la población encuestada

En esta encuesta han participado profesionales de la resina de las comunidades autónomas de Castilla y León, Galicia, Extremadura, Castilla la Mancha y Andalucía (Figura 1). El 73 % de los profesionales encuestados trabajan o trabajaban mayoritariamente en Castilla y León (Figura 1), cuya distribución por provincias es la siguiente: el 33 % en Segovia, el 20% en León, el 14 % en Soria, el 5% Valladolid y el 1% en Zamora (Figura 2).

El 88% de las personas participantes siguen activas laboralmente, de estas un total de 6 personas (9% de las personas activas) actualmente ya no trabajan en la resina. Se trata de una profesión muy masculinizada (el 82 % son hombres), sin embargo, se ha conseguido incluir trabajadoras de la resina (18 % son mujeres) a diferencia de los estudios realizados en 2001 y 2008. En el estudio de 2001 consta que no se habían identificado situaciones en las que una mata fuera trabajada de forma exclusiva por una mujer, mientras que en el estudio de 2008 no se menciona la participación en las encuestas de mujeres resineras, si bien sí consta en informes anteriores la participación de mujeres en el apoyo a la explotación de matas para resina. El número de mujeres que han participado en el presente estudio es indicativo de que muy probablemente el número de mujeres profesionales en el sector sea superior a las estimaciones hechas hasta el momento, que indicaban que no superaban el 1%⁴. La nacionalidad mayoritaria (97 % de las personas encuestadas) es la española, la otra nacionalidad reportada es la búlgara.

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

Figura 1. Distribución por comunidades autónomas de la localidad de trabajo de los profesionales de la resina encuestados.

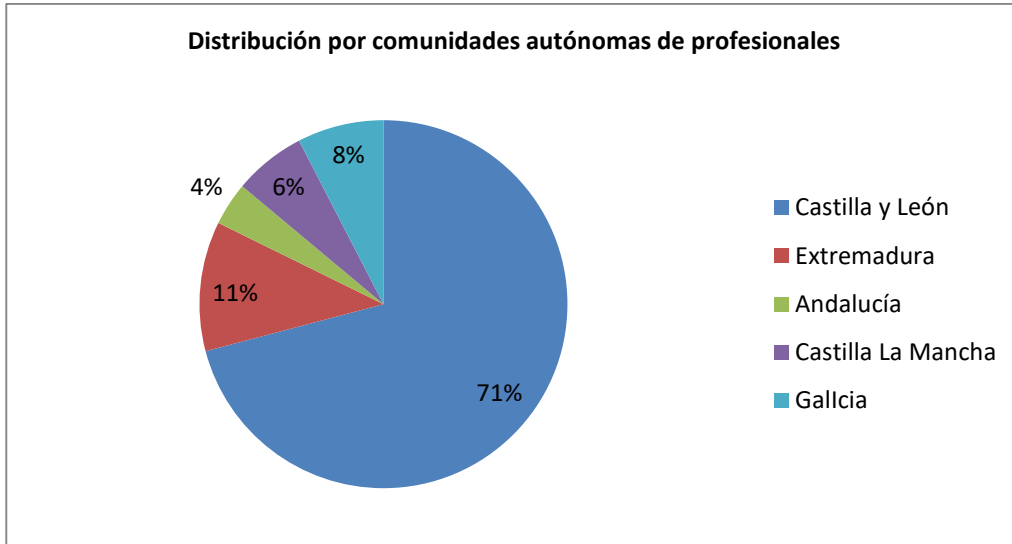
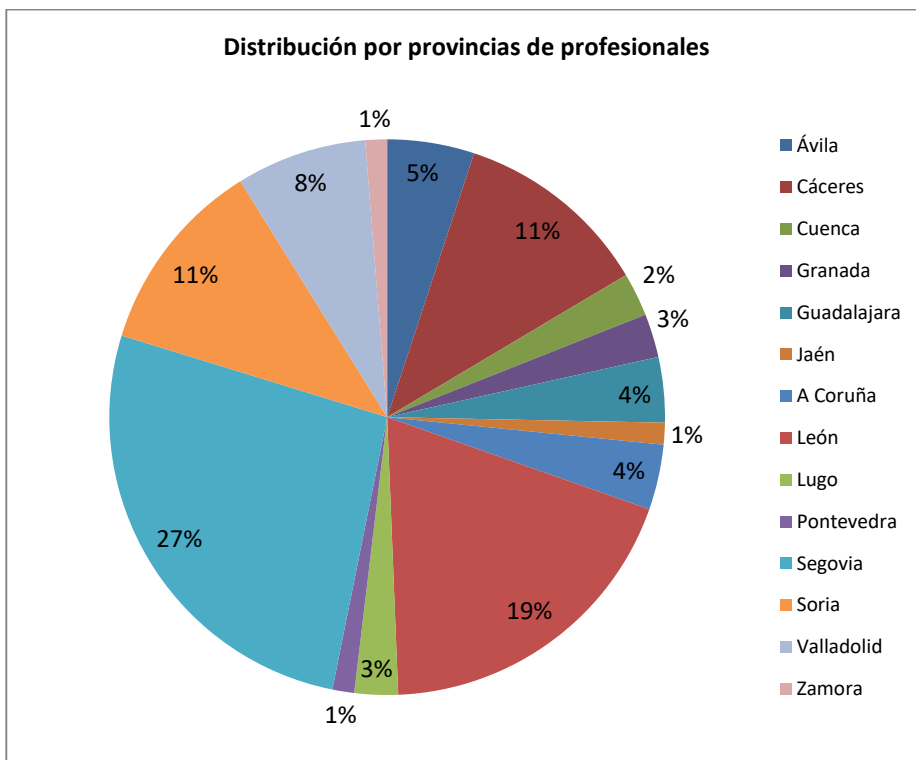


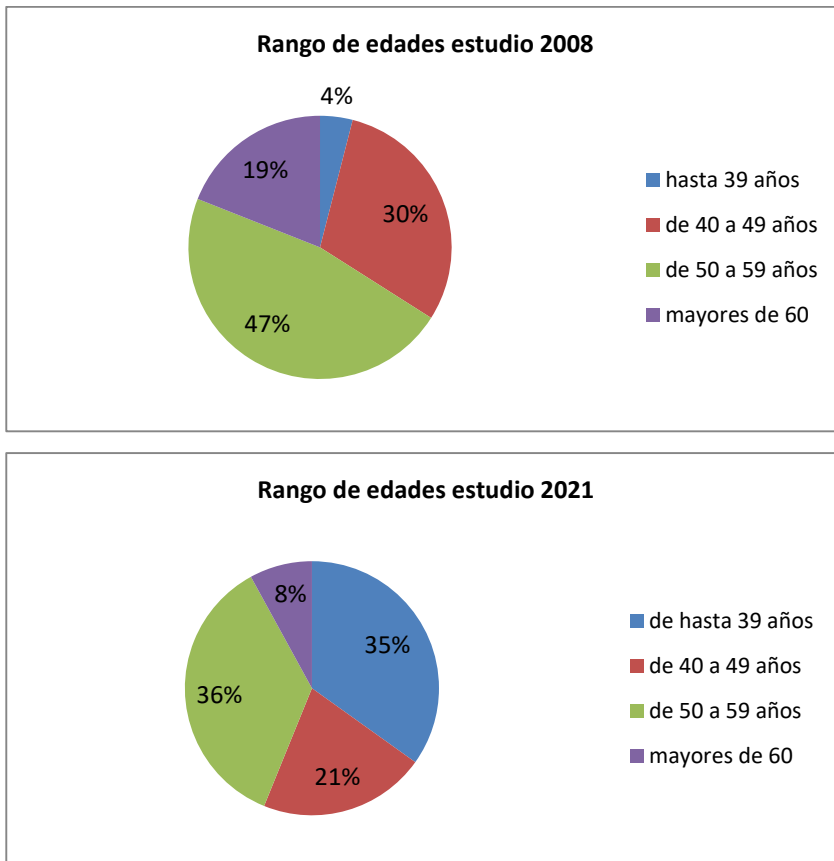
Figura 2. Distribución por provincias de la localidad de trabajo de los profesionales de la resina encuestados



Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

La edad media de las personas participantes es de 44,6 años, con una moda de 40 años y una distribución por edades representada en la Figura 3. La mayoría son personas de mediana edad (un 46 % tiene entre 30 y 49 años), seguido de personas de mediana edad avanzada (35 % tiene entre 50 y 59 años). Como era de esperar, debido a la reactivación de la actividad en los últimos 10 años, la población de profesionales encuestados en el estudio actual está mucho menos envejecida que la observada en el estudio de 2008, donde los profesionales de menos de 40 años eran el 4% (Figura 3).

Figura 3. Comparación de la distribución de rango de edades de personas dedicadas a la extracción de la resina en 2021 y 2008.

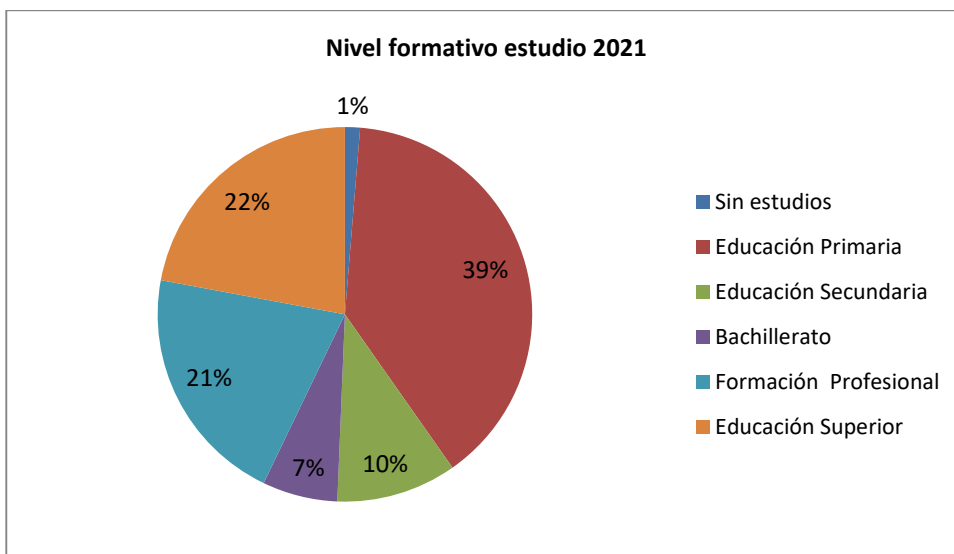


Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

3.1.2. Nivel formativo

El nivel formativo de las personas encuestadas es heterogéneo (Figura 4), con un porcentaje mayoritario de personas con nivel formativo de primaria (39%), pero con porcentajes también destacables de personas con nivel de estudios medios (38%) y personas con formación superior (22%). En el estudio realizado en 2001 se observa que la gran mayoría de los profesionales (83%) poseen un nivel de estudios básico (Certificado de Escolaridad). En el estudio realizado en 2008 se observa un nivel formativo muy similar, siendo el nivel de estudios mayoritario (86% de los profesionales) el Certificado de Escolaridad. Este porcentaje se ha reducido considerablemente en lo observado en el estudio actual, incrementándose los profesionales con nivel de estudios medio, fundamentalmente de formación profesional, que ha pasado del 3.5% en 2001 al 21% en 2021. Por otro lado, se ha dado un aumento destacable de los profesionales con formación superior con respecto a 2001, que ha pasado de 1,7% en 2001, a 21% en 2021, indicativo también del cambio en el nivel educativo de los profesionales de la resina en los últimos 20 años. El incremento de profesionales con estudios superiores puede responder a una estrategia por parte de personas arraigadas a un entorno rural concreto que optan por esta actividad profesional como una manera de permanecer vinculadas a su entorno (tal y como comentan algunas de las personas encuestadas). También coincide con una precarización generalizada de las condiciones de trabajo y pérdida de empleo tras la crisis del 2008 que ha hecho más difícil en los últimos años el acceso a trabajos técnicos, vinculados a la administración o a empresas de servicios y que ha coincidido con un aumento en el precio de la resina a partir del año 2010, haciendo más viable esta alternativa profesional.

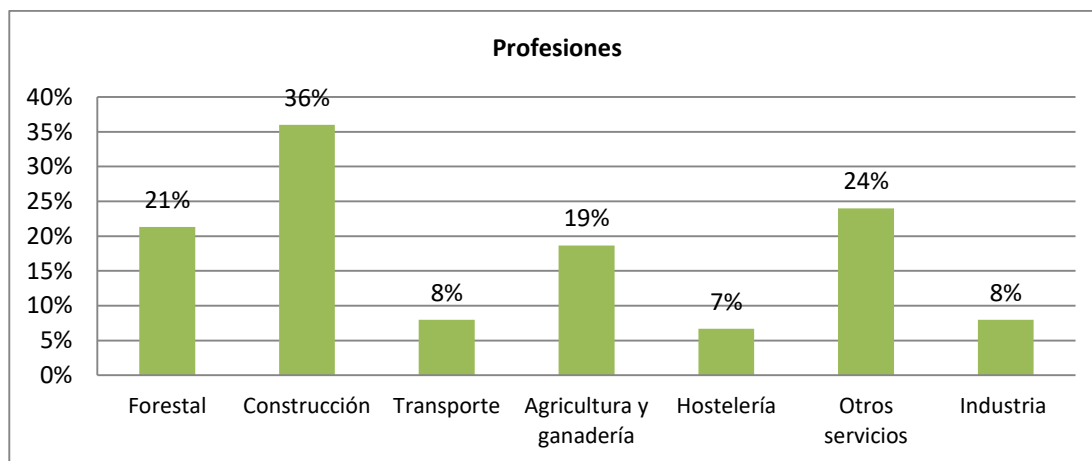
Figura 4. Nivel formativo en el estudio 2021



3.1.3. Experiencias profesionales

Las profesiones que desempeñan actualmente o en el pasado se distribuyen en diferentes sectores representados en la Figura 5. Las dedicaciones a profesiones vinculadas al sector forestal y agropecuario suman el porcentaje mayor de respuesta (40 %). El siguiente sector con mayor porcentaje de respuesta es la construcción (36%) en concordancia con uno de los perfiles identificados en la primera fase del estudio. Se trata de profesionales de la construcción que tras la crisis del 2008 entran en la actividad de la resina como una alternativa laboral.

Figura 5. Profesiones actuales o pasadas de las personas encuestadas.



3.2. Oficio del resinero

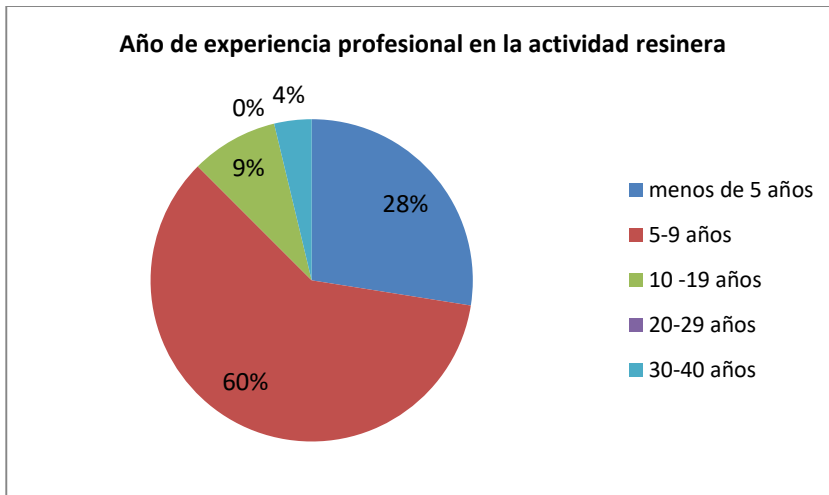
3.2.1. Años de experiencia

La distribución de porcentajes de años de experiencia profesional (Figura 6) es indicativa de una incorporación importante de profesionales en los últimos 9 años (60 % de los encuestados tienen 5 y 9 años de experiencia y el 28 % tiene menos de 5 años de experiencia) , en consonancia con el aumento del precio de la resina que se produce a partir de 2010, que hace potencialmente rentable su extracción. Sin embargo, los porcentajes de personas con al menos 10 años o 30 años de experiencia, son reducidos (9% y 4% respectivamente). Esta escasa presencia de trabajadores con una dilatada experiencia en el oficio también pueden estar relacionados parcialmente por la selección de contactos de participantes, pues una parte de las personas encuestadas han sido contactadas tras su presencia en jornadas de difusión de

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

resultados de investigación, por lo que se selecciona un perfil particular de profesional, generalmente más joven.

Figura 6. Años de experiencia.



3.2.2. Peso de la actividad en la economía familiar y diversificación de ingresos

Para el 73 % de las personas encuestadas la resina es la principal fuente de ingresos. El resto de personas encuestadas cuya fuente principal de ingresos no era la resina, señalan que su economía principal deriva de otras fuentes como: "salarios por otras actividades forestales"; "salarios de la industria o servicios"; "actividades empresariales o por cuenta propia en el sector agrícola y forestal"; actividades empresariales o por cuenta propia en el sector servicios e industrial"; y finalmente "otras actividades económicas" (Figura 7).

La actividad profesional de la resina contribuye mayoritariamente a la renta de la familia en el rango de 50% al 100 % de la renta familiar (Figura 8).

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

Figura 7. Fuente principal de ingresos.

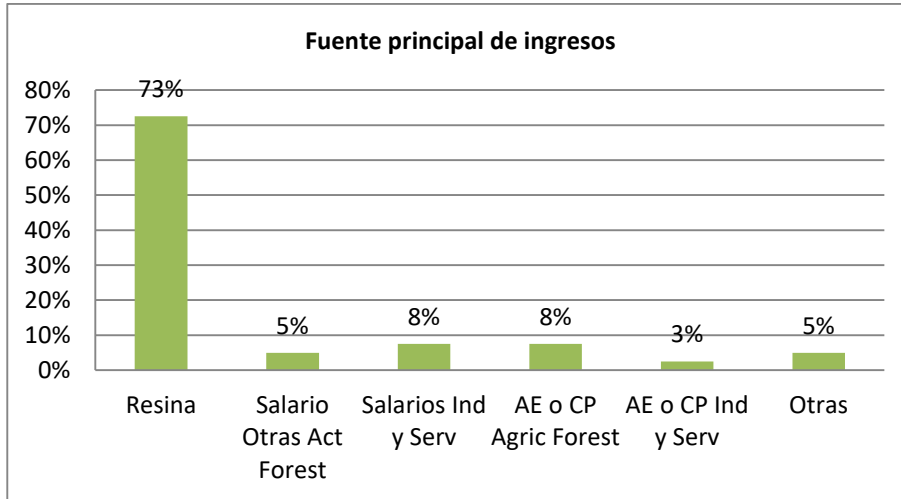
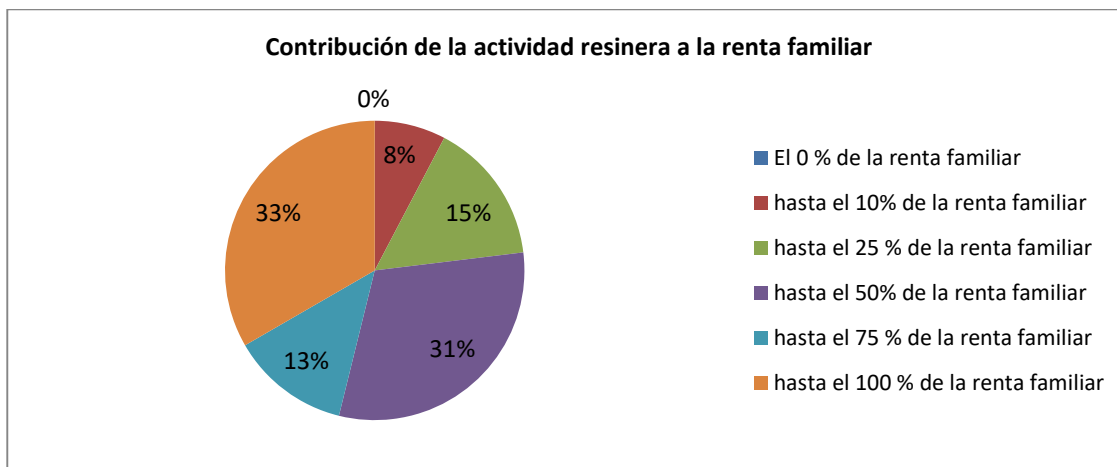


Figura 8. Contribución de la actividad resinera a la renta familiar



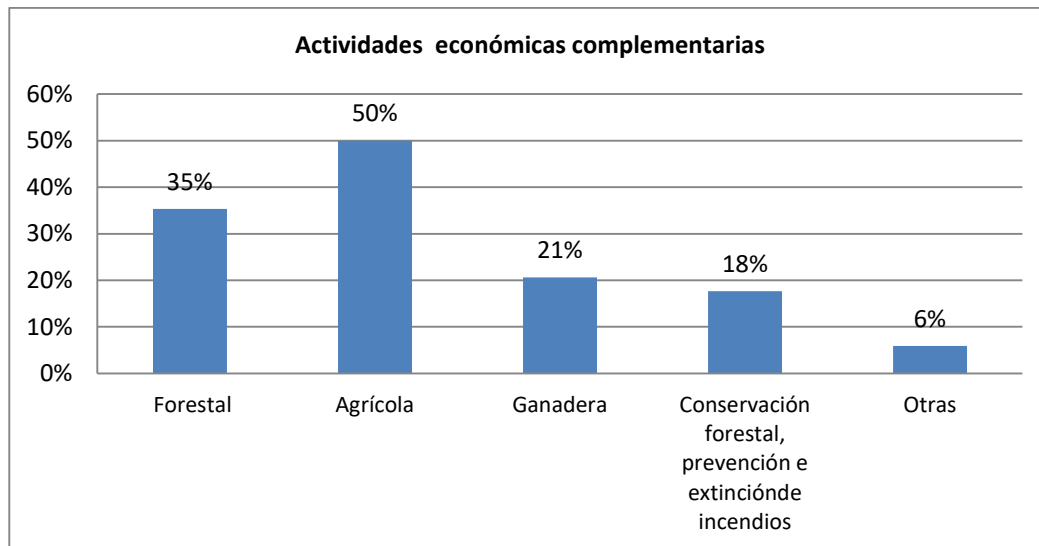
El 42% de las personas encuestadas compatibilizan la actividad resinera con otras actividades, que fundamentalmente consisten en actividades silvícolas y agropecuarias (Figura 9). El 26 % de los profesionales que compatibilizan su actividad resinera con otras actividades económicas combinan actividades en diferentes sectores, representados en la Figura 9; mientras que el 74% restante realiza actividades complementarias en un único sector de los representados en la Figura 9. Por otro lado, durante la campaña de resinación el 42% de las personas encuestadas realizan otra actividad, fenómeno que no ha sido observado en los estudios de las dos décadas anteriores, en los que se reporta que las actividades complementarias a la actividad resinera se realizan en los periodos fuera de campaña de resinación.

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

Además, en el estudio realizado en 2001 para la población resinera de Castilla León, se observó un porcentaje mucho mayor de profesionales que compatibilizaban con otra actividad (80 %), que generalmente consistían en trabajos forestales realizados durante los intervalos entre campaña de resinación. Sin embargo los datos obtenidos en 2008 para la comarca de Segovia, el 75% de las personas participantes se dedicaban exclusivamente a la resinación, mientras que el 25% fuera de las campañas de resinación trabajaban en diferentes actividades productivas vinculadas al medio rural.

Estas diferencias de porcentajes en la compatibilidad o no con otras actividades y los periodos en los que mayoritariamente se realizan es indicativo de que existen diferencias en el contexto de los profesionales que permiten complementar o compatibilizar la actividad de la resina con otros trabajos en el entorno rural y que van más allá de la disponibilidad de los profesionales. De hecho, un 34 % de las personas encuestadas afirman estar disponibles para trabajar en otras actividades durante la campaña de resinación y un 68 % afirma estar disponible fuera de la campaña de resinación (ver más adelante el epígrafe "Disponibilidad para diversificar la actividad económica" con información más detallada).

Figura 9. Actividades económicas complementarias



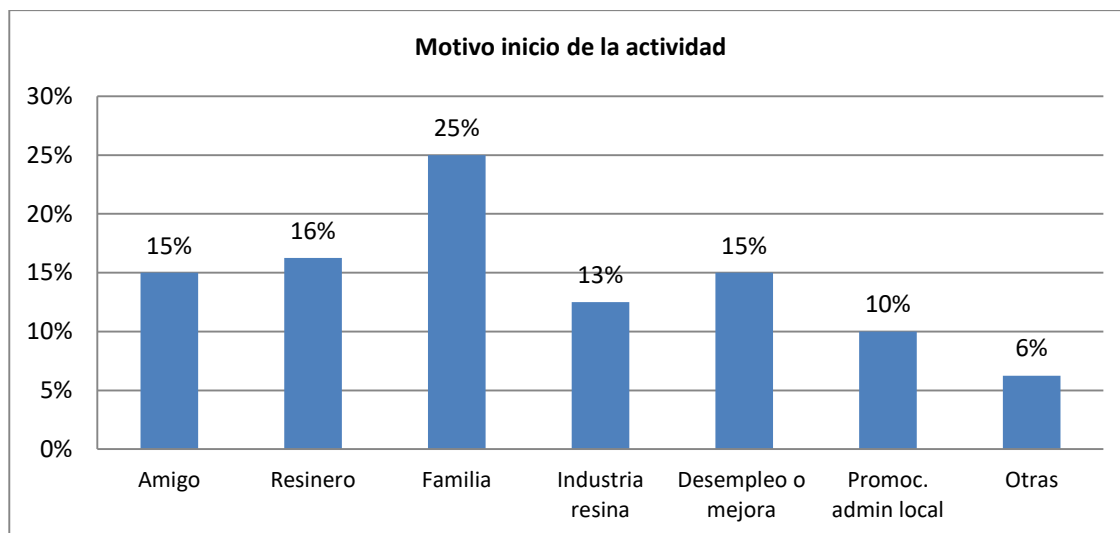
3.2.3. Motivo de inicio de la actividad

Un porcentaje mayoritario de las personas encuestadas (25 %) inician la actividad porque cuentan con antecedentes familiares y conocen la profesión (Figura 10). Sin embargo también se han registrado otros elementos diversos como motivo de inicio de la actividad, sin una prevalencia muy

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

destacada de ninguno de ellos, entre otras cosas porque es probable que sean varios factores los que condiciona la decisión de dedicarse profesionalmente a la resina. Entre otros factores que motivan el inicio de la actividad se han identificado la promoción por parte de la industria de la resina, el desempleo o mejora de empleo, la promoción por parte de la administración o la motivación por parte de un amigo. En la categoría de "otras" se han recogido elementos como la iniciativa individual o el arraigo local que favorece la elección de una profesión que permita continuar viviendo en su municipio.

Figura 10. Distribución porcentual del motivo de inicio de la actividad de la resina.



3.2.4. Tiempo de dedicación

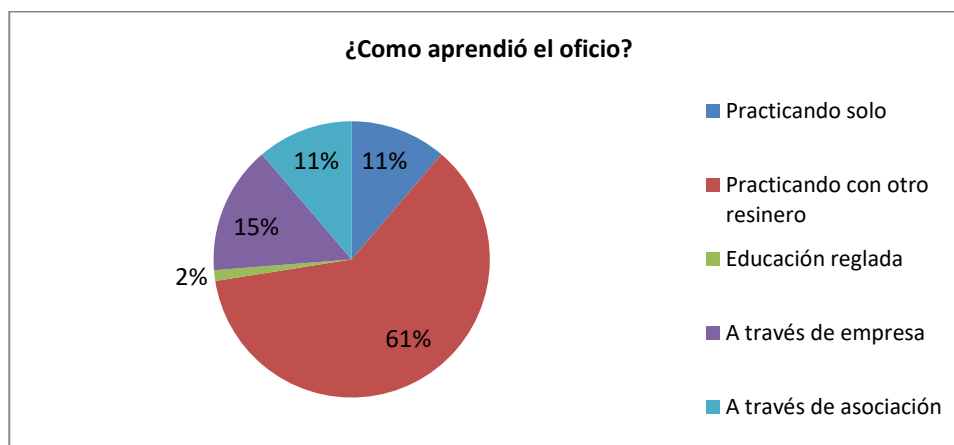
La media de horas de dedicación semanales reportadas por los encuestados es de 36, 95 horas y la moda es de 40 h semanales, considerando la dedicación tanto de profesionales con dedicación exclusiva como con dedicación parcial a la actividad resinera. Las horas de dedicación no se distribuyen a lo largo de la campaña de igual manera y es habitual una intensificación de la dedicación en los meses de verano con máximos de 60-70 horas semanales en aquellos profesionales que se dedican exclusivamente a esta actividad. La dedicación mínima semanal indicada por profesionales con dedicación exclusiva a esta actividad es de 40 h semanales. El 89% de las personas encuestadas trabajan durante los fines de semana, principalmente en la parte más intensa de la campaña. Solo una participante en el estudio trabaja exclusivamente los fines de semana, debido a que compatibiliza varias actividades profesionales.

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

3.2.5. Aprendizaje del oficio, formación específica de la actividad de la resina y necesidades formativas

El aprendizaje del oficio se realiza mayoritariamente practicando con otro resinero (68 % de las personas encuestadas) (Figura 11), mientras que la educación reglada es una opción de aprendizaje muy minoritaria con un porcentaje de respuesta del 1%. Esto pone de manifiesto que hay necesidades formativas no cubiertas por las titulaciones regladas en el ámbito del aprovechamiento, gestión y conservación forestal. Otras formas de aprendizaje indicadas en las encuestas han sido "practicando solo" (11%), "a través de una asociación" (11%) y "a través de una empresa" (15%).

Figura 11. Distribución porcentual de respuesta a la pregunta ¿Cómo aprendió el oficio?



En relación a haber podido acceder a formación específica sobre la actividad de la resina, la formación reglada es excepcional, habiendo indicado tan solo un 8 % de las personas encuestadas haber tenido formación reglada sobre la actividad (un 5 % ha recibido esa formación en una institución pública y un 3% ha recibido la formación en una institución privada). Con respecto a cursos formativos no reglados la participación aumenta, indicando un 46 % de las personas encuestadas la realización de cursos de formación no reglada. Las entidades organismos que ha impartido estos cursos son fundamentalmente empresas privadas o cooperativas relacionadas con la actividad de la resina, administraciones locales, Ministerio de Agricultura Ganadería y Pesca, y la Asociación Nacional de Resineros. El 94% de estos cursos han sido impartidos entre 2010 y 2020. Se trata mayoritariamente de formaciones de corta duración, de hasta 40 horas (Figura 12). En las formaciones de mayor duración, de 100 h a 200 h, que ocupan un año o campaña entera, es frecuente que los encuestados refieran que incluía acompañamiento o asesoramiento durante el año. Finalmente, el 62% de las personas que han participado en curso de formación no reglada estarían interesadas en poder homologar su cualificación profesional para que sea

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

reconocido en todo el territorio nacional. Para dicha homologación el motivo más frecuentemente indicado por las personas encuestadas es el reconocimiento profesional.

Figura 12. Distribución porcentual de las horas de duración de cursos de formación no reglada

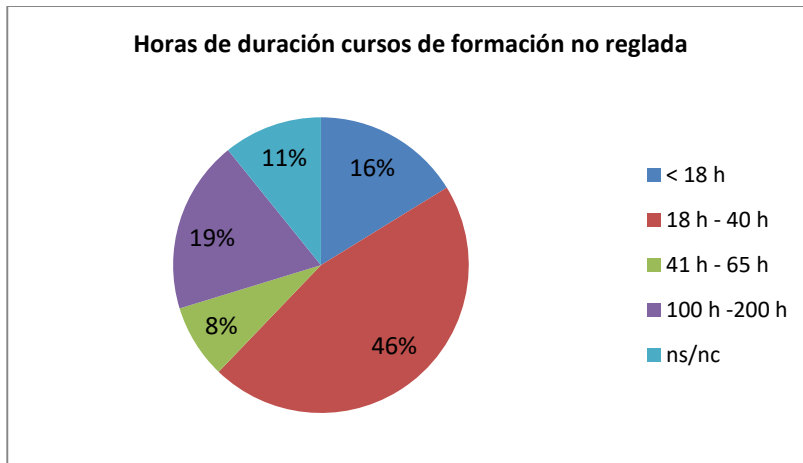
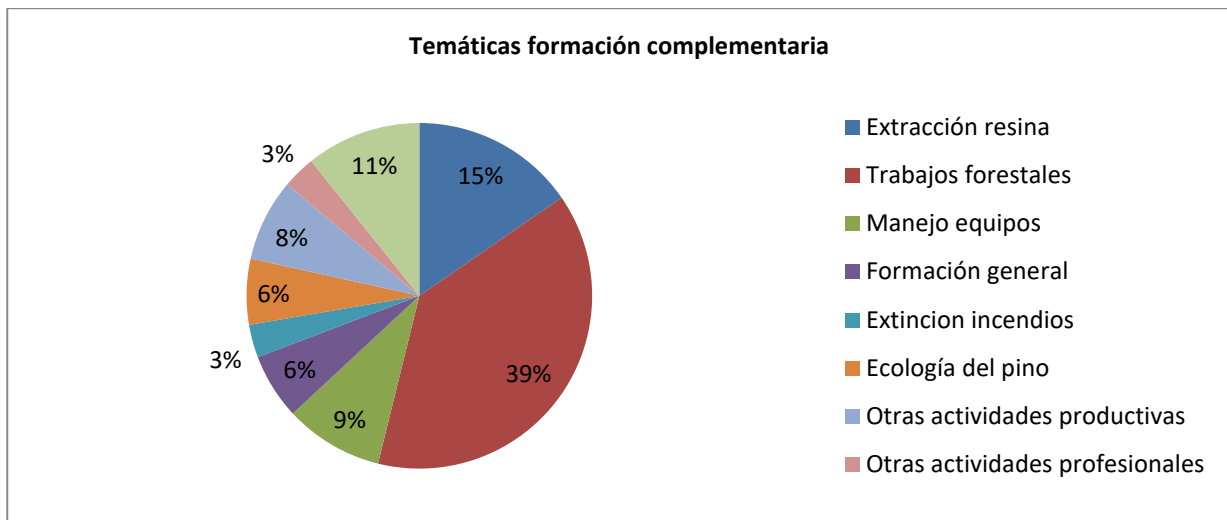


Figura 13. Distribución porcentual de las temáticas de formación complementaria en las que estaría interesadas las personas participantes del estudio.



Un 81 % de las personas encuestadas señalan temáticas sobre las que les gustaría, si tuvieran oportunidad, realizar una formación complementaria. Las temáticas identificadas por las personas encuestadas son diversas, sin embargo, la formación en trabajos forestales destaca como la temática mayoritaria (39 % de las respuestas) (Figura 13). Esta respuesta es coherente con la alta disponibilidad para realizar otras actividades profesionales manifestada por las personas encuestadas, que valoran como

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

actividades compatibles con la resinación, otros trabajos de producción y conservación silvícolas, incluidos la prevención y extinción de incendios. Por otro lado, si consideramos el conjunto de temáticas relacionadas con el desarrollo de la actividad resinera, entendidas estas como: "la extracción de resina" (15%), "el manejo de equipos y seguridad laboral"(9%), "la ecología del pino" (6%) y "nuevas técnicas" (11%) (Figura 13); observamos que en su conjunto acumulan un 42 % de las respuestas. Esto sugiere que existe un interés en la mejora de la formación profesional de las personas dedicadas a la resina, con aspectos muy positivos, como el interés por la innovación en la actividad, la seguridad en el trabajo o el interés en profundizar en el conocimiento de la ecología del pino.

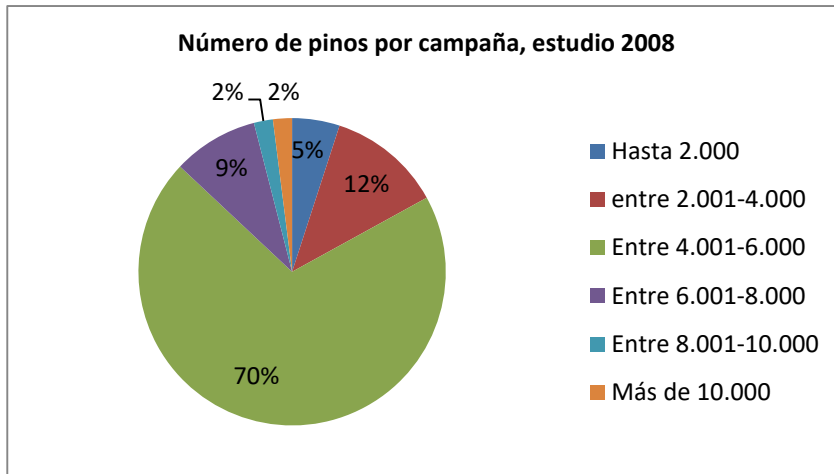
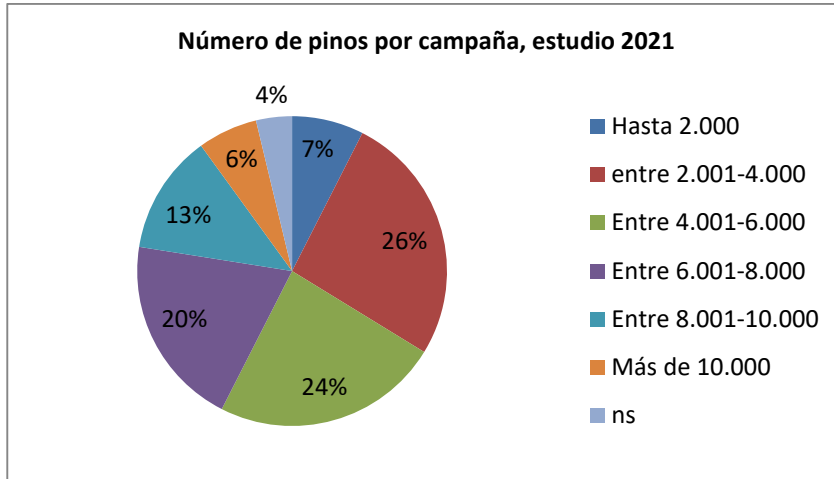
3.3. Condiciones de extracción y explotación

3.3.1. Descripción de las explotaciones

El promedio de pinos resinados por campaña es de 6.342 pinos/ campaña con una moda de 3.000 pinos / campaña. La distribución por porcentajes de número de pinos por campaña se muestra en la figura 12. En comparación con lo observado en el estudio de 2008 se puede apreciar una mayor heterogeneidad en cuanto a la distribución porcentual de número de pinos resinados en la actualidad. Esto probablemente se debe a una mayor homogeneidad de la muestra del estudio realizado en 2008 ya que se realizó únicamente en población resinera de Segovia. En el estudio de 2008, la mayor parte de las personas encuestadas (70%) trabajaba entre 4001-6000 pinos/campaña (Figura 14), mientras que en la actualidad el 70% las personas encuestadas se distribuyen en un rango más amplio de número de pinos (Figura 14). Esta última cifra se distribuye de la siguiente manera: entre 2001-4000 pinos/ campaña (26%), entre 4001-6000 pinos/campaña (24%) , entre 6001-8000 pinos/campaña (20%) (Figura 14). Al igual que en estudio de 2008, en la presente investigación también se observan casos extremos con más de 10.000 pinos/campaña (Figura 14).

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

Figura 14. Distribución porcentual del número de pinos resinados por campaña



Con respecto al número aproximado de hectáreas en los que desarrollan la actividad, un porcentaje grande de las personas encuestadas (48%) desconoce la extensión aproximada en el momento de la entrevista. El valor promedio de hectáreas reportado por las personas encuestadas es de 39 hectáreas y la moda es de 40 hectáreas. El promedio de la producción es de 18680 kg/ campaña y la moda es de 12.000 kg / campaña. El promedio de número de picas es de 10,4 y el de número de remasas de 3.

3.3.2. Apoyo en la explotación de los pinos

Aunque el 75 % de los profesionales trabajan solos, el 59% de las personas encuestadas cuentan con ayuda de otras personas durante la campaña. Un 5% indica trabajar en grupo con otros resineros o organizan la actividad en cuadrillas de trabajo. Principalmente la tarea en la que cuentan con ayuda es la de la remasa (Figura 15), y las personas que brindan apoyo mayoritariamente son familiares y amigos (65 %) (Figura 16).

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

Tan solo un 25 % recurre a contratar estos servicios (Figura 16) y de forma minoritaria, un 10% de las personas que apoyan son compañeros resineros o se organiza de forma colectiva mediante cuadrillas de trabajo (Figura 16).

Figura 15. Distribución porcentual de las tareas con las que cuentan con ayuda durante la campaña

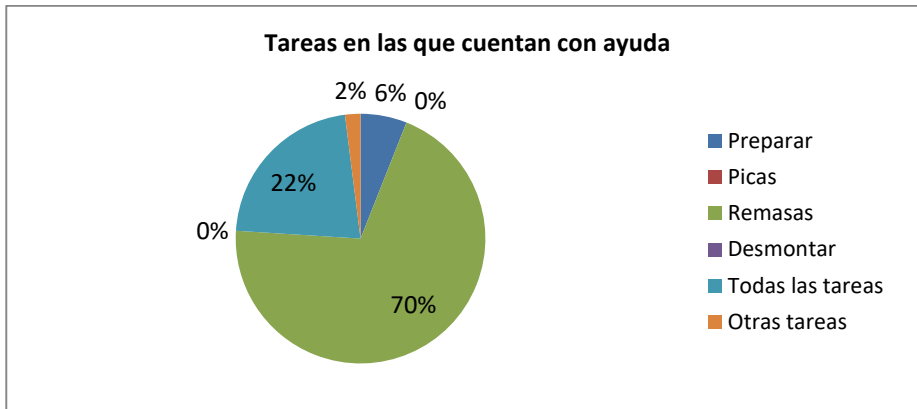
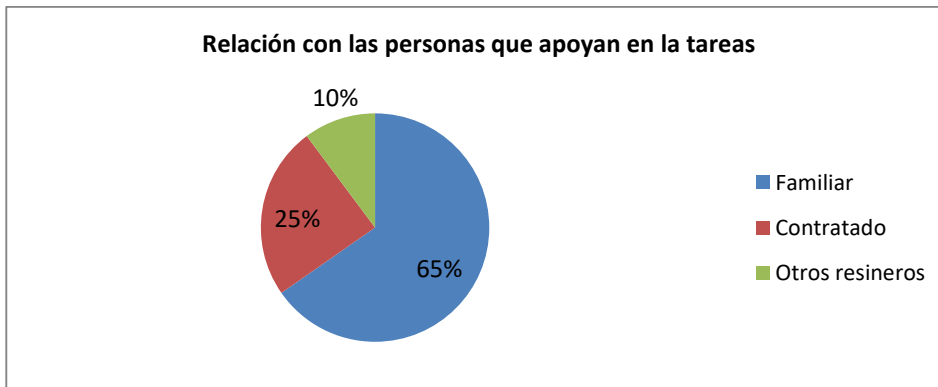


Figura 16. Distribución porcentual del tipo de la relación con las personas que apoyan en tareas de explotación de la resina.



3.3.3. Propiedad y acceso a las masas de pinos

La propiedad de los pinos resinados es mayoritariamente titularidad pública (83%). El resto de situaciones de titularidad se corresponden con propiedad privada (15%) y con la titularidad colectiva definida como Comunidad de Monte Vecina en Mano Común (2%).

El 96% de los profesionales no son propietarios de los pinos que resinan y deben alquilarlos.

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

El alquiler de los pinos se realiza en un 55% de forma anual y en un 45% de forma plurianual, mayoritariamente con concesiones de 5 años, aunque también se dan de 2 y 3 años. En ocasiones los ayuntamientos han ido cambiando la duración de estas concesiones. El precio promedio pagado es de 0.35 euros/ pino, la moda es de 0.20 euros/pino y se han recogido un precio máximo de 0.80 euros/ pino y un precio mínimo de 0.02 euros / pino. Como se puede apreciar en la tabla 1 los precios por pino más elevados en algunas provincias se dan en las provincias donde mayores rendimientos promedio (kg de resina / pino) se han referido por las personas encuestadas, aunque esta relación no es generalizable para el conjunto de los datos. Considerando los promedios totales de precio y rendimiento y un precio de la resina de 1,00 euro/ kg, el precio medio del alquiler de pino representaría el 11% de la producción media.

Tabla 1. Precios de alquiler de pino y valores de rendimiento (kg resina/pino) desglosados por provincias.

	Precio		Rendimiento	
	euros/ pino	n	kg resina/ pino	n
A Coruña	-	0	2,45	3
Cáceres	0,10	7	2,71	9
Cuenca	0,02	1	3,00	1
Granada	0,01	1	2,60	1
Guadalajara	0,12	3	2,42	4
León	0,20	13	2,57	15
Lugo	10 % de la producción	2	2,68	2
Pontevedra	0,4	1	-	0
Segovia	0,54	26	3,32	22
Soria	0,23	11	2,78	11
Valladolid	0,63	4	3,61	4
Zamora	0,25	1	3,80	1
Promedio total	0,34		2,91	

Nota: n, número de respuestas con las que se ha calculado el valor promedio.

La concesión de los pinos es un aspecto que algunos profesionales han reflejado como conflictivo debido a diversas causas. Hay personas encuestadas que reportan cierta opacidad en las concesiones de las matas de pino, con resultados desiguales en la cantidad y calidad de pinos a explotar. En algunas subastas se produce una puja al alza en la que compiten trabajadores locales con trabajadores externos, y en otras ocasiones las licitaciones se confirman tarde, lo que conlleva retrasos en el inicio de la

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

campana y por tanto una pérdida de producción en la misma. En otras ocasiones las licitaciones periódicas no aseguran que un profesional puede mantener durante años sucesivos una misma masa de pinos. En localidades no tradicionalmente resineras se ha identificado un conflicto entre el aprovechamiento forestal y resinero, que tiene efectos en la gestión y condiciones del monte para realizar la actividad de resinación. Finalmente algunos profesionales también han indicado que existe incertidumbre de una campana a otra en relación al número de pinos que se les va a poder conceder para trabajar, sin que tengan un mínimo asegurado, o sin poder acceder a una cantidad de pinos deseada.

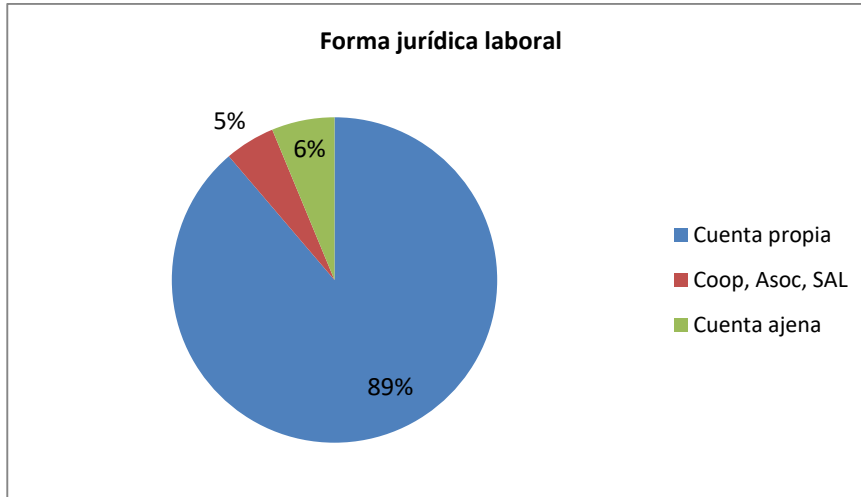
3.3.4. Figuras jurídicas laborales

El 89% de las personas encuestadas trabajan por cuenta propia. Las otras formas jurídicas son como trabajadores de una Cooperativa, Asociación o Sociedad Anónima Laboral (5%) y como trabajadores por cuenta ajena (6%) (Figura 17). El régimen de seguridad social entre los profesionales que extraen resina por cuenta propia es de forma mayoritaria el régimen especial agrario (74 %). Este régimen no es compatible con todas las actividades económicas, por lo que una parte de los profesionales (26%) que combinan esta dedicación con otras dedicaciones no vinculadas al sector agropecuario optan por el régimen de autónomos. Por otro lado, los trabajadores por cuenta ajena trabajan para una empresa (1 persona), para una industria (1 persona), para la Comunidad de Montes (2 personas) o para una cooperativa (2 personas). Mayoritariamente cobran de forma mensual. Una de las personas indica que la forma específica del contrato es fijo discontinuo y que incluye un mes de salario por trabajos de limpieza forestal y un mes de paro. Los antecedentes que constan en el informe de 2008 para la comarca de Segovia indican una situación completamente diferente en la que la mayor parte de los profesionales (65%) trabajaban por cuenta ajena integrados en una cooperativa. El resto de trabajadores (35 %) lo hacía por cuenta propia.

Algunas de las personas encuestadas en el actual estudio, manifiestan una percepción positiva sobre la oportunidad de mejora al colectivizar parte del trabajo. Otra indica como en épocas pasadas existían varios trabajos asociados a la extracción de resina, dividido básicamente en la realización de la remasa, el manejo de los pinos, el transporte de la resina. Sin embargo, también se identifica en algunas personas encuestadas una inercia a mantener una organización del trabajo muy individualizada.

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

Figura 17. Distribución porcentual de la forma jurídica laboral con la que trabajan los profesionales encuestados

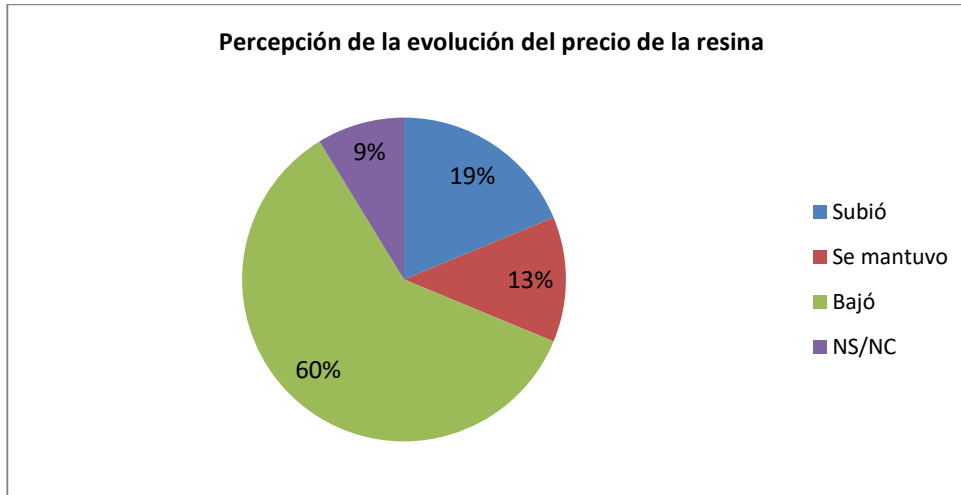


3.3.5. Venta de la resina y evolución de los precios

En relación a como se realiza la venta de la resina a la industria, el 99% de las personas encuestadas vende directamente la resina a una empresa de primera transformación. El 87 % vende a una sola empresa, y el resto lo hace mayoritariamente a dos empresas. El precio promedio de la resina durante la última campaña⁹ reportado por las personas encuestadas ha sido de 0,93 euros y con una moda de 0,90 euros. A la pregunta de cómo ha evolucionado el precio durante los tres últimos años de campaña el 60% de las personas encuestadas han señalado que se ha dado una bajada de los precios (Figura 18).

⁹ La última campaña referida por la persona encuestada puede haber sido la de 2018, 2019 o 2020 ya que las entrevistas se han realizado desde 2019 hasta junio 2021.

Figura 18. Percepción de la evolución del precio de la resina durante los tres últimos años de campaña



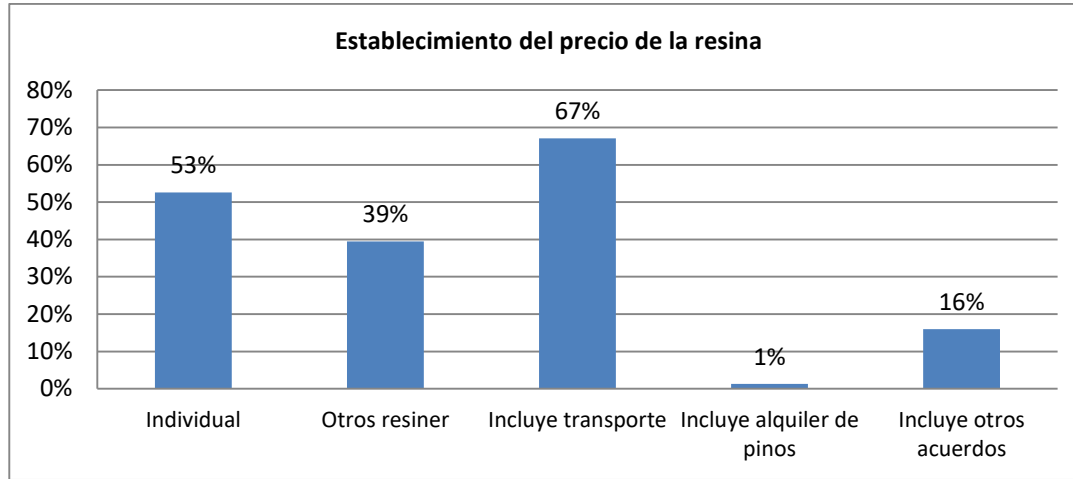
Casi la totalidad de las personas encuestadas (99%) indican que el precio se establece de forma fija desde el inicio de la campaña (Figura 19). No obstante, algunos profesionales encuestados han indicado que tuvieron una bajada de precio a mitad de campaña. Según ha quedado registrado en algún caso este hecho motivó precisamente el abandono de la profesión.

El precio se establece habitualmente por parte de la empresa que compra la resina¹⁰, y se suele ofrecer el mismo precio a los profesionales de una zona. En el establecimiento del precio con frecuencia existe la posibilidad de incluir el transporte (67 % de las repuestas) (Figura 19), que puede estar condicionado a una cantidad mínima a transportar, o tener que ser realizada con una empresa concreta. Otros acuerdos que puede incluir el precio de la resina son adelantos, herramientas o material (bolsas, chapas, puntas, estimulante, etc.).

¹⁰ Al formular la pregunta "¿Como negoció el precio?" algún profesional encuestado indicó que el precio no se negocia, si no que la industria a la que venden ofrece un precio, que varía en función de si incluye transporte o otros acuerdos. Otra persona encuestada indica que negocian colectivamente el precio mínimo, pero no el precio final. Por otro lado las dos primeras respuestas ofrecidas en esta pregunta, que fueron "Individualmente " y "En conjunto con otros resineros", generaban confusión, ya que mayoritariamente se les comunica el precio de forma individual aunque indican que el precio es el mismo para los profesionales de una misma área. Esto hace que pudieran contestar indistintamente cualquier de las dos opciones siendo la situación una misma.

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

Figura 19. Porcentajes de respuesta sobre el establecimiento del precio de la resina



Nota: En esta pregunta se permitía responder más de una opción.

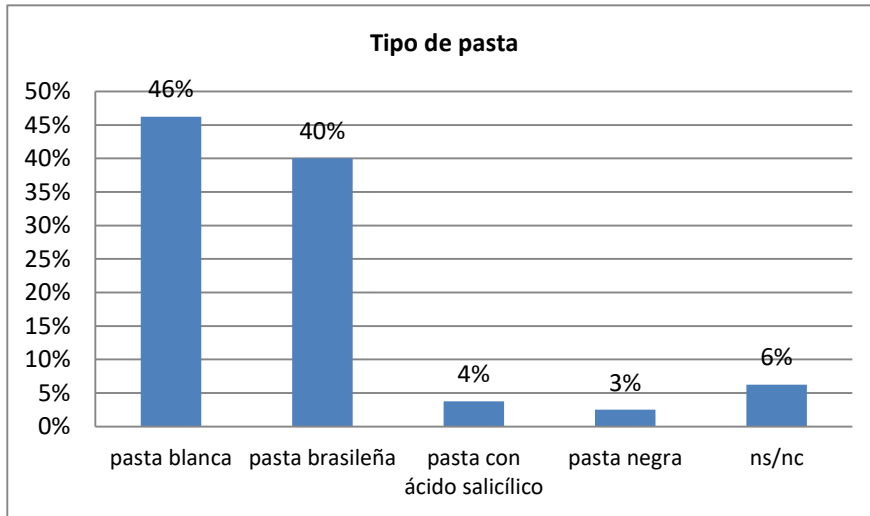
3.4. Condiciones de trabajo y vida

3.4.1. Condiciones de trabajo

La inmensa mayoría de los resineros (el 99 %) emplean el pote como contenedor de recolección. Un 4% están empleando en parte de los pinos resinados bolsa como contenedor de recolección. De igual manera el uso de estimulante es una práctica mayoritaria (el 99% indica emplearlo). El 93 % de los resineros compran el estimulante, mientras que un porcentaje muy reducido lo fabrica (4 %) (Figura 20). Las pastas más empleadas son la pasta blanca (46 %) y la pasta brasileña (40 %) (Figura 20). Un 6 % de las personas encuestadas emplean varios estimulantes, bien por iniciativa propia o porque participan en algún ensayo dentro de un proyecto de investigación.

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

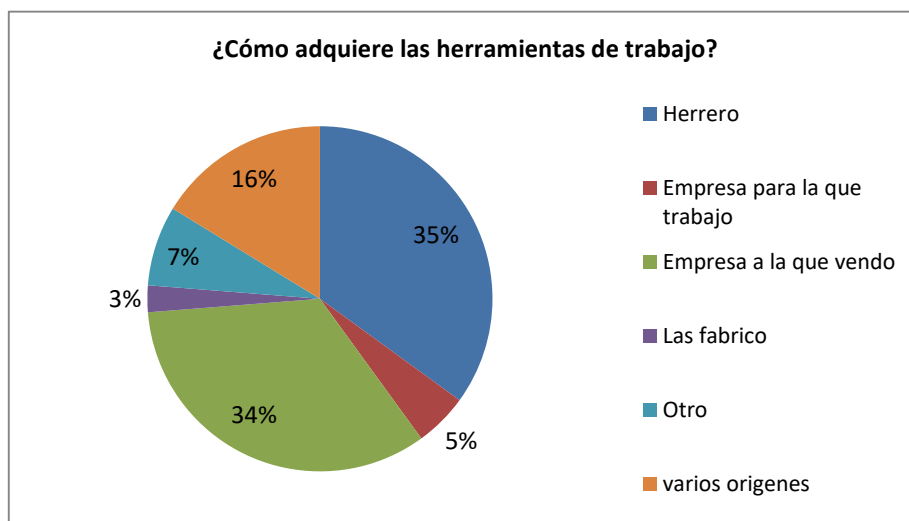
Figura 20. Tipo de pasta estimulante empleada habitualmente.



Nota: En esta pregunta se permitía responder más de una opción.

Las herramientas de trabajo son fundamentalmente compradas a herreros (34 %) o adquiridas a través de la empresa a la que venden la resina (34 %) (Figura 21). Por otro lado, un 16 % de las personas encuestadas indican varios orígenes (Figura 21), entre los que es frecuente que indiquen que una parte de las herramientas fueron heredadas o fabricadas por ellas mismas. Finalmente, en la respuesta de "Otro" (8 % de las personas encuestadas) habitualmente han indicado que ha sido otro resinero el que les ha dado o vendido las herramientas.

Figura 21. Vías de adquisición de las herramientas de trabajo



3.4.2. Desplazamientos durante la campaña

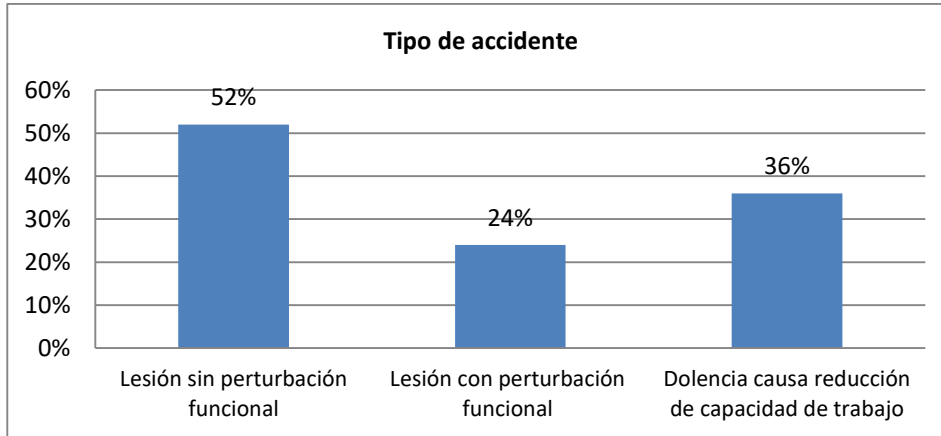
El 93 % de los profesionales encuestados durante la campaña residen en su municipio habitual, mientras que el 7 % restante está desplazado. Durante el tiempo de campaña las personas desplazadas se alojan solas en una casa alquilada (2 personas, 33 % de las personas que trabajan desplazadas), en una residencia familiar o en una segunda residencia (3 personas, 50% de las personas que trabajan desplazadas) y en un alojamiento dispuesto por el ayuntamiento del municipio donde trabaja (1 persona, 17% de las personas desplazadas).

3.4.3. Seguridad y riesgos en el trabajo

Un 32% de los profesionales encuestados han indicado que han tenido algún accidente laboral. Al preguntar por el tipo de accidente, un 52 % de las personas que ha padecido un accidente refieren que sufrieron una lesión que no les produjo una perturbación funcional, un 24 % sí que padecieron una perturbación funcional y un 36 % ha tenido una dolencia que conllevado una reducción de la capacidad de trabajo o de ingresos (Figura 22). Los accidentes referidos por las personas encuestadas han sido cortes, quemaduras, traumatismos y picaduras, mientras que las dolencias referidas han sido lesiones en articulaciones (ej: rodilla, codo), dolencias en la espalda y cáncer de piel. Un 25 % de los profesionales ha tenido algún accidente con la manipulación de la pasta estimulante, como quemaduras, que, en ocasiones se han producido en los ojos. El número medio de días sin poder trabajar reportado por las personas que tuvieron una reducción en su capacidad de trabajo fue de 66 días, con un mínimo de 2 días y un máximo de 730 días. El 33% de las personas que ha sufrido una dolencia relacionada con la actividad y tiene una discapacidad permanente que le supone una pérdida de funcionalidad y una reducción de su capacidad de trabajo. Considerando el número total de personas encuestadas el porcentaje de personas con una discapacidad permanente relacionada con la profesión es de 2.5%.

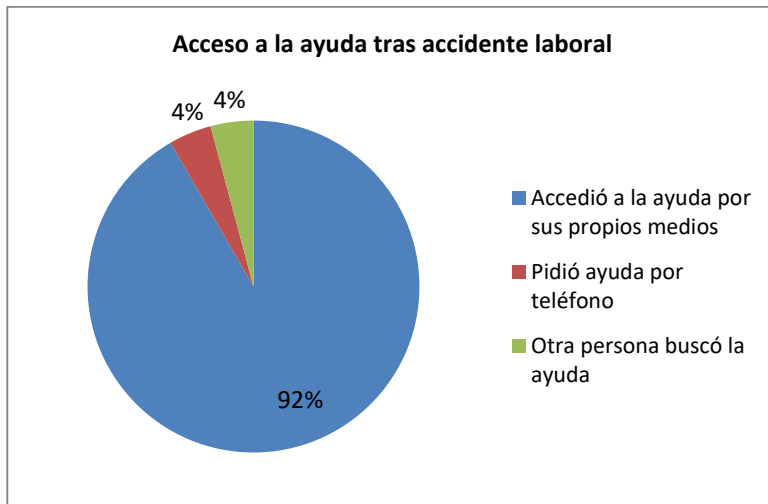
Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

Figura 22. Tipo de accidente laboral y frecuencia de dolencias.



La mayor parte de los trabajadores accidentados (92%) accedieron a la asistencia médica tras el accidente por sí mismos. Otras situaciones minoritarias fueron el acceder a través de otras personas y acceder por teléfono (Figura 23).

Figura 23. Acceso a la ayuda tras el accidente.



El 91% de los encuestados indican estar asegurado contra accidentes de trabajo¹¹. De este 91% el 83 % costea su seguro. El 97% de las personas encuestadas están inscritas en la seguridad social.

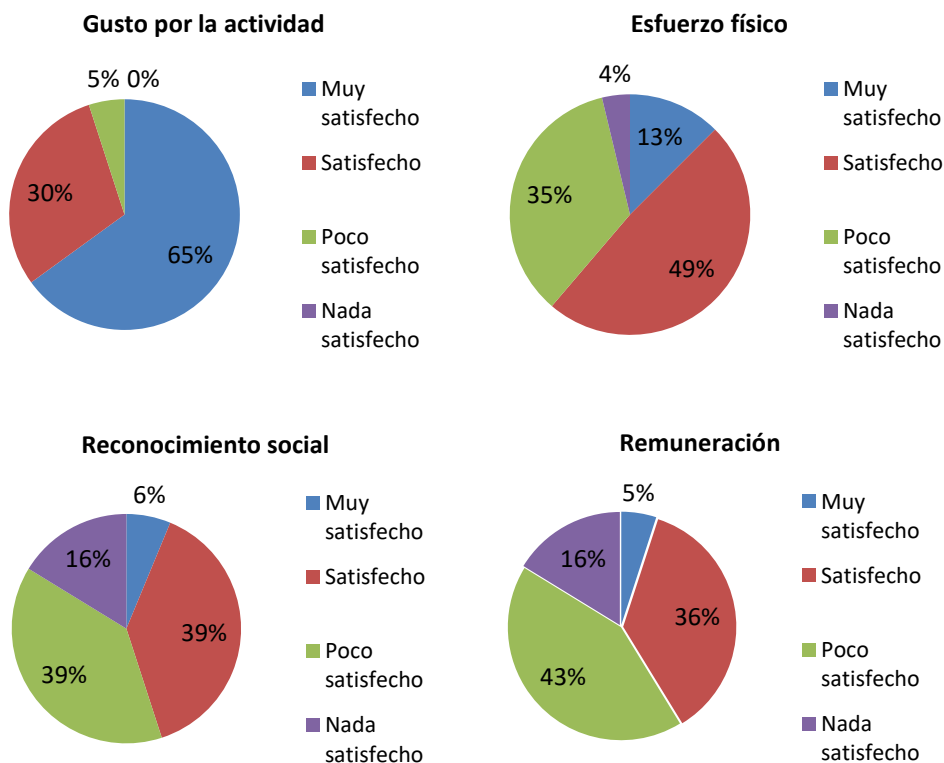
¹¹ Se ha considerado tanto aquellas personas que tenían contrato algún seguro de actividad como aquellas personas que tiene una cobertura por accidente laboral al estar inscritas en el régimen agrario especial o en el régimen de autónomos.

3.5. Actitudes y disposiciones

3.5.1. Satisfacción con la actividad profesional

Con respecto al nivel de satisfacción de la actividad profesional se ha observado que el gusto por la actividad es elevado, con un 65% de las personas encuestadas afirman que están muy satisfechas y un 30% que están satisfechas (Figura 24). La satisfacción con el esfuerzo físico requerido es intermedia, a pesar de que un 49% de las personas encuestadas expresan estar satisfechas, un 35% expresa estar poco satisfecha y un 4% nada satisfecha (Figura 24). El nivel de satisfacción en relación a la remuneración muestra un patrón muy similar al de reconocimiento social. En ambos casos la mayor parte de las personas encuestadas expresan estar poco o nada satisfechas con ambos aspectos. El 59% están poco o nada satisfecho con la remuneración y el 55% está poco o nada satisfecho con el reconocimiento social. Mientras que el porcentaje de personas muy satisfechas con la remuneración y el reconocimiento social es mínimo (6% en ambos casos).

Figura 24. Satisfacción con la actividad profesional



Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

Los elementos que más satisfacción genera a las personas encuestadas han sido el trabajar al aire libre y la independencia del trabajo (Figura 25). En la categoría "Otros" se ha referido principalmente al bienestar de poder trabajar en contacto con la naturaleza, respuesta que podría considerarse dentro de la categoría trabajar al aire libre. Estos resultados concuerdan con lo observado en la fase 1, del estudio del perfil sociolaboral del resinero, en el que se identifica que uno de los alicientes para una parte de los profesionales que se incorporan es la independencia a la hora de organizar y desarrollar el trabajo. Por otro lado el gusto por realizar una actividad profesional en el monte es indicativo de un perfil profesional potencialmente interesado en trabajos silvícolas y con un conocimiento e identificación de su entorno también potencialmente alto.

Figura 25. Elementos de satisfacción en la profesión

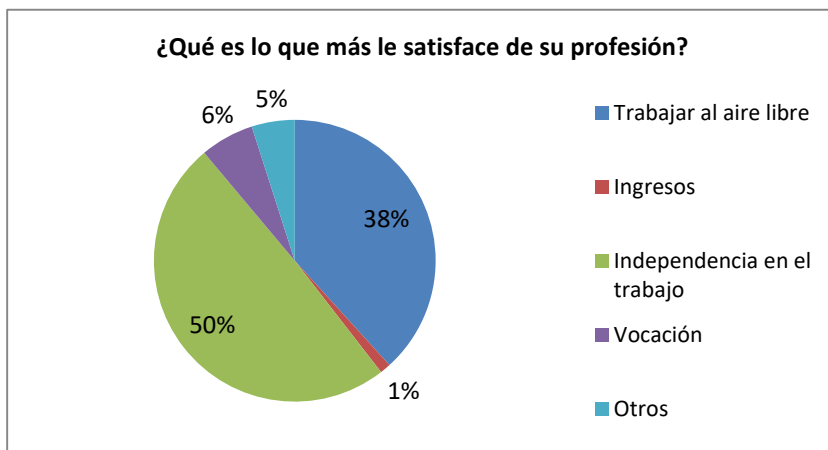
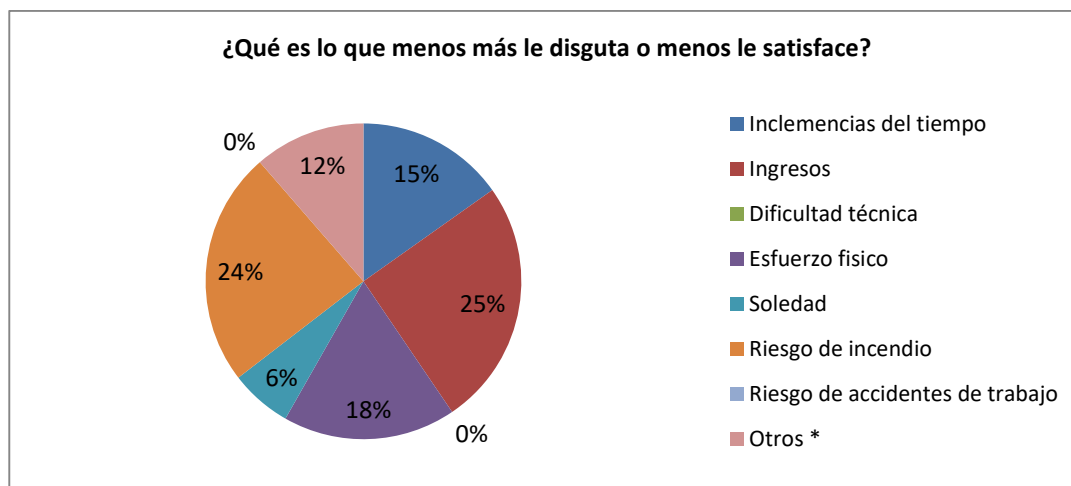


Figura 26. Elementos de insatisfacción en la profesión



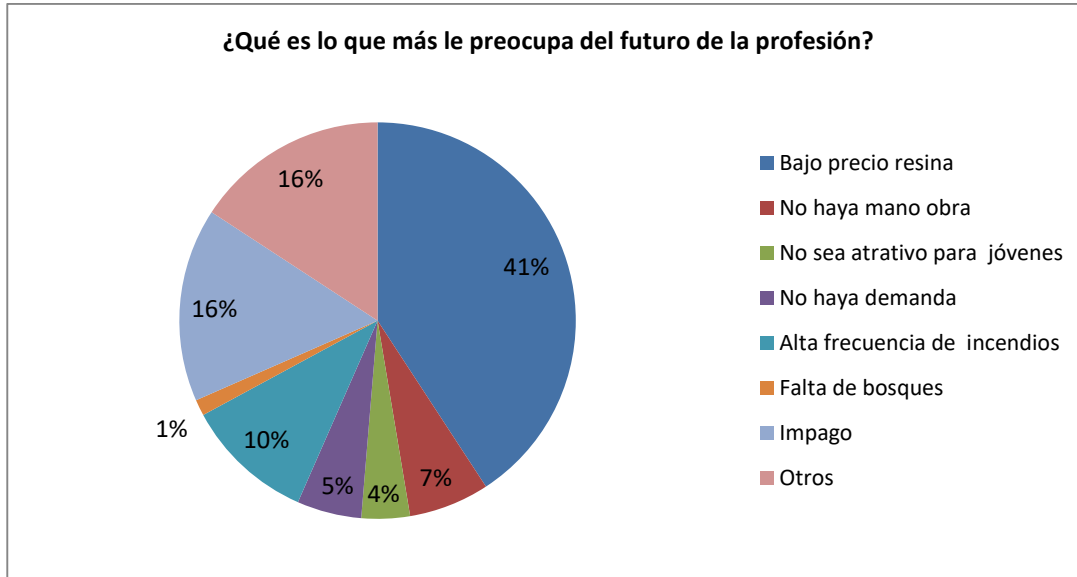
Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

En relación a los aspectos de la profesión menos satisfactorios la respuesta es más heterogénea. Se ha identificado mayoritariamente como elementos de insatisfacción los ingresos y el riesgo de incendio, con un porcentaje de respuesta de 25% y 24% respectivamente (Figura 26). La dureza física del trabajo también es un elemento de insatisfacción, tanto por el esfuerzo físico requerido (18 % de las respuestas) como por la exposición a las inclemencias meteorológicas (15% de las respuestas) (Figura 26). Un porcentaje reducido (6%) considera la soledad el elemento que más le disgusta, mientras que el 12% restante señala otros elementos (Figura 26). Otros elementos señalados más frecuentemente son la incertidumbre de la actividad debido a la inestabilidad de los precios de la resina y a otros factores como el precio del alquiler de los pinos o la disponibilidad de pinos para resinar en la siguiente campaña. También las personas encuestadas han señalado la estacionalidad de los pagos, la indefensión en el monte y la mala organización en el trabajo.

3.5.2. Percepción del futuro de la profesión y relevo generacional

La inquietud expresada en relación al futuro de la profesión está principalmente relacionada con la remuneración del trabajo. De esta forma el bajo precio de la resina, el impago por parte de los compradores y la escasez de la demanda por parte de la industria acumulan el 62% de las respuestas de las personas encuestadas, con una distribución de porcentajes de 41 %, 16 % y 5%, respectivamente (Figura 27). También se ha observado la percepción de riesgo para el futuro en la vulnerabilidad frente a incendios de las masas forestales trabajadas y la de los propios profesionales, con un 10 % de las respuestas (Figura 27). La inquietud por la dificultad de un relevo generacional debido a la inexistencia de mano de obra o a la falta de atractivo de la profesión para los jóvenes ha sido indicada por un 11% de las personas encuestadas. En "Otros", que acumula un 16 % de las respuestas, se ha referido con frecuencia la inestabilidad del mercado de la resina y de los precios, en concordancia con la respuesta mayoritaria anteriormente referida. Puntualmente en la respuesta "Otros" se ha indicado la amenaza de la consolidación de grandes empresas en el sector y pérdida de autonomía del profesional, el despoblamiento rural y el deterioro del monte.

Figura 27. Percepción de factores de incertidumbre en el futuro de la profesión



3.5.3. Relevo generacional en una profesión de tradición familiar

Debido a que ha sido un oficio de tradición familiar, y que incluso actualmente la mayor parte de los encuestados refieren haberse formado con un profesional de la resina se ha tratado de valorar la posibilidad de relevo generacional dentro de las familias dedicadas a la actividad resinera. El 56% de las personas encuestadas tiene al menos un hijo o una hija, de estos el 57% es mayor de edad y el 89% habita en la misma localidad. En el total de personas encuestadas con al menos un hijo o una hija el 73% indica que sus hijos no colaboran en ninguna de las tareas relacionadas con la actividad (Figura 26). El porcentaje restante refiere la colaboración en las tareas de remasa (10%), preparación de pinos (2%), picas (5%) y en todas las anteriores (10%) (Figura 28). Tan sólo dos personas indican que sus hijos son resineros también. De forma mayoritaria (el 60%) las personas encuestadas con al menos un hijo o hija consideran muy poco probable que sus hijos o hijas se dedique en el futuro a la actividad (Figura 29). Un 16 % indica como muy probable que continúen en la actividad (Figura 29). Por tanto, la continuidad del oficio por tradición familiar no se identifica como una elección de los jóvenes dentro de las familias de profesionales resineros. En consonancia con esto, a día de hoy la escasa colaboración de hijos e hijas en las tareas de resinación referida por las personas encuestadas señala la no existencia de un relevo en el aprendizaje del oficio dentro de las familias.

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

Figura 28. Distribución porcentual de las tareas en las que colaboran los hijos e hijas

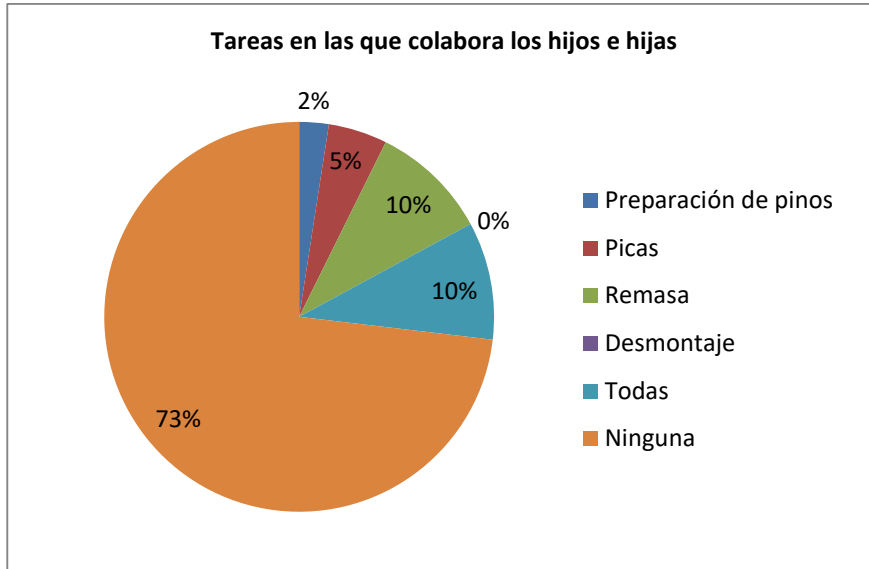
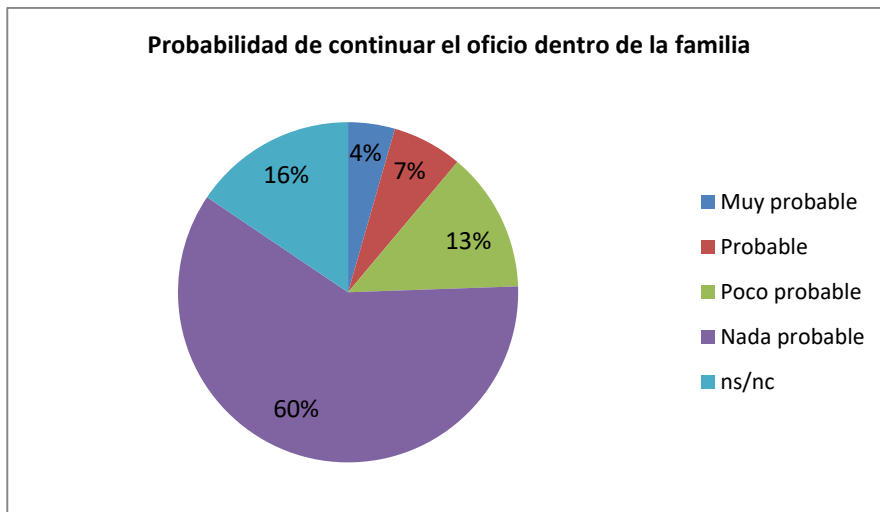


Figura 29. Distribución porcentual de la percepción de probabilidad de que los hijos e hijas se dediquen a la profesión.



3.5.4. Disponibilidad para diversificar la actividad económica

Como se señala en el informe de la fase 1 de este estudio ⁴, la diversificación de fuentes de ingresos es una estrategia potencialmente útil para disminuir los riesgos asociados a la fluctuación de precios en el mercado de la resina y atenuar también las dificultades de la alta temporalidad de ingresos de la profesión. Esta estrategia concuerda con la disponibilidad para diversificar actividades económicas

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

expresada por las personas encuestadas. La disponibilidad para trabajar en otras actividades durante la campaña es de 36% mientras que la disponibilidad para trabajar en otras actividades fuera de campaña es del 68% (Figura 30). Por otro lado, en torno a la mitad de las personas encuestadas han indicado estar disponibles para la realización de actividades específicas principalmente vinculadas a la conservación forestal, alcanzando en el caso de la actividad de vigilancia forestal en 65% de respuestas (Figura 31). Otras actividades de interés puntualmente mencionadas por algunas de las personas participantes en la categoría "Otras" (11 % de respuestas) (Figura 31) han sido aprovechamientos no madereros del bosque como aprovechamiento de setas, plantas aromáticas, piñas y la combinación con apicultura y ganadería.

Figura 30. Disponibilidad para trabajar en otras actividades forestales durante la campaña y fuera de la campaña de resinación.

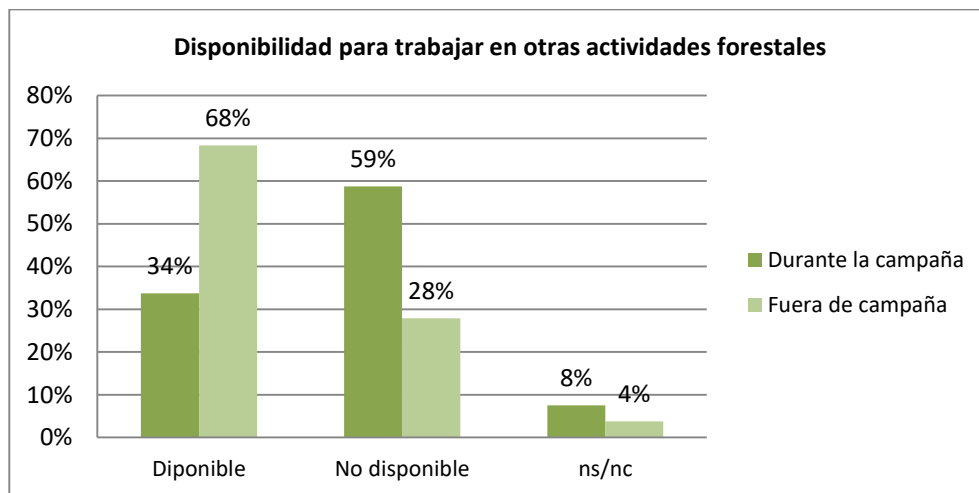
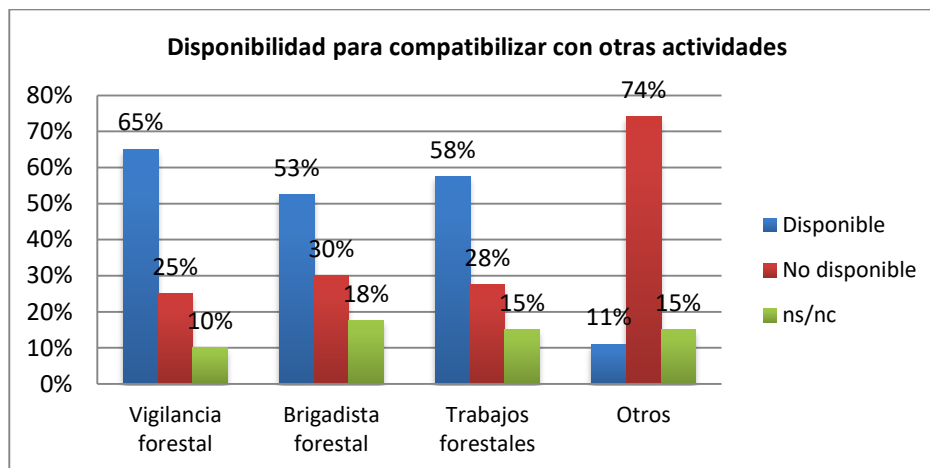


Figura 31. Disponibilidad para compatibilizar la extracción de la resina con otras actividades.

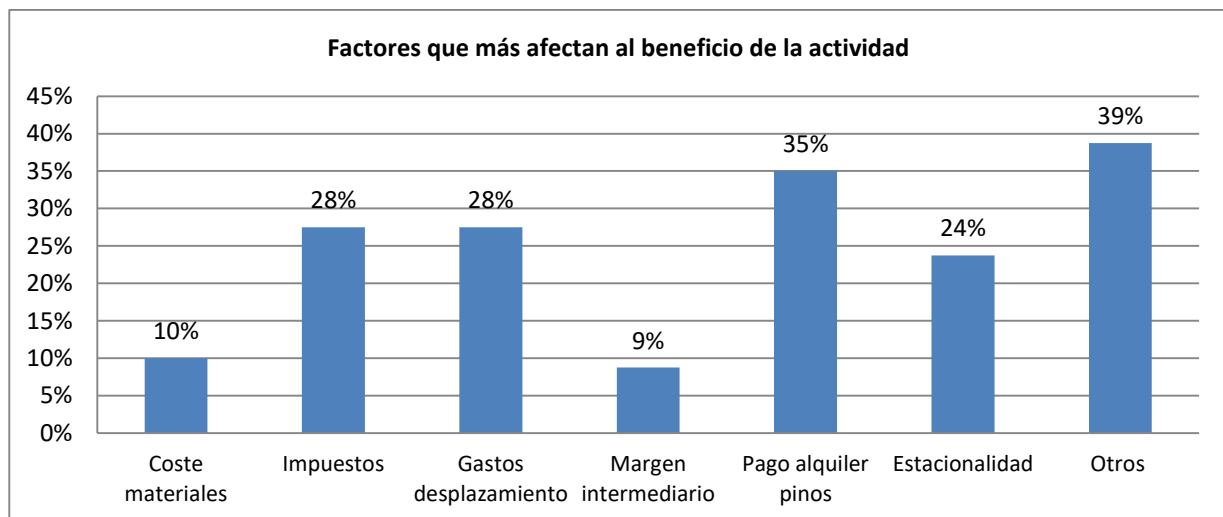


Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

3.5.5. Factores que afectan al beneficio de la actividad y aspectos de mejora

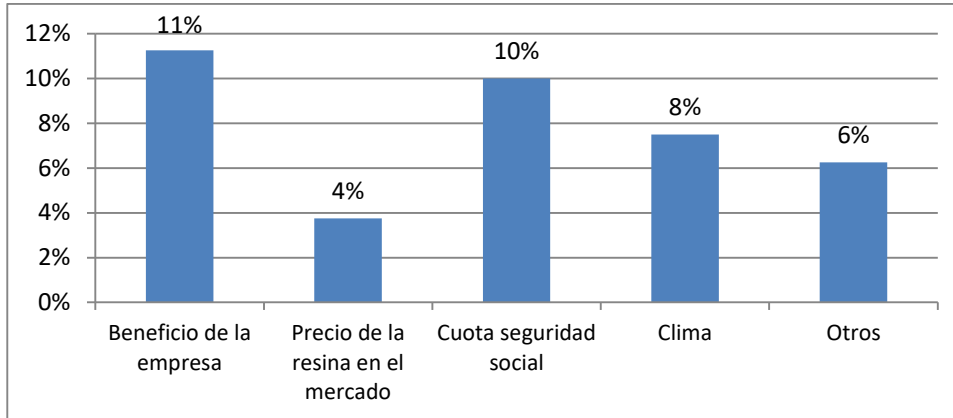
La respuesta a la pregunta "¿Qué factores afectan al beneficio de la actividad?" son diversas (Figura 32), por lo que se ha desglosado en la Figura 33 otros factores mencionados por las personas encuestadas, al ser la categoría "Otros" la que acumulaba un porcentaje mayor de respuestas en la Figura 32. Los factores señalados por las personas encuestadas como más relevantes para el beneficio de la actividad están relacionados con los gastos de la actividad, fundamentalmente el alquiler de los pinos (35 %), impuestos (28%), gastos de desplazamiento (28%) (Figura 32). Otros gastos relevantes referidos con menor frecuencia han sido los gastos de material (10%) (Figura 32) y los gastos de cuota de seguridad social (10%) (Figura 33). Otro factor importante referido ha sido la estacionalidad del trabajo (24%) (Figura 32). A pesar de que en la pregunta de la encuesta no se explicita el precio de la resina como un factor, dos factores relacionados son identificados por las personas encuestadas: el margen del intermediario (9%) (Figura 32) y el margen de beneficio de las empresas de transformación de la resina (11%) (Figura 33). Un 4% de las personas encuestadas dentro de la categoría "Otros" de la Figura 32 hacen referencia al precio de la resina como factor que más afecta al beneficio de la actividad (Figura 33). Finalmente otros factores referidos puntualmente en la categoría "Otros" de la Figura 33 han sido el rendimiento de los pinos o la calidad de la resina y las licitaciones de los pinos.

Figura 32. Factores que más afectan al beneficio de la actividad.



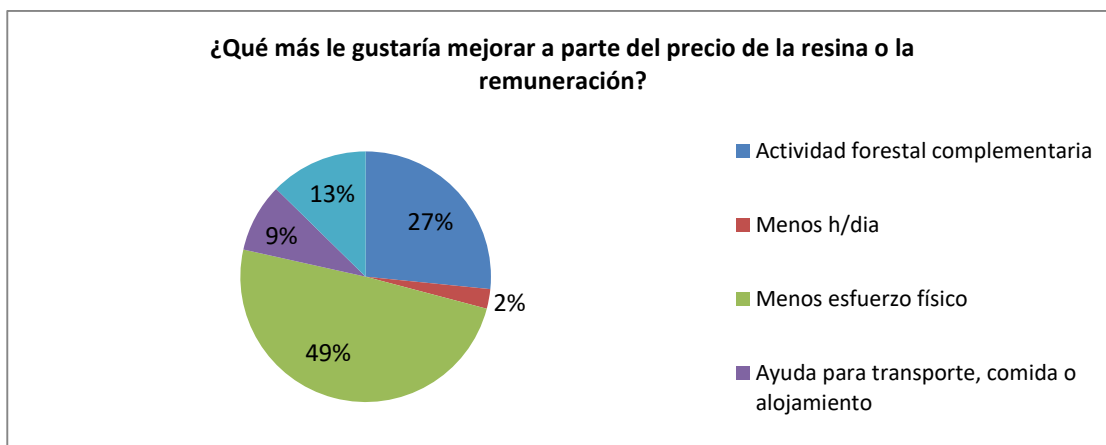
Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

Figura 33. Desglose de otros factores indicados en la categoría "Otros" de la figura 30.



Al preguntar qué aspecto les gustaría mejorar, aparte de la remuneración o el precio de la resina, la respuesta mayoritaria es reducir el esfuerzo físico que conlleva la actividad (49% de las respuestas) (Figura 34). Poder ejercer una actividad complementaria es el segundo factor más frecuentemente indicado (27 % de las respuestas) (Figura 34), en concordancia con las respuestas de disponibilidad para realizar otras actividades económicas comentadas anteriormente. Poder contar con ayudas para gastos de transporte o manutención y reducción de la dedicación en horas son las respuestas más minoritarias (9% y 2% de las respuestas, respectivamente) (Figura 34). En la categoría de "Otros" se han referido factores diversos, como contar con un seguro contra incendios, regulación y puesta en valor de las buenas prácticas, adelantar la concesión de las licitaciones de los pinos, que el monte se prepare para extraer resina en lugar de para obtener madera, tener más de un único pago o remunerar las actividades de mantenimiento del monte.

Figura 34. Preferencias de mejora



Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

3.5.6. Dificultades y necesidades de mejora referidas por mujeres resineras

Finalmente, con el objetivo de recoger información adicional sobre la situación de las mujeres resineras se realizaron dos cuestiones abiertas a las que respondieron ocho de las catorce mujeres profesionales encuestadas. En primer lugar, al ser preguntadas por aquellos factores que dificultan la presencia de mujeres en la profesión, varias participantes refirieron la exigencia física del trabajo y la soledad en el monte. Otras respuestas indicaron que su labor en relación a esta profesión ha estado invisibilizada porque las mujeres tradicionalmente han trabajado en la resina, pero ayudando a familiares. También refieren una percepción histórica de que es un oficio masculino y que todavía no está normalizada su participación en éste de forma independiente, o que el medio rural en general es un espacio más masculinizado. Alguna de las participantes ha referido una situación neutra, sin identificar dificultades y refiriendo la entrada simultánea de varias mujeres en la profesión en su municipio. A la pregunta de qué cambios o mejoras podrían hacer aumentar la participación de las mujeres en la profesión, las respuestas identifican tres aspectos principales: ayudas económicas, mediadas o no por las cuotas de la seguridad social, mejoras en la actividad que reduzcan el esfuerzo físico, y normalización y empoderamiento de las mujeres resineras, mediante intercambio de experiencias entre resineras y campañas de formación.

3.5.7. Organización profesional colectiva o sindical

La participación en asociaciones profesionales o en sindicatos en la actualidad es reducida. El 25% de las personas encuestadas pertenecen a alguna asociación profesional y el 9% pertenece a un sindicato. Con frecuencia las personas que pertenecen a un sindicato lo hacen en relación a otras de las actividades económicas con la que diversifican sus ingresos. Sin embargo, se ha detectado interés en parte de las personas encuestadas en participar en una asociación profesional (56% de las personas encuestadas) o en un sindicato (el 35 % de las personas encuestadas) indicativo de que una parte de los profesionales consideran potencialmente útil la organización colectiva. Algunas personas encuestadas han referido tener espacios no formales de organización con otros trabajadores de la resina, tratándose con frecuencia de grupos de *whatsapp* de profesionales de una misma zona.

3.5.8 Uso de nuevas tecnologías y dispositivos.

Dentro del proyecto Sustforest-Plus se está trabajando en el desarrollo de una aplicación que permita hacer seguimiento de la trazabilidad de la resina. Con el objetivo de evaluar la viabilidad de implementar una herramienta de este tipo se realizaron tres cuestiones referentes al uso de nuevas tecnologías y dispositivos electrónicos. El dispositivo que mayoritariamente emplean las personas encuestadas es el

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

smartphone (un 83% de las personas encuestadas), mientras que el resto de dispositivos tienen un uso más reducido (Figura 35). El porcentaje de profesionales que emplean aplicaciones de comunicación como *whatsapp* o similares es muy elevado (96% de las personas encuestadas), al igual que aquellas personas que usan correo electrónico (84% de las personas encuestadas) (Figura 36). El uso de aplicaciones de GPS es algo más reducido, aunque más de la mitad de los profesionales lo emplean (54%) (Figura 36).

Figura 35. *Uso de dispositivo electrónicos*

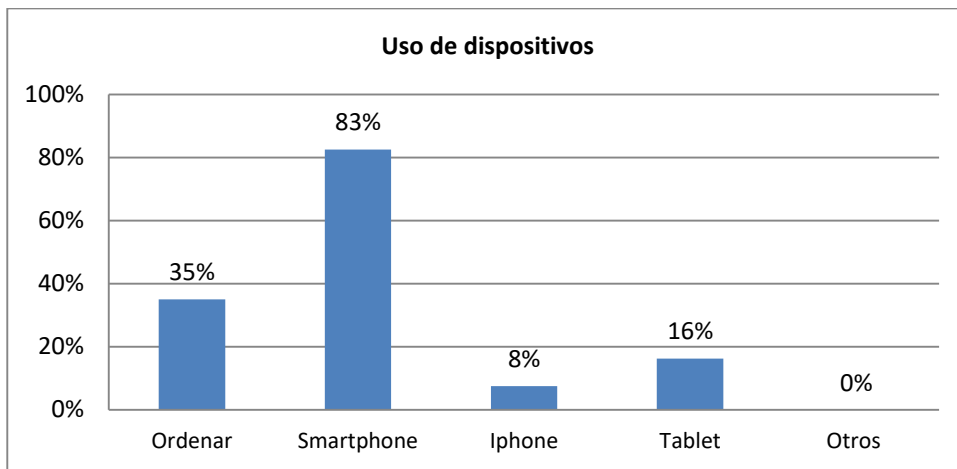
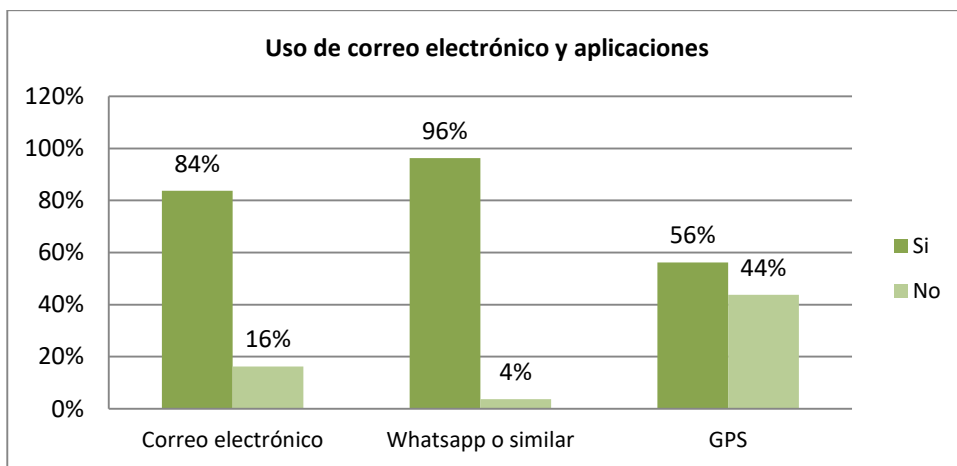


Figura 36. *Uso de correo electrónico y otras aplicaciones*



ANEXO 1. ENCUESTA

Al completar esta encuesta colaboras en el proyecto SustForest Plus, para la caracterización sociolaboral del oficio del resinero y conseguir mejoras en el sector

La información personal obtenida será tratada de forma confidencial, y está destinada a estudios científicos en el marco del Proyecto SustForest Plus, y no podrá ser utilizada o difundida para ningún otro propósito. La información constituye secreto profesional para los entrevistadores y para todos los profesionales involucrados en el estudio.

Encuestador/a: _____ Nº de encuesta: _____

Fecha de la encuesta: _____ Encuestado _____

IDENTIFICACIÓN

1. Nombre
2. Apellidos
3. Teléfono
4. Email

OFICIO DEL RESINERO: FORMACIÓN Y CONOCIMIENTOS

5. ¿Cuánto **tiempo** lleva trabajando en la resina? Número de años o desde que año

6. Aparte de la resina ¿realiza alguna **otra actividad** relacionada con la silvicultura o la agricultura?

- Sí, ¿cuál? _____
- No

- 1.
- 2.

7. ¿Por quién

empezó con la actividad de la resina? (sólo una opción)

1. Un amigo.
2. Otro

resinero.



Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

3. Familiar.
4. Alguien de la industria de la resina.
5. Alguien de otra industria.
6. Alguien de una asociación.
7. A través de la oficina de empleo.
8. Otra situación, ¿cuál?: _____

8. Tiempo dedicado a la resina en los últimos cinco años, o desde que se trabaja en la resina, si hace menos tiempo. ¿?

8. Durante la campaña, ¿trabaja **exclusivamente** en esta actividad? Si / No

9. Cuantos **meses al año** trabaja en la resina: _____ y **horas** a la semana: _____

10. ¿Trabaja el **fin de semana**? Si /No

11. En caso afirmativo, ¿trabaja **sólo los fines de semana**? Si / No

12-. ¿Cómo **aprendió** el oficio? (sólo una opción)

1. Practicando solo (ir pregunta 15)
2. Practicando con otro resinero (ir pregunta 15)
3. Educación reglada secundaria o superior
4. Formación a través de una empresa (ir pregunta 14)
5. Formación a través de una asociación (ir pregunta 14)
6. Otra situación. ¿Cuál? : _____

13. **Educación reglada,**

- Nombre institución: _____
- Pública / Privada
- Título / Curso: _____ (ir pregunta 15)

14. **Curso de formación específico de resinero:**

- Nombre entidad organizadora
- Año del curso
- Pública / Privada / Sector cooperativo
- Nombre del curso
- Duración (horas)

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

- ¿Desearía homologar su cualificación profesional de forma que sea reconocido en todo el territorio nacional?
 - Sí, ¿por qué MOTIVO?
 - No

15. Si tuviera la oportunidad, ¿qué **tipo de formación complementaria** le gustaría hacer? Relacionado con: (sólo una opción)

1. Extracción de resina.
2. Trabajos forestales en general.
3. Manejo de equipos y seguridad laboral.
4. Formación general.
5. Otra. ¿Cuál? : _____

ACTIVIDAD RESINERA: CONDICIONES DE EXTRACCIÓN Y EXPLOTACIÓN

16. ¿De quién son los pinos que trabaja o resina? **PROPIEDAD**

- Propietario privado (persona o empresa)
- De titularidad pública
- Otros. ¿Cuál?: _____

17. ¿Cuántos **pinos** resina por campaña?: _____ pinos / NS-NC

18. ¿Qué **superficie de bosque** trabaja?: _____ hectáreas / NS-NC

19. ¿Qué **producción** obtuvo en la última campaña? _____ kg / NS-NC

20. ¿Cuántas **picas** hace, en promedio, por campaña?: _____ (número)

21. ¿Cuántas **remasas** hace, en promedio, por campaña?: _____ (número)

22. ¿Cuál es su **forma habitual** de trabajar? Sólo / En grupo

23. ¿En qué **término municipal** trabaja? _____ ¿**provincia**? _____

24. ¿Extrae por CUENTA PROPIA o trabaja para otros (CUENTA AJENA)?

- Cuenta propia

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

- Cooperativa, Asociación o Sociedad Anónima Laboral (SAL)
- Cuenta ajena IR a la pregunta 39

CUENTA PROPIA

25. ¿Cuál es su **régimen de seguridad social**? (sólo una opción)

- Régimen general
- Régimen especial agrario

26. ¿Es **suyo el pinar** (copropietario o miembro)? Sí / NO

27. ¿**Cuánto paga** por el alquiler del pino por campaña? ___ € /pino.

28. ¿**Cómo contrata** los pinos que resina?

- Directamente con el propietario de los pinos
- A través de un intermediario.

29. ¿el alquiler es **anual** o plurianual?

- Anual
- Plurianual
- Otro (Número de años): _____

30. ¿Cuenta con alguna persona que le **ayude** a realizar los trabajos? Si / No

31. ¿en qué **fases** del trabajo? (sólo una opción)

1. Preparación del pino (Desroñe, clavado de la chapa y colocación del pote)
2. Picas. (Suelen ser 14 por temporada)
3. Remasas. (Suelen ser 4 por temporada)
4. Desmontaje. (Quitar chapa, clavo y pote)
5. Otra. ¿Cuál?:

32. ¿qué tipo de **relación** tiene con las personas que le ayudan?

- Familiares
- Contratados

33. ¿A quién le **vende la resina**? Puede señalar VARIAS opciones.



Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

- A un intermediario.
- A una empresa de primera transformación de la resina (pregunta 34?)
- A otros. ¿Quién?: _____

34. ¿A qué **número de empresas** vende la resina?: _____

35. ¿**Cuánto le pagaron** por la resina en la última campaña?:

- _____ euros/kg.
- No sabe o no contesta

36. ¿Cómo ha **evolucionado el precio** que le han pagado por la resina en los tres últimos años? (sólo una opción)

- Subió
- Se mantuvo.
- Descendió.
- No sabe o no contesta.

37. ¿Cómo se **estableció el precio**? (sólo una opción)

- Fijo desde el inicio de la campaña.
- Variable a lo largo de la campaña.

38. ¿Cómo **negoció** el precio? (Puede señalar VARIAS opciones)

1. Individualmente.
2. En conjunto con otros resineros.
3. Se incluyó en la negociación el transporte de la resina.
4. Se incluyó en la negociación el alquiler de los pinos.
5. Se incluyeron otros acuerdos (adelantos, herramientas...). ¿Cuáles?

CUENTA AJENA



Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

39. ¿**para quién** trabaja? Si indica el nombre, escríbalo.

1. Empresa de resineros.
2. Industria de primera transformación de resina.
3. Asociación de resineros o asociación de productores forestales.
4. Cooperativa de trabajadores resineros.
5. Otra. ¿Cuál?: _____

40. ¿**cómo ajustó** el trabajo? Puede señalar varias opciones.

1. Por hora.
2. Por jornal. (día)
3. Por mes.
4. Por cantidad de resina extraída.

CONDICIONES DE TRABAJO Y VIDA

41. ¿Durante la campaña de resinación vive en su **domicilio habitual** o está desplazado?

- Residencia habitual
- Desplazado

42. ¿**dónde se aloja**?

1. Sólo, en una habitación (residencia, pensión, hotel, etc.)
2. Solo, en una casa alquilada.
3. En alojamiento compartido con otros trabajadores resineros.
4. En casa compartida con otras personas, no trabajadores resineros.
5. Otros. ¿Cuál?: _____

43. ¿Cómo adquirió las **herramientas** de resinar? Solo una opción.

1. Las compró a un herrero.
2. Se las facilitó la empresa para la que trabaja.
3. Se las facilitó la empresa a la que vende la resina.
4. Se las fabricó usted mismo.

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

5. Otros. ¿Cuál?: _____

44. ¿Qué **contenedor** utiliza para la recolección de la resina? VARIAS opciones

1. Pote.
2. Bolsa.
3. Envase cerrado.
4. Otros. ¿Cuál?: _____

45. ¿Usa **estimulante químico** para resinar? Si / NO

46. ¿alguna vez ha tenido algún **accidente con el estimulante**?

- Sí
- No

47. ¿Cómo **obtiene** el estimulante que utiliza?

- Lo compra. ¿A quién (otro resinero, industria, laboratorio, otros?): _____
- Lo fabrica usted mismo.

48. ¿Qué **sustancia es la base principal** del estimulante utilizado?

1. Ácido sulfúrico. (pasta blanca)
2. Ethrel (Etefon).
3. Ácido salicílico (pasta brasileña).
4. Otros ¿Cuál? _____
5. No sabe.

49. En los últimos 5 años, ¿ha tenido **algún accidente** relacionado con la actividad resinera? (lesiones corporales, trastornos funcionales o enfermedades que hayan disminuido su capacidad de trabajo o de la ganancia) Sí / No

50. ¿qué **tipo de accidente**? Puede señalar VARIAS opciones.

1. Lesión física sin perturbación funcional

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

2. Lesión física con perturbación funcional
3. Dolencia que conlleve una reducción de la capacidad de trabajo o de ingresos.

51. ¿cómo se le prestó la **ayuda**? Solo una opción

- Accedió a la ayuda por sus propios medios.
- Pidió ayuda por teléfono usted mismo.
- Ayuda buscada por otra persona (resinero, trabajador agrícola o forestal)
- Otra situación. ¿Cuál?: _____

52. ¿cuántos **días no pudo trabajar**?: _____ días.

53. ¿le produjo **alguna discapacidad permanente**?

- Sí. ¿Cuál?
- No

54. ¿Está **asegurado** contra accidentes de trabajo? Si / NO

55. ¿**Quién paga** el seguro?

- Su empleador
- Usted mismo

56. ¿Está inscrito en la **Seguridad Social**? Si / No

ACTITUDES Y DISPOSICIONES

Ahora nos gustaría hacerle algunas preguntas relacionadas con la satisfacción, o no, de su actividad como resinero.

57. ¿Cómo de **satisfecho/a** se encuentra con el trabajo de resinero?

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

	Nivel de satisfacción			
	Muy satisfecho/a	Satisfecho/a	Poco satisfecho/a	Nada satisfecho/a
1. En cuanto al gusto por la actividad.				
2. En términos de esfuerzo físico				
3. En términos de remuneración				
4. En cuanto al reconocimiento social de la profesión				

58. ¿Qué es lo que **más le gusta** o satisface en su profesión? Solo una opción.

1. Trabajar al aire libre.
2. Los ingresos o salario obtenido.
3. La independencia en el trabajo.
4. Vocación por la profesión.
5. Otras. ¿Cuál?: _____

59. ¿Qué es lo que **más le disgusta** de la profesión? Solo una opción.

1. Trabajo sujeto a la lluvia, el viento, el frío.
2. Los ingresos o salario obtenido.
3. Dificultad técnica del trabajo de resinación.
4. El esfuerzo físico requerido.
5. La soledad del trabajo en el monte.
6. El riesgo de incendios.
7. El riesgo de accidentes de trabajo.
8. Otras. ¿Cuál?: _____

60. ¿Qué es lo que más te preocupa del **futuro de la profesión**? Solo una opción.

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

1. Que el precio de la resina no cubra los costes.
2. Falta de mano de obra que sepa resinar.
3. Falta de atractivo de la profesión para los jóvenes.
4. Que nadie compre la resina.
5. Alta frecuencia de incendios.
6. Falta de bosques de pino para resinar.
7. Impago de la resina por los compradores.
8. Otras. ¿Cuál?: _____

61. ¿Tiene usted **hijos**? Si / No explica que se hacen con el objetivo de ver el relevo generacional

62. ¿son **mayores de edad**? Si / No

63. ¿residen en su **misma localidad**? Si / No

64. ¿cuál es su **implicación** con la resina? Puede señalar más de una opción.

1. Preparación de los pinos.
2. Picas.
3. Remasas.
4. Desmontaje.
5. Otra. ¿Cuál?: _____
6. No tienen ninguna implicación

65. ¿qué probabilidad cree que hay de que **continúen con la actividad**?

1. Muy probable.
2. Probable.
3. Poco probable.
4. Nada probable.
5. No sabe.

66- ¿Qué **grado de disponibilidad** tiene para trabajar, además de la resina, en otra actividad forestal?

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

	Grado de disponibilidad		
	Disponible	No disponible	Depende N.S. /N.C.
1. Durante la campaña de resinación			
2. Fuera de la campaña de resinación			

67. ¿Qué **grado de disponibilidad** tiene para las siguientes actividades?

	Grado de disponibilidad		
	Disponible	No disponible	Depende N.S. /N.C.
1. Vigilancia forestal.			
2. Brigadista forestal (limpieza y 1er ataque)			
3. Trabajos forestales.			
4. Otros. ¿Cuáles? _____			

68. En su opinión, ¿qué factores afectan más al **beneficio de la actividad**? Marque sólo **DOS** opciones

1. El coste del material y las herramientas.
2. Los impuestos.
3. Los gastos de desplazamiento.
4. El margen de los intermediarios.
5. El importe pagado a los propietarios forestales por pino.
6. Estacionalidad del trabajo.
7. Otra. ¿Cuál?: _____

69. ¿Qué **más** le gustaría **mejorar** además del salario o la cantidad pagada por la resina? Sólo **UNA** opción.

1. Ejercer una actividad forestal complementaria.
2. Trabajar menos horas por día (o por semana).
3. Reducir el esfuerzo físico del trabajo, por ejemplo, con la mecanización.
4. Contar con una ayuda para el transporte, comida o alojamiento.

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

7. Otra. ¿Cuál?: _____

INFORMACIÓN SOCIOECONÓMICA

70. **Municipio** de residencia: _____

71. ¿Cuál es su **nacionalidad**? _____

72. ¿Cuál es su **situación** en relación con la **actividad económica**?

1. Activo ejerciendo
2. Activo en paro
3. Inactivo, jubilado o pensionista
4. Inactivo, otra situación

73. ¿Cuál es su **profesión** actual o anterior, además de resinero? _____

74. ¿La resina es su principal fuente de ingresos? Si es SI ya no se leen todas las opciones

¿Cuál es la **principal fuente de ingresos**? (no es valor; es la fuente de ingresos)

1. Ingresos por resina.
2. Salarios por otras actividades forestales.
3. Salarios de la industria o los servicios.
4. Ingresos por actividad empresarial o por cuenta propia en el sector agrícola o forestal.
5. Ingresos por actividad empresarial o por cuenta propia en el sector industrial o servicios.
6. Jubilación, pensión, subsidio de desempleo u otra prestación social.
7. Alquiler de edificios rústicos o urbanos.
8. Remesas de emigrantes familiares.
9. Otras. ¿Cuáles? _____

Ya solo nos quedan una preguntas que tienen que ver para realizar un perfil socioeconómico

75. ¿Cuál es el **nivel formativo**, los años de escolaridad?
después de la edad,

Esperar la respuesta. Preguntar al final

Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

1. Sin escolarización.
2. Educación primaria.
3. Primera etapa de educación secundaria.
4. Bachillerato
5. Formación profesional
6. Educación superior.

76. **Género** Masculino / Femenino (preguntas 87 y 88)

77. **Edad:** _____ años

78. ¿En qué proporción contribuye la actividad resinera a su **renta familiar**?

1. El 0 %
2. Hasta el 10 %
3. Hasta el 25 %
4. Hasta el 50 %
5. Hasta el 75 %
6. Hasta el 100 %

79. ¿Pertenece a una **asociación profesional**? Si / No

80. ¿**estaría interesado** en pertenecer a una? Si / NO

81. ¿Está **sindicado**? Si / NO

82. ¿y estaría **interesado** en afiliarse a uno? Si / NO

83. ¿Utiliza alguno de los siguientes **dispositivos electrónicos**?

1. Ordenador.
2. Smartphone.
3. iPhone.
4. Tablet.
5. Otros. ¿Cuál?

84. ¿Utiliza alguna **aplicación de GPS** en su teléfono móvil? Si / No



Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

85. ¿Dispone de **cuenta de correo electrónico** propia? Si / No

86. ¿Utiliza en su teléfono móvil alguna aplicación de comunicación del tipo **WhatsApp** o similar?
Si / No

87. Desde su punto de vista o experiencia, ¿qué factores dificultan la presencia de mujeres en la profesión? Preguntar a realizar sólo a mujeres

88. ¿Qué cambios o mejoras consideras que aumente la participación de las mujeres en esta profesión?
Preguntar a realizar sólo a mujeres

Si tiene alguna pregunta o comentario que añadir que crea que no hay quedado recogido en el cuestionario

Muchas gracias por su colaboración

Título principal (Franklin Gothic Demi, Size 16. RGB 75 75 75)

Subtítulo (Franklin Gothic Demi, Size 13. RGB 75 75 75)

Texto resaltado (Franklin Gothic Demi, Size 11. RGB 130 183 42)

Texto normal (Franklin Gothic BkBt, Size 11. RGB 75 75 75)



Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

↕ Text

↕ Text

↕ Text

Formato tabla / Tabla 1

Nivel 1 resaltado (Franklin Gothic Demi, Size 11. RGB 130 183 42)	
Nivel 2 (Franklin Gothic Demi, Size 11. RGB 130 183 42)	Nivel 2
Nivel 1	Nivel 2
Nivel 1	Nivel 2
Nivel 1	Nivel 2

Cuadro de texto



Formato imagen: Imagen 1 / Pie de foto

3. Text

4. Text



Informe caracterización del perfil sociolaboral del resinero. Fase 2. Estudio cuantitativo

5. Text

INFORME DE LA FASE I DE ESTUDIO DE LA POBLACIÓN RESINERA EN ESPAÑA

Resultados de las entrevistas a informantes clave del sector

Guadalupe Ramos Truchero
Universidad de Valladolid
Dpto. Sociología y Trabajo Social

Introducción y presentación del informe

El estudio que se presenta surge de la preocupación de CESEFOR y del proyecto SustForest Plus por conocer cómo es la realidad sociolaboral de los trabajadores dedicados a la producción de la resina, especialmente, del colectivo que aparece con el resurgimiento de la actividad de la resina al inicio de la década de 2010. A este se le atribuye una serie de problemas derivados de ser un oficio tradicional realizado por un colectivo pequeño y con importantes niveles de abandono de la actividad.

Para ello se plantea la realización de un estudio con metodología cualitativa donde se busca en todo momento una participación activa de las empresas y organizaciones sectoriales de la actividad resinera con el propósito de recoger los discursos, percepciones y experiencias de quienes día a día trabajan en este sector. Del mismo modo, esta metodología permite alcanzar una mayor profundidad en la información sobre la población resinera que complementa los estudios realizados hasta el momento bajo perspectivas básicamente estadísticas. Así, bajo este enfoque metodológico se plantearon los siguientes objetivos: 1) hacer una primera caracterización de la población resinera española; (2) ayudar con estas entrevistas a contextualizar y adaptar el cuestionario de referencia elaborado por el INIAV y (3) convertir el estudio sociológico en una dinámica participada en la que las empresas y organizaciones sectoriales se impliquen como destinatarios de los resultados del estudio y colaboren en la difusión y logística posterior de los formularios y encuestas.

El trabajo ha sido dividido en dos fases. Una primera, finalizada y que es la que se expone en este informe, dedicada a realizar un acercamiento a la población resinera en España a través de informantes clave del sector que poseen una información global como profesionales experimentados con larga trayectoria de trabajo en el sector. Se trata de personas que están en contacto diario con resineros, industria transformadora, así como con las Administraciones públicas y el mercado. Una segunda fase, donde se realizan entrevistas a los trabajadores resineros. Su realización se basa en los resultados de la primera fase y según los perfiles y cuestiones acontecidas en ella.

El informe expone las primeras informaciones obtenidas en las entrevistas a informantes clave sobre cómo es la población resinera española en la actualidad. Con ello se hemos pretendido conocer varias cuestiones: cuáles son los perfiles de los resineros actuales, constatar cuál es la situación que caracteriza a cada uno de ellos, qué factores están detrás tanto del abandono como de su permanencia en la actividad y, finalmente, qué se puede hacer para que el sector siga aumentando el número de activos y evitar que las incorporaciones terminen por abandonar la actividad. Del mismo modo, expondremos los temas o puntos relevantes que crean más fricción dentro del sector en la actualidad.

Se realizaron de tres entrevistas a cuatro personas de la actividad de la resina en España ubicadas entre Soria, León y Segovia, provincias donde la producción de resina está teniendo mayor relevancia en los últimos años. Hay que señalar que alguna de las entrevistas han participado más de un informante, de manera que podemos señalar que han sido cuatro los expertos los entrevistados. Su selección se basó en la posición estratégica que tienen dentro del sector y que hace que tengan una visión global sobre la población resinera ya que son representantes de empresas, cooperativas o asociaciones de resineros en España. En algún casos, además de representantes, trabajan como resineros o trabajadores forestales. El trabajo de campo se realizó entre julio y septiembre de 2019.

La manera de abordar metodológicamente el tema se hizo a través de un guion preestablecido semi-estructurado con preguntas sobre los temas que nos interesaban, abordando también sus trayectorias personales y profesionales, sus percepciones y opiniones sobre el sector resinero. No obstante, las entrevistas fueron flexibles con la intención de hablar sobre aquellos temas o aspectos que los entrevistados consideraban relevantes de señalar o ser tratados pero el investigador no los había tenido en cuenta. En definitiva, nuestro propósito fue contar con personas que pudieran proporcionarnos una información completa sobre la población resinera española y de las cuestiones más relevantes en este momento en el mundo de la resina.

1. Los resineros como población de estudio

Hay que comenzar señalando que la población resinera es un colectivo laboral opaco y del que sociológicamente poco se sabe. Las referencias encontradas sobre los resineros son estudios estadísticos y descriptivos cuyos resultados se caracterizan por centrarse especialmente en la contabilización de las producciones de resina y por contener

información escasamente generalizable a nivel nacional, ya que se trata de trabajos centrados en provincias o regiones concretas¹.

Además de la dificultad para cuantificación a los resineros en España, otro problema encontrado en las fuentes estadísticas disponibles es que no se dispone de una desagregación por categorías más allá del tipo de dedicación (exclusiva o parcial) y de la trayectoria resinera (tradicionales o nuevas instalaciones). Así, los datos no ofrecen diferencias por sexo, ni tampoco diferencian por zonas resineras.

Los últimos datos disponibles sobre la población resinera contabilizaba en Castilla y León para 2017. Su número son un total **943 resineros**, de los cuales 839 son considerado como “tradicionales” y 104 como “nuevas incorporaciones”. Esta cifra ha ido en aumento desde 2009 a 2017. Del mismo modo, distinguen entre la dedicación exclusiva a la resina con 689 personas frente a 282 con dedicación parcial².

Si se consultan otro tipo de fuentes, la Asociación Española de Resineros estima que hay entorno a **1.500 resineros en toda España**, de los cuáles 1.000 estaría ubicados en Castilla y León. En esta Comunidad por provincias, el mayor número está **en Segovia con unos 750 resineros** y el resto, hasta los 1.000, se reparte entre Soria³, León, Ávila, Valladolid y Burgos. Los 500 restantes se reparten entre provincias como Granada, Cuenca, Guadalajara o algunos puntos de la Comunidad autónoma de Extremadura. Respecto de las mujeres presentes en la resina se estima que su número no llegue al 1%.

2. Caracterización de la población resinera. Perfiles de resineros encontrados.

La cuestión de la escasez de datos concretos relativos al colectivo de resineros ha hecho que una de las cuestiones más importantes a tratar en las entrevistas a informantes haya sido la caracterización de la población resinera. De ellas hemos obtenido cuatro perfiles de trabajadores en la resina.

Perfil 1. Jóvenes que trabajan como trabajadores autónomos durante la campaña de la resina, que los meses de invierno permanecen inactivos. Tienen entre los 17 y 20 años y realizan algún trabajo informal o formal a la espera de que empiece la nueva

¹ Se trata de los informes Estudio socioeconómico y metodológico de la resinación en Castilla y León durante la Campaña 2001 (Provincias de Segovia, Ávila, Valladolid y Soria). Y el Estudio socioeconómico 2008.

² Reis, P. y Palma, A. (2019). *Estudo sociolaboral dos trabalhadores resineiros no espaço SUDOE*. Presentado en Jornadas Internacionais “O aproveitamento resineiro: Florestas com futuro” Proença-a-Nova (Portugal). Celebrado en 29 e 30 de mayo de 2019.

³ En la provincia de Soria estima que hay unos 100 resineros, según la estimación de varias personas del sector en la provincia.

campana. Tienden a ser personas que sacan un sueldo medio mensual de unos 1.000 euros/mes. Esta cantidad es suficiente para sobrevivir porque aún no se han independizado y suelen vivir en casa de los padres. Podríamos decir que son personas que están en situación de espera de encontrar otro trabajo más estable o al menos que tenga continuidad durante todo el año. Su juventud puede llegar a acondicionar la permanencia. Creemos que su situación cambiará a medida que cumplan años y aumenten sus responsabilidades familiares, optando bien por la salida de la resina o por consolidarse y coger más pinos con los que tener mayores ingresos. Podrían denominarse como “aparcados a la espera de algo mejor”.

Es gente que se dedican a los árboles 9 meses y con una media de 1.000 euros al año para doce meses y 3 meses de vacaciones. No pago nada y viva la madre superiora. Y esa es la mentalidad en la gente más joven (E3).

A la gente muy joven, le cuesta mucho más estar en el sector. Tienes mucho más éxito a partir de los treinta, cuarenta, son los que aguantan y funcionan mucho mejor en el sector. Son más responsables, más asentada,..Es que es muy difícil para un chaval de veinte pocos años, que todo el mundo esté de fiestas y el no poder salir o ir a la piscina (E1).

Perfil 2. La resina como complemento de renta. Dedicaciones parciales. Se trata de personas con dedicación parcial que combinan un trabajo principal con llevar una mata de pinos. Esta actividad principal tiende a ser como trabajador autónomo. Nos señalaban los informantes que el hecho de pagar una cuota como trabajador autónomo para su actividad principal, hace que el desarrollo de la actividad resinera no les genere un gasto más en la Seguridad Social y esto ayude a tener la resina como complemento de renta. Tal y como nos señalaban:

Porque como ya pagas un autónomo ya es un complemento de renta que está ahí. Con la misma cuota de autónomos, haces dos actividades (E3).

Uno, el que es autónomo con otra actividad que su actividad principal con la crisis se vio disminuida. Que ya tenían el gasto de cuota de autónomos fija, lo que han buscado es un complemento a la renta. Han cogido, 3.000 ó 4000 pinos, para complementar su renta. Aquí sus gastos no se incrementan porque la cuota de autónomos es la misma, no pagas más, pero tienes otra actividad para aumentar los ingresos. Es una complemento de renta, el gasto que tienes es el alquiler de los árboles. Nada más. Porque ya pagas la parte más costosa que es la Seguridad Social. Es abrir un epígrafe más en la Seguridad Social y ya está (E1).

Estos tienden a ser personas con origen resinero, es decir, conocen la actividad y el oficio resinero por tradición familiar, porque en el pasado acompañaban a sus padres o familiares. Sus matas de pinos están cerca del municipio o lugar donde residen. Trabajan los pinos durante los ratos libres durante los fines de semana, fiestas o a media jornada tras terminar las labores de su trabajo principal. Los ingresos de la resina son un complemento de la renta. Si bien, esta actividad principal puede ser de dos tipos:

Perfil 2.1. Dedicaciones parciales a la resina combinadas con actividades principales vinculada al sector agrario y/forestal (agricultor, apicultor, castañoero, trabajadores forestales que la vez son resineros o retenes). Estos son quienes apuestan por la diversificación dentro de la actividad forestal y, precisamente debido a esta diversificación productiva serán los resineros con más posibilidades de mantenerse a pesar de las fluctuaciones del precio de la resina.

Hay mucha gente que no está interesada en hacer otra actividad, porque no. Y la gente que ya está más reposada, sí. Se dedican a las castañas, diversifican con una o dos actividades. Unos son albañiles y no se qué. O la apicultura, que es algo que va muy bien con la resina, aunque temporalmente coinciden. Hace que dupliquen los ingresos. En la zona de X, ahí sí que son más agricultores. Muchos se decidan al Lupulu para cerveza y la combinan con la resina (E3).

Perfil 2.2. Dedicaciones parciales a la resina combinadas con actividades principales vinculadas a otros sectores. Son autónomos que trabajan como albañiles, carniceros, fontaneros, constructores, ajenas al sector.

Aquí, (gente con dedicación parcial o complemento), no. Habrá gente así pero aquí, no. Gente que a lo mejor trabaje en fábricas y tiene unos pinos. Por aquí son los mínimos, los que se dedican como complemento. Me imagino que algún agricultor o gente que trabaje en alguna de las pocas fábrica que hay por aquí, que conocía el oficio de antes y que ha cogido algún pino para complementar y si está a turnos, pues va un rato que puede (E1).

En cualquiera de los dos casos, este tipo de resinero por complemento de renta es más habituales en las zonas donde se obtienen menores producciones de resina por árbol. Por ello, concentran en las zonas de León, Soria, Guadalajara, Extremadura, donde la producción de resina es menor (3 kilogramos/pino) mientras que, es más difícil de encontrarlos en zonas de Segovia.

Perfil 3. Dedicación exclusiva a la resina. Es un perfil más propio de encontrar en las zonas de Segovia. Suelen llevar entre 7.000, 8.000 o 10.000 pinos. Pueden ser el 70%. Este perfil es que del que menos sabemos probablemente porque nos ha faltado hacer alguna entrevista más en Segovia.

Perfil 4. Mujeres resineras. Las mujeres tradicionalmente han trabajado en la resina. Su papel ha sido fundamentalmente como ayuda en determinadas tareas como la remasa. Actualmente, nos dicen que son las menos pero están presente a pesar de las apariencias. Se estima que actualmente hay en torno a 1% de mujeres titulares de explotaciones resineras. El principal obstáculo que encuentran es el esfuerzo físico del trabajo. No obstante, nos señalan que este factor no es determinante ya que lo

importante en el trabajo resinero es tener más la técnica que fuerza. Los entrevistados así lo manifestaron:

La cuestión de género en la resina solo es importante en el tema, por ejemplo, físico de ferroñar y tal que es físico pero no lo es tanto porque es muy técnico. cuando yo te he dicho antes que es cirugía arbórea es que es así. Al final, es una cuestión de práctica. al principio, como no tengo la práctica lo compenso con lo físico. Pero a medida que avanzas....Nosotros había una chica de X, que se llama C, que si picando nosotros hacíamos 1.000 árboles, ella hacía 800 árboles. Que al cabo del día se nota, ella tiene su limitante por físico pero es que había chicos que no llegaban a los 700 árboles. Por eso, es que es una cuestión no de género sino de técnica. Son las menos (E4).

Tenemos mujeres. No son las más, como titulares principales pero las hay. Sí que hay trabajos que son físicamente muy exigentes. El desroñe es exigente, la pica no lo es tanto la remasa cuando está muy fluida, luego cuesta más. Luego te buscas la mañas (E1).

Es más habitual encontrar mujeres con un origen resinero en la familia o que trabajan junto a su pareja. De hecho consideramos que esto facilita su entrada en la actividad porque supone tener conocimiento previo del mundo de la resina, algo que como veremos más adelante, es importante para la instalación,

No obstante, también hay mujeres sin un origen resinero que entran como nuevas incorporaciones. En este caso, son otros los factores que más pueden incidir. Es el caso de querer un trabajo por cuenta propia, optar por un estilo de vida tranquilo y cercano a la naturaleza o incluso dotarles de una identidad singular. Lo que percibimos es que el trabajo de la resina les otorga de una identidad singular como mujer al dedicarse a un trabajo en el que extrañamente se la espera. Tanto en un caso como en otro, las mujeres son titulares o cotitulares de la explotación forestal. Si bien, también hay casos en los que las mujeres sólo figuran meramente como titulares y en la práctica pero no trabajan (E1).

3. Razones de la entrada a la actividad resinera

3.1. La resina como sector refugio ante el desempleo: los “rebotados” de la crisis.

Castilla y León pasó de 158 resineros en 2009 a 943 en 2017 y la producción de resina aumentó de 2.107 toneladas en 2009 a 2.163 toneladas en 2017. Todos los entrevistados señalan que una de las principales razones de este aumento fue la crisis económica y financiera española (2009), que se desarrolla paralelamente al crecimiento del sector resinero. Este se convierte en un sector refugio para muchas personas, especialmente, varones que pierden su empleo en el sector de la construcción y los sectores vinculados

a este⁴. Del mismo modo, muchos entran ante la falta de cualquier expectativa laboral y ante la cual se encuentran mayoritariamente desprovistos de una formación reglada.

Mira, venían sobretodo de la construcción. Mira, si no fuera por la crisis, por mucho que pagaran la resina, yo desde aquí te digo, que a lo mejor no hubiera entrado la mayor parte de los que han entrado Hay gente joven que no le ha quedado otra cosa. Es gente que no estudió o abandonó el colegio pronto. Yo me encontré que aquí con gente que abandonó los estudios porque la construcción era fácil trabajar y ganabas dinero(E2).

Bueno, pues la gran mayoría vienen rebotado de la crisis y del sector de la construcción. Muchos empiezan, con deudas incluso, y se meten en un sector, y vienen porque suena que es un sector que viene pegando fuerte (E3).

Para una parte de estos incorporados se trató de una vuelta a la resina. Estos ya conocían la actividad resinera porque en algún momento de su vida profesional trabajaron en los pinares de sus municipios. Sin embargo, durante los años de bonanza económica y auge del sector de la construcción la abandonaron. Otros conocían el oficio por su origen familiar y aprovecharon la pérdida de empleo para entrar en la resina.

Mira, en X, ahí había muchos resineros. Todos se fueron a la construcción y encima, se reían de nosotros, claro. Había gente con 20 pocos años, haciendo el AVE con la tuneladora. Se metían 3.000 o 4.000 euros todos los meses, trabajando de lunes a viernes. Y en la construcción. Pero todo eso se vino a bajo. Y de la gente de X, la mayoría ha vuelto. Están resinando ahora todos, todos (E2).

La empresa en la que el trabajaba, con la crisis, se fue al “garete”. El decidió volver a apostar por algo que conocía, que estaba en su pueblo, que estaba empezando en el 2009, 2010 en la empresa, cuando cayó, dijo: no aguanto a nadie, me vuelvo a la resina. La empresa era de construcción y se volvió a la resina. Es hijo de resinero, es un sector que conoce. (E1).

Los entrevistados comentan que se produjo un *efecto llamada* durante estos años que consideran que no benefició al sector pues provocó que muchas personas entraran en la actividad de la resina bajo falsas ilusiones y desconociendo el sector y el trabajo.

[...] vienen porque suena que es un sector que viene pegando fuerte (E3).

Gente que no se conocía, gente de fuera, hasta asturianos. Y, empezaron los hombres, y creo que no acabaron ni de derroñar. Porque no estás acostumbrado a un trabajo. [...] Es que esto lo lanzaron como que aquí era una mina. Entrevistas, en el periódico en, la televisión, que decían que un resinero puede sacar 4 kilos por pino. Y que puede llevar 8.000 o 9.000 pinos. Vale, 9x 4: 36.000 kilos, a 1 euro. Es mucho dinero. Pero no es el caso. Que el pino tiene 4 kilos, sí, pero que tú se les saques, eso ya es otra cosa (E2).

⁴ Recio, A. (2011). Los efectos de la crisis sobre las clases trabajadoras. *Papeles de Relaciones eco-sociales y Cambio global*, 113, 45-55.

3.2. La resina también como opción laboral deseada

Al mismo tiempo, también se señala la existencia de personas que entraron por otro tipo de razones, no necesariamente basadas en la racionalidad económica. Es, por ejemplo, el deseo de algunos de ellos de querer vivir en su pueblo y el rechazo a salir a trabajar a otros lugares lejos de la familia, o personas que quieren trabajar “sin jefes”, o en contacto con la naturaleza.

Hay mucha gente que viene de estar trabajando para otras empresas, están saturados, de tener un jefe y prueban. Viene de cualquier sector (no tienen origen de resinero). No quieren mando, quieren estar a su aire (E1).

En otras zonas te encuentras con gente joven y de mediana edad, que ha decidido quedarse en el pueblo y ahora surge esta oportunidad. Algunos habrán probado en otras cosas, como agricultura, pero que querían quedarse a vivir aquí. [...]la gente de X y X son gente que estaba muy arraigada a la mina y al ferrocarril. Era gente que tenían buenos trabajos pero que viajaban mucho (Hoy Barcelona, mañana no se qué) y querían quedarse. Era gente de 30 para arriba (E3).

El sector forestal siempre se ha visto que son los que no valen en ningún sitio. No, no. En el sector forestal, perdona, tienes de todo. Tengo biólogos trabajando de resineros, aparejadores, fontaneros. Tengo maestros que han llegado por circunstancias, porque no quieren un trabajo fuera de su zona. Gente que no quieren aprobar una oposición y tener que irse a Andalucía y no quieren irse porque tiene a su hija aquí, o porque quieren apostar por su tierra y quedarse aquí. Y consolidan porque quieren estar aquí. No es un sector en el que no tengas gente formada. Hay de todo.. Mas delo que parece (E1).

4. El abandono de la actividad resinera

Los entrevistados señalan también como un hecho particular de estos años de crecimiento del sector, el importante número de abandonos en la actividad: *lo que hace es que todos los años se den de alta 200 y se den de baja 100. Somos pocos los que hemos seguido. Mucha gente probó y lo dejó. Hizo la inversión en material y dijo, esto no es ir allí a abrir un grifo (E3).* Por ello, una cuestión importante a tratar fue la discusión en torno a los factores que se considera que hay detrás de las numerosas retiradas del sector.

Para ellos muchas personas terminaron por abandonar porque no se adaptaron a una serie de características que imprime el oficio resinero, y que si se carecen de ellas, las probabilidades de permanecer son escasas. Entre estas hay unos rasgos personales considerados necesarios: ser una persona autónoma, lo cual significa saber trabajar solo; organizarse bien, saber administrar el tiempo y el dinero o gustarle el monte, entre otras cuestiones. Como se señala aquí:

Es gente que es autónoma, gente que le gusta el monte, que trabaja bien, que se organiza bien[...]A ver es que el monte tiene una cosa. Primero, el trabajo te lo organizas tu. Tienes

que organizar tu tiempo y trabajo. Necesitas constancia. Es una carrera de fondo. Es una época productiva que se concentra mucho. Empieza en mayo. Junio, Julio y agosto, esos tres meses son vitales. Hay que estar pin, pan, pin, pan. Entonces, son tres meses muy duros que no puedes parar el ritmo de la pica porque es cuando estas sacando los ingresos de todos el año. Es cuando todo el mundo se está divirtiendo, y nosotros estamos en plena campaña. Pero bueno. Eso es como el que coge uvas. No puedes decir me voy de fiesta y vuelvo. Si la uva se empieza a recoger por septiembre y octubre hasta que se termina porque si no se estropea. Pues nosotros igual. Es cierto que es un perfil de gente que sepa estar solo en el monte, que aguante la soledad del monte, que no todo el mundo la aguanta. Que se sepa organizar, tanto en el tema de trabajo como de los ingresos porque hay que administrar con tres o cuatro ingresos al año para el resto (E1).

Claro, ahí está en el problema. Gente a los que no les enseñaron bien. Algunos sí han aprendido y otros se han quedado, y otros que no se acostumbran a estar solos (E2).

Otra condicionante es la importancia del primer año de instalación en el trabajo resinero. Se considera que la forma en que se aborde la instalación el primer año es fundamental. Uno de los factores más importantes es **tener un “buen dominio” y conocimiento** de la extracción de la miera y de la mata de pinos que se trabaja durante este primer año. Los entrevistados están todos de acuerdo en mencionar que la gente que se instala sin antecedentes familiares carece de la formación necesaria para empezar en este trabajo. Por ello, señalan la importancia de tener una buena formación forestal y en materia económica y contable de la actividad (viabilidad económica de la actividad, sacar rendimiento de la extracción, planificación...). Así lo que tiende a ocurrir es que el primer año las producciones son reducidas porque es el tiempo en que el resinero menos conocimientos posee y que el árbol tiene menos producción. Por eso, una de las propuestas que se hace es la necesidad de proporcionar una buena formación a quienes se instalan en el sector, además de ofrecer un acompañamiento o *mentorización* de expertos que evite estas situaciones donde el nuevo resinero se sienta desamparado y solo, como veremos más adelante.

El primer año, es el más duro, si no conoces y hasta que aprendes el ritmo. A la gente lo que le aconsejamos es que no coja más de 5.000 árboles, que aprenda, que lo domine y que al siguiente, si es necesario, que amplíe. Es lo que hace la gente que nos hace caso. Porque si tu coges muchos árboles, no lo dominas y no tienes conocimiento, el monte se apodera de ellos, y se agobian y terminan abandonado. Se desesperan y se van [...] es el año que el árbol menos da y es el año que tú no sabes. Ese año (el primero), el árbol te va a dar un 15% menos de rentabilidad. Y encima tu no sabes y eso a la gente hay que decírselo para que cuando empieza sepa a lo que se enfrenta y salga rebotado del sector. Que tiene que hacer una previsión a 2 o 3 años. Que si funciona bien el primer año va a ser muy duro, el segundo ya va a ir mucho mejor, y el tercero va a ir “viento en popa a toda vela”. [...] Hay que decírselo a la gente, que no se meta en el sector sin saber realmente lo que es. Que sepan a lo que se van a enfrentar, para que quien llegue, llegue con todas las consecuencias. (E1).

Porque no llega a dominar nunca la técnica. Es decir, si tu has hecho unas cuentas, pensando en que tienes que sacar 3 kilos y en ese tiempo, resulta que sacas 2 (kilos). Pues no da. Es la cuenta básica que todo el mundo sabe hacer. Y entonces, abandonan la actividad [...] por la reuniones que tenemos a nivel nacional, gente con poca formación (E3).

Otra cuestión que parece estar contribuyendo al abandono de la actividad es la temporalidad de la producción de la resina y, por ende, la falta de una actividad remunerada durante los meses fuera de campaña. De la misma manera que tampoco favorece que los ingresos generados sean discontinuos y no mensuales. Una cuestión que es propia de cualquier trabajo autónomo pero que se suma a la lista de limitaciones. Por esta razón, algunos proponen el fomento de la diversificación del trabajo forestal, accediendo a realizar otro tipo de trabajos o de producciones.

Ese y lo del invierno, yo pienso que es lo más. Porque la única solución para que la resina continuara o se quedara es garantizarla es que, como mínimo, un par de mesecillos de trabajo en invierno. Que además es necesario. Si en invierno, tuvieras de mínimo dos meses, de trabajo. Así, ya completas. Esta es la laguna que tiene este oficio. (E2).

Eso es otra de las cosas que aleja bastante del sector a la gente. Tú cobras dos o tres veces al año ingresos fuertes. Igual desde enero que estás trabajando hasta julio, no he tenido ningún ingreso. Y de repente llegan 6.000 -8.000 (euros), si solo me dedicara a eso (E3).

Del mismo modo, otra cuestión importante es que los ingresos que se obtienen son considerados escasos en relación al número de horas trabajadas. En muchos casos, les es **imposible cubrir los gastos** de la explotación forestal, como de desplazamiento, el importe de los seguros,...Especialmente, esta situación se da en zonas donde la producción de resina es menor y durante el primer año cuando se realiza la inversiones iniciales.

Es que tiene que vivir todo el año, y quitar para gastos. es que tu empiezas el día 15 de febrero, y si el pinar está muy lejos, tienes que llevar el coche, vienes a comer, vas por la tarde y vuelves, y eso tienes que pagártelo tú. Es que hay gente que va más lejos. Hay gente de X que está trabajando a 40 ó 50 kilómetros de su pueblo. Y eso en 8 meses y medio, es dinero (E2).

Pero los ingresos son mínimos. Con eso 13.000 euros que tengo de ingresos en X dedicándome solo a esto descuento autónomos y los pequeños gastos de desplazamiento, etc. Nosotros tenemos la suerte de que yo puedo ir andando a mi trabajo. Estamos cerca del pinar. Pero con la gente que tiene que desplazarse. Si encima de eso tuviéramos que tener un seguro, ostia, no da. Empiezas a acumular ahí cosas y no da. De una PYME, la resina no da para todo eso. Y no puedes tener un seguro a nivel de explotación. Imposible. Al menos aquí (E4).

En algunos casos, nos cuentan como la precaria situación económica que tienen algunos resineros puede verse agravada cuando son personas que vienen de otros lugares a vivir en los municipios rurales pues encuentran dificultades para encontrar viviendas asequibles y en buenas condiciones. En este sentido, se sabe que las Diputaciones, concretamente la de Soria, ha diseñado una línea de ayudas destinadas a promover la disponibilidad de viviendas rurales destinadas a resineros que se instalen en la provincia.

Si es gente que viene de nuevas y puede conseguir vivienda...porque ese es un factor muy limitante, lo de la vivienda si viene gente nueva. Es complicado en los pueblos conseguir vivienda. Y que la vivienda esté en unas condiciones razonables y tercero, que sea a un precio asequible. Cobramos más que en la Gran Vía. Es la gente no quiere poder las viviendas en alquiler. Diputación sí que está trabajando en hacer una base de viviendas en alquiler con

líneas de ayudas en rehabilitación de viviendas. Con la condición de que en cinco años las pongan en una base para alquiler para poder dar acceso a esa población de gente que quiere venir de otros sitios a vivir. Es que es muy difícil decir que queremos y que somos la “España vaciada” y que queremos que la gente venga pero si no tiene un lugar donde vivir a un precio razonable, es inviable (E1).

Por todo ello, hay un acuerdo generalizado en señalar al conocimiento previo del trabajo resinero imprescindible para entrar en el sector. Y esto solo ocurre cuando se procede un origen familiar resinero y se conocen los sinsabores del oficio, o cuando hay un periodo largo de formación. Por tanto, la tesis de los expertos entrevistados es que en ambas situaciones las probabilidades de éxito y consolidación de una persona en el sector aumentan exponencialmente.

5. La formación forestal y resinera como elemento esencial para el avance del sector

La necesidad de más formación ha surgido en las entrevistas como uno de los temas claves tanto sobre las cuestiones que se están haciendo mal como de las que se habría que mejorar. Para los informantes ésta es una cuestión capital que hay que abordar inmediatamente e introducir como un pilar esencial de cara a la elaboración de una estrategia para el sector. La cuestión es tan importante que señalan que el rendimiento productivo y la innovación que tenga este sector dependerán del conocimiento y la formación que tengan los resineros.

La literatura sobre la formación en el sector primario da cuenta de la importancia de contar con profesionales respaldados por una buena capacitación profesional. Tener una formación agroforestal conlleva una mayor capacidad para procesar la información, para seleccionar y asignar los inputs. Se ha demostrado que ayuda a tomar mejores decisiones y a ser más conscientes de las posibilidades de innovar. Los estudios de Kirpatrick aseguran que aquellas explotaciones cuyos gerentes tienen un mayor nivel educativo tienden a ser más productivas y rentables⁵. Del mismo modo, se demuestra que quienes realizan cursos de capacitación agrícola continuos también son más proclives a realizar cambios, ya que las formaciones tienden a motivar a los agricultores y a generar en ellos mayores oportunidades de interacción con otros colegas y/o expertos⁶

Otra de las ventajas que se atribuye a la formación en los agricultores es su influencia sobre su identidad ocupacional. Un estudio describe como las personas que asisten a cursos de formación adquieren una nueva identidad empresarial. Tras su paso por los cursos formativos, los autores observan que pasan a identificarse como gestores que

⁵ Kilpatrick, Sue (2000). Education and training: Impacts on farm management practice, *The Journal of Agricultural Education and Extension*, Vol. 7 (2), pp. 105-116. Disponible: https://www.researchgate.net/publication/241039188_Education_and_training_Impacts_on_farm_management_practice

⁶ Kilpatrick, S. and Johns, S. (2003). How Farmers Learn: Different Approaches to Change, *The Journal of Agricultural Education and Extension*, Vol. 9 (4), pp. 151-164.

buscan prioritariamente la rentabilidad de sus explotaciones⁷. En esta misma idea se manifestaban nuestros entrevistados:

[...] porque un resinero puede ganar mucho porque trabaja mucho y tiene ayuda. Y puede ganar poco porque no sabe casi hacerlo, el pobre (E2).

[...] la gente con algún tipo de formación que es la gente a la que le surgen nuevas ideas. Y cuando nos reunimos, aprendemos unos de otros. Ahí si hay un pequeño porcentaje de gente que le ve el potencial. Es gente que tiene formación a nivel universitario y a nivel FP, gente que viene de módulos de capataz, técnico forestal. Y esa gente es la que está intentando cambiar las cosas (E3).

A pesar de todo ello, el brusco resurgimiento del sector ha provocado que una buena parte de los nuevos resineros carezcan de conocimientos y formación suficiente. Como hemos señalado, hay grupos que conocían el oficio por sus padres o incluso había trabajado en los pinares en otras épocas. En estos casos la destreza y la técnica se adquieren con la experiencia y con la transmisión del conocimiento dentro de la familia, como es habitual en otros sectores de la actividad primaria.

Sin embargo, en las nuevas incorporaciones, los agentes del sector han visto que es importante formar y transmitir el conocimiento forestal y resinero de una manera más formal propuesta desde las administraciones públicas, asociaciones o las empresas transformadoras. Como señalaban los entrevistados: *Es que, hasta hace muy poco, no se formaba ni a la gente. A la gente la soltaban en el pinar y ...ahí te quedas (E4). Yo alucinaba cuando un chico de X, te dice que se puso a trabajar en la resina sin más. Pero chico, ¿qué pensabas, que es "abrir un grifo y darle"? (E3).*

5.1. Cursos formativos actuales insuficientes

A pesar de esto, los entrevistados consideran que el tipo de formación que se está realizando en la actualidad es insuficiente, tanto para las nuevas incorporaciones como para resineros que ya están en activo. Es más, se piensa que los cursos de formación son un factor que en vez de ayudar a que la gente permanezca en la actividad resinera, están actuando como un freno, tal y como se plantean. Entre las cuestiones más criticadas está la brevedad de los cursos. Dicen que en los curso no se dispone de tiempo insuficiente para enseñar el oficio ni desde el punto de vista técnico y productivo ni desde una visión empresarial. También se menciona la falta de acompañamiento durante el aprendizaje de las técnicas y durante el primer año de instalación que, como ya se ha señalado más arriba, es determinante. Cuestiones todas ellas que hacen que la gente no termine de engancharse al sector.

Claro, porque es una cosa que se desconoce [...] Son cursos de tres días. Te metes con 20 personas. En tres día mucho no puedes aprender. a lo mejor, coges un poco la noción. pero

⁷ Deming, Justine; Macken-Walsh, Áine; O'Brien, Bernadette & Kinsella, James (2019). Entering the occupational category of 'Farmer': new pathways through professional agricultural education in Ireland, *The Journal of Agricultural Education and Extension*, Vol. 25, pp. 63-78, DOI: 10.1080/1389224X.2018.1529605.

cuando a los dos meses coges los pinos y llegas tú solo al pinar, ya bueno, es que se te cierra todo. No es igual que la gente joven que ha entrado con nosotros que, directamente, no van nunca solos. Van en una cuadrilla que ya llevan años haciéndolo y le enseñan y le van corrigiendo. Así es más fácil aprender (E2).

Se va al monte, se está un par de días, se hace una parte teórico de lo que es documentación propiamente del proceso administrativo o de lo que ellos necesitan (solicitud, darse de alta en hacienda, seguridad social...). Todo lo que ellos necesitan desde el punto de vista de papeles. Tramites de licencias, costes, rentabilidades. Y una parte, puramente forestal, donde se cogen las herramientas y nos vamos al monte un par de mañanas, para que ellos derroñen varios árboles....y vean realmente lo que es [...] porque claro, la gente tiene que practicar. Aunque no es lo mismo hacer dos o tres árboles, que 40 ó 50 árboles o 60 o 1000 árboles, que ahí es donde ya se ve realmente. Pero que la gente lo valore, lo rumie, el que quiera incorporarse y quiera pinos, que sepa donde pedirlos [...] (E1).

Se han hecho mis cursos, pero cursos de éxito, pocos. Éxito es que, a gente que has formado y que sigue. Cursos de una semana, se dieron mil. Dabas para 15 ó 20 personas y a la campaña siguiente sólo seguían dos. Y a los tres años, nadie. Y no es culpa de quien lo de, eh. (E3).

La Formación Profesional reglada también se menciona como un aspecto que no se presenta como la importante vía de formación que podría ser. La resina no está presente entre los contenidos de los Grados técnicos o Superiores de Formación Profesional Forestal. Como nos señalaban: *De resina no les dan nada. Sería lo más lógico. Pues es así, no tienen ni idea. Podían tener alguna noción. Y mira si sería bueno para aprender, porque están dos años (E2).*

5.2. La creación de programas formativos personalizados para resineros: Acompañamiento y formación empresarial como principales acciones

Ante estas críticas a la cursos formativos actuales, se plantean propuestas para mejorar y desarrollar una formación en la producción y extracción de la resina. Así se plantean varias propuestas. La primera es plantear la formación junto a un programa de *mentorización* y acompañamiento o tutorización a lo largo de los primeros años de formación. Se señala la importancia de crear “redes formativas” con otros colegas, resineros con mucha experiencia o expertos durante la primera etapa de instalación. Los entrevistados manifiestan que se podría hacer o, incluso, ya se hace en algunos casos:

Un seguimiento sobre todo el primer año. Luego ellos ya van siendo independientes y se van viendo unos a otros. Siempre procuras hacer grupos en zonas, de manera que si hay gente nueva procuras ponerlos con un resinero veterano para que pueda ir echando una mano. O poner un resinero en la zona que tu sepas que trabaja bien y que le puedan ir a preguntar. Pues le pones en contacto. Para que sepan que tienen una persona en su zona. Vas haciendo una red de apoyo de unos con otros (E1).

[...]cursos de formación inicial de una semana y luego cada 10 ó 12 días, dependiendo de lo que necesitara, voy allí y estoy contigo en el monte. Vemos los problemas que tienes y te los resuelvo. Una tutorización (E3).

Está claro. Y aprendes antes cuando tienes gente a tu lado que ya sabe y que te vayan corrigiendo (E2).

Si bien, se propone que este seguimiento no sea únicamente técnico sino que, también vaya acompañado de una preparación empresarial donde se enseñe una racionalización del trabajo. Y es que, para algunos de los entrevistados, una queja hacia el sector es que en las explotaciones no se hace una contabilización de las horas trabajadas, ni de la aportación de que hacen las ayudas familiares que intervienen en la extracción de la resina. De manera que se piensa que esta mentalidad ayuda a que terminen de mejorar las condiciones laborales de los resineros.

[...] porque el engaño que siempre ha tenido este oficio es que llevabas a la familia a ayudar. Pero es que sacabas más mierra, sí, pero es que no echabas las cuenta de lo que ganaba uno y otro (E2).

La cuestión es que la gente piensa que el tiempo no vale dinero y para mi el tiempo es oro. Que el paisano echa 15 o 16 horas, las que sean[...] (E4)

Porque si no trabajo todos los días, parece que no estoy haciendo nada. Y aquí hay que estar todos los días [...] ¿tú sabes cuanto tiempo has invertido, a cuanto te sale el euro/hora, que es lo que tienes que contabilizar? No lo saben, [...] hay que tener controlado lo que hago y lo que no hago. Las horas que invierto y no sé qué. Y que sean capaces de hacer su cuenta, esto es muy importante. Yo lo que quiero es que lleguen a esa conclusión. Que el tiempo que le dediquen [...] Porque volvemos a lo mismo, no quiero que os quedéis con que yo saco en bruto, no sé qué cantidad. Lo que tengo que tener es un trabajo en el cual mi euro/hora esté por encima de un número y tengo que hacer todo lo posible para eso sea así (E3).

En consecuencia, piensan que hay que transmitir la idea de que una explotación forestal es una empresa donde hay que conocer cuestiones como trámites administrativos, contabilidad y viabilidad de la producción y del trabajo, medidas de emprendimiento o cuestiones relativas a la innovación. Todas ellas claves para lograr profesionalizar el sector de la resinera en España.

Algunos de los entrevistados consideran importante que la formación en la resina sea vista como una formación integral forestal. Por un lado, donde la resina sea un aprovechamiento importante pero complementario a otros productos o trabajos forestales. La idea es buscar la diversificación de la producción en la explotación forestal. Por otro, se piensa que esta visión integral hará conocer el oficio resinero dentro de un contexto de formación forestal y no como aprovechamiento forestal aislado o específico. En palabras de uno de los informantes:

La palabra resinero tiene que desaparecer. La palabra debería de ser trabajador forestal cualificado". Un trabajador que haga un curso que aprende de resinero, pero que también aprenda lo qué es ser un reten de incendios, que aprenda a coger una motosierra en condiciones, a podar bien. Que todo vaya con la idea de que la gente pueda trabajar todo el año en el monte. Porque si solo vas a trabajar solo en la resina... Los cursos tienen que ser mínimo de un mes y meterles todo lo que te digo. Que venga un resinero a enseñarles de resina, pero también un guarda para enseñarles los incendios, en condiciones y cómo actuar.

Y tendrá que ir un “motosierrista”, para que manejen la motosierra y afilar...¿me entiendes? Todo para que salga un trabajador forestal cualificado. No solo resineros (E2).

Se pide por tanto que el periodo de formación sea más largo y con un proceso de especialización anual, donde se termine con un título o certificado profesional.

[...] habría que dar un curso, que la persona estuviera dos o tres años allí [en el pinar] y a los cinco años, te doy ya la especialización (E3).

Siempre digo que tienen que ser cursos de mucha duración. Es que en tres días no puedes aprender nada. (E2).

En todo esto, no habría que olvidar que la formación también es necesaria para los resineros veteranos consolidados pero que su situación también requiere de mayor conocimiento e ideas innovadoras. En este sentido, se apunta que aquí la Administración pública y todos los agentes del sector forestal tienen el importante papel de avalar y motivar una formación continua de todos los trabajadores del sector. Esto es, que la formación tiene que ser un pilar estratégico para el sector de la resina.

Luego, como todo trabajo, evoluciona, y no es todo igual. Y luego comprender lo que estás haciendo, lo que dice él, es que si no te forma y no te lo dicen. La mayoría de la gente no se da cuenta de muchas cosas (E4).

Sería importante que alguien de la administración viniera y les dijera cómo mejorar. Es que en estos pueblos con mucha tradición forestal, donde el de ICONA, que era Dios, y dejó ahí su cosa. Tendríamos que aprovecharnos de esa cosa, que está ahí sedimentada socialmente y que viniera el guarda y, en vez de decirte que te estás pasando, tuviera los suficientes conocimientos para decirte que haciendo esto, esto y esto, podrías sacarle más. Por ejemplo, con el agente medioambiental, que es Dios, o el ingeniero de la Sección, que es Dios.[...] si una persona de la Administración te lo dice, te lo recomienda....(E3)

No obstante, el requerimiento de una formación certificada se percibe un cierto cuidado a ser exigido a los resineros veteranos pues puede ser un requisito imposible de alcanzar por el solapamiento de estos con el tiempo de trabajo.

[...] si lo ponemos en plan duro, que solo sea por formación reglada y le obligamos a la gente a que tenga que hacer dos años de formación, está limitando ciertos accesos. Para la gente que entra más joven, igual sí puede ser un cauce. Pero, para la gente que empieza de mediana edad, eso sería un inconveniente. Tiene que ser un sistema que permita esa dualidad, de que la gente pueda empezar de las dos maneras. Tampoco puede ser un requisito imprescindible. [...] pero, si realmente queremos darle al sector esa profesionalidad y ese respeto por parte de la sociedad, es importante empezar a trabajar a partir de ahí (E1).

También son conscientes de que a este colectivo de resineros instalados o con más años de profesión es más difícil de formar y de introducirles nuevas técnicas o modelos de producción de la resina. Especialmente, nos dicen, en las zonas con mayor tradición resinera donde llevan más años trabajando de una determinada manera y donde por tradición cuesta más introducir determinados cambios que ayuden a mejorar tanto su calidad de trabajo como de vida.

[...] pero el problema que hay es que, hay entre 500 y 600 resineros de toda la población, pero que es gente con mucha tradición que cuando tú quieres hacer algo nuevo, choca con lo que ellos ya hacían antes con sus padres. Y si yo le digo pero es que te estoy demostrando que esto es mejor así, pues no (E3).

En el sector forestal, resineros, pinos, los cambios siempre son lentos y a la gente le cuesta hacer esos cambios y además tampoco son aceptados con facilidad. [...] Hacer mucho efecto demostrativo para que la gente vaya cambiando poco a poco. Funciona y lo cambiamos (E1).

Yo derroño para dos años o dos años y pico. Y yo eso lo tengo asegurado. Clavarlo lo clavamos al año. Y esto se lo dices a un paisano, que lo ha hecho así toda la vida, y te dice que estás loco. Que sí el pino se enfría, que si no se qué, nada (E4).

En definitiva, para los informantes una importante atención a la formación y capacitación profesional ayudaría a crear un sector profesionalizado y a introducir la innovación en un sector en el que se han introducido pocos cambios.

6. La diversificación productiva como colchón ante las fluctuaciones de los mercados y otros imprevistos.

Como ya se ha señalado, la temporalidad de la producción resinera durante los meses de invierno es considerado como un factor de abandono para muchos instalados en el sector de forma exclusiva. La diversificación se propone como una medida que ayuden a complementar los ingresos de la resina. La diversificación puede venir de la realización de trabajos forestales (poda, destroz, cortar áreas forestales) que se ofrezca como empresa a las Administraciones públicas. En este sentido y como se sabe, se está trabajando la figura administrativa del Contrato Territorial⁸. No obstante, se plantean otras opciones de diversificación con otro tipo de aprovechamientos forestales o agrícolas, como ya se viene haciendo en las zonas resineras de León.

[...] porque es bueno para el pueblo, para el monte, porque estás haciendo trabajo que a la JCYL le vienen de puta madre [...] Claro, la idea es que sea un trabajador integral del monte, que las mismas personas que trabaja en la resina si hay un incendio pueda ir y colaborar en la extinción del incendio, que en los tres meses que estas parado una manera de poner la diversificación fácil (E3).

7. La percepción de la mecanización como mejora de las condiciones laborales de los resineros.

En los últimos años dentro del sector se está trabajando en la mecanización de las labores del trabajo resinero. Bajo la queja de que el trabajo resinero es físicamente duro

⁸ Ver García Asenjo, J. M. (2019). El contrato territorial como herramienta de apoyo al colectivo resinero. Proyecto Sustforest Plus. Presentación en jornada *Aprovechamiento resinero, desarrollo territorial y reto demográfico*, celebrado el 5 de noviembre de 2019 en Soria.

y que se siguen realizando las tareas más pesadas manualmente, se investiga en la mecanización de determinadas tareas. Sin embargo, de las entrevistas se desprende una discusión interna y algo conflictiva. Por un lado, la mecanización se ve como un rasgo innovador importante e imprescindible para mejorar las condiciones laborales.

El resinero lo que siempre busca es que le faciliten su trabajo. Si podemos mejorar el sistema de remasa, si se pudiera mecanizar la remasa, para no tener que parar las picas. Te pide siempre mejoras en el desarrollo de su trabajo, que le alivien esa carga física tan importante. Cualquier pequeña mejora, es una gran mejora para ellos. Algo como usar el carretillo y no tener que llevar el cubo en la mano, ya supone una mejora importante. Si se consigue motorizar ese carretillo, hay varios prototipos pero no terminan de encajar. Se están intentando pulir y me imagino que en un tiempo breve, al final se conseguirá algo que realmente nos funcione (E1).

Pero, por otro lado, la mecanización también plantea dudas y se considera que hay otras cuestiones en las que se debería de investigar e innovar más para mejorar el sector. En este sentido, se cree que la mecanización implica hacer una apuesta por un modelo productivo forestal intensivo que fomenta que los resineros opten por concentrar un mayor número de pinos por explotación. En opinión de alguno de los expertos entrevistados, sin embargo, habría que apostar por otro tipo de innovaciones enmarcadas en modelos forestales sostenibles. No obstante, son conscientes de que esto solo se logra si se aumenta la inversión en investigación e innovación.

[...] porque igual lo estamos enfocando en la mecanización, que puede ser una de las patas. Se puede investigar sobre derivados o genética, no se. Otras cosas, ¿no? [...] Ahora con el tema de la mecanización hay una psicosis brutal. Es que no tiene que estar la innovación en la mecanización. Yo siempre he dicho. En vez de irnos a una innovación de pasta o mecanizar,, Yo digo no, si yo toda esta gente, los 500 resineros, dicen que hay que producir más. No. Aquí lo que hay que hacer es obtener un rendimiento mayor. Que busquen otros elementos que les de mucho más valor añadido. Y que yo en vez de ir a tendencias de productividad, vamos a buscar tendencias que suponga llevar un millón de árboles a una persona sola. No, vamos a ir a tendencias en la que una persona con 1.000 arboles y donde con un producto que se descubra, seamos capaces de que nos paguen a 10 euros el kilo de resina y tengamos una fuente de trabajo. Menos para más. La cuestión no es ir a producir más. Es investigar para que el valor de la resina sea mayor. Yo creo que la tendencia debería de ser vamos a investigar para sacar derivados de la resina que nos permita cobrar la resina a mayor precio y que el resinero, en vez de tener que llevar 10.000 arboles, con llevar 1.000 sería suficiente (E3).

Para terminar

Con este último apartado terminamos el primer informe sobre el estudio de la caracterización sociolaboral de la población resinera en España. En él hemos podido concretar los principales perfiles sociolaborales que podemos encontrar entre los resineros españoles. También se han abordado las circunstancias principales que hacen a la personas entrar, permanecer y/o salir del sector.

La formación y los problemas derivados de su ausencia han surgido como una de las cuestiones esenciales a ser tratadas con mayor urgencia tanto desde el propio sector resinero como desde las autoridades administrativas forestales.

Nuestra propuesta en este sentido es trabajar en **crear programas de formación de mayor duración que impartan una formación integral forestal** que combine **la enseñanza de contenidos técnicos y empresariales**. Se requiere, igualmente, que estos programas establezcan **un acompañamiento al resinero durante los primeros años de instalación** para lo cuál habría que **crear redes formativas** que unan a profesionales experimentados con los de menor trayectoria y conocimiento, evitando así que las nuevas incorporaciones se sienta perdidos. Esta formación debe de ser **tanto para las nuevas instalaciones de resineros y como para resineros veteranos**. Por último, las acciones formativas deben estar encabezadas y avaladas por la Administración Pública como autoridad de coordinación y gestión.

Activité 2.3 : Enquêtes pour la caractérisation sociale et du travail de la population française de gemmeurs

Enquête auprès des travailleurs forestiers français de la gemme

Annexe française 2.3.1

CRPF Nouvelle-Aquitaine

11/2021

SOMMAIRE

1. Contexte.....	3
2. Questionnaire.....	3
3. Analyse des réponses.....	3
4. Annexes.....	5

1) Contexte

Le métier de gemmeur ayant quasiment disparu en France depuis les années 1980, il n'a pas été chose aisée de trouver des répondants ayant une expérience significative pour répondre à ce questionnaire.

Néanmoins, ce sont au total **4 réponses** qui ont pu être récoltées.

2) Questionnaire

Le modèle du questionnaire qui a été distribué aux gemmeurs et travailleurs forestiers de la gemme est fourni en annexe.

3) Analyse des réponses

Au vu des réponses fournies par les gemmeurs et travailleurs forestiers de la résine, il est possible d'identifier **3 profils** différents parmi les quelques gemmeurs français :

Gemmeur occasionnel	Gemmeur débutant	Gemmeur expérimenté
<ul style="list-style-type: none"> • Récolte de la résine pour se former, ou par curiosité personnelle • Gemmage expérimental 	<ul style="list-style-type: none"> • Salarié ou auto-entrepreneur • Moins de 3 ans d'expérience • Exerce dans le cadre du programme Sust Forest Plus, pour des travaux d'expérimentation 	<ul style="list-style-type: none"> • Auto-entrepreneur • Plus de 5 ans d'expérience • Activité principale, soit 6-7 mois de travail par an à temps plein

Les gemmeurs enquêtés correspondent à deux catégories socio-professionnelles :

- **Auto-entrepreneurs** : indépendants qui travaillent en sous-traitance pour une entreprise de transformation, utilisation de la résine ou de groupement forestier. Leur rémunération se fait au kilo de résine récoltée.
- **Employés et ouvriers sylvicoles d'une société agricole ou forestière**: activité supplémentaire de récolte de résine des pins, le propriétaire forestier devient celui qui vend la résine. Leur rémunération se fait selon un salaire fixe à l'année et ne dépend pas de la quantité de résine produite.

Les répondants partagent des points communs dans leur réponse : pour tous, le gemmage est une **activité complémentaire** (soit d'une activité agricole, sylvicole, ou autre), et les campagnes de gemmage durent de 4 à 6 mois. Tous partagent aussi la même méthode de récolte de la résine : ils

pratiquent **une pique circulaire**, suivie de l'application d'un activant neutre, et ils récoltent ensuite la résine dans des poches plastiques. Tous se disent également **satisfaits de leur travail** en termes d'épanouissement, de conditions (plein air), et d'indépendance.

Les gemmeurs indépendants soulignent le **problème de saisonnalité du travail** et ont besoin de trouver d'autres sources de revenu l'hiver. Ils souhaiteraient aussi avoir davantage de reconnaissance de leur métier, grâce à une **certification professionnelle** par exemple. Leur inquiétude pour l'avenir porte essentiellement sur la fluctuation des prix d'achat de la résine brute qui ne permet pas de rentabiliser leur activité.

Enfin, d'après les réponses obtenues, les difficultés liées au métier (en plus de la variabilité de leurs revenus) sont par ordre d'importance :

1. L'effort physique demandé : poids de l'outil
2. Les conditions de travail : chaleur, poussière d'écorce qui rend difficile la respiration, grande amplitude horaire
3. L'organisation du travail : besoin de transporter avec soi plusieurs batteries pour faire fonctionner la perceuse et d'autres matériels comme les poches plastiques ; nécessité de nettoyer le matériel tous les soirs, temps qui n'est pas rémunéré.

Pour améliorer les conditions de travail des gemmeurs, des équipements peuvent être à leur disposition comme les dispositifs d'alarme pour les travailleurs isolés permettant de prévenir en cas de malaise ou d'accident, des masques de protection respiratoire ou l'utilisation d'un exosquelette pour faciliter le portage de l'outil (tests à venir avec le FCBA et Holiste).

4) Annexes

ENQUETE AUPRES DES GEMMEURS EN NOUVELLE-AQUITAINE

Les informations individuelles obtenues sont strictement confidentielles, et sont destinées à des études scientifiques dans le cadre du projet SustForestPlus, et ne peuvent être utilisées ou diffusées à aucune autre fin. Ces informations constituent un secret professionnel pour les enquêteurs et tous les professionnels impliqués dans l'étude.

1. IDENTIFICATION DE L'ENQUETE

Investigateur _____ Date de l'enquête

N° de l'enquête _____

Prénom et nom de la personne enquêtée :

Email :

Téléphone :

2. METIER DE GEMMEUR. FORMATION ET CONNAISSANCES

1. Depuis combien de temps travaillez-vous comme gemmeur ?

2. La récolte de résine est elle votre activité principale ? 1 Oui 2. Non

3. Avez-vous d'autres activités en relation avec la sylviculture ou l'agriculture ? 1

Oui 2. Non

3.1. Si oui, lesquelles ?

4. Combien de temps dure votre campagne de gemmage ?

4.1.1 quelle est sa période ? de _____ à _____

4.1. Durant la campagne, travaillez-vous exclusivement pour cette activité ? 1.

Oui 2. Non

4.2. Temps de travail par an :

Nombre de semaines ou de mois _____

Nombre d'heures, en moyenne, par semaine ou par mois

4.3. Travaillez-vous les weekend ? 1. Oui 2. Non

4.4. Si oui, travaillez-vous seulement les weekend ? 1. Oui 2. Non

5. Comment avez-vous démarré/connu cette activité ?

6. Quel est votre statut (autoentrepreneur, employé,....) ?

7. Comment avez-vous appris le métier ?

1. Seul, en pratiquant.....
 2. En pratiquant avec d'autres gemmeurs
 3. Enseignement scolaire (enseignement secondaire ou supérieur)
 4. Formation par une entreprise ou une association.....
 5. Autre , laquelle?
-

7.1. Souhaitez-vous obtenir une accréditation ou un certificat de votre formation professionnelle ? 1. Oui 2. Non

8. Si vous en aviez l'occasion, quel type de formation aimeriez-vous suivre ? En rapport avec :

1. Récolte de la résine
 2. Travaux en forêt, de manière générale
 3. Fonctionnement des machines et sécurité au travail
 4. Formation en général
 5. Autre , Laquelle?
-

3. L'ACTIVITE DU GEMMAGE : CONDITIONS ET EXPLOITATION

9. Quelle méthode utilisez-vous pour gemmer les pins ?

9.1. Quelles

étapes de la récolte effectuez-vous ?

Nettoyage de la parcelle Piques Ramassage de la récolte Vidage
Toutes , Autres

10. Combien de pins gemmez-vous durant une campagne?

11. Quelle est la surface de la zone de pins dans laquelle vous travaillez?

Surface totale pendant une campagne _____ (ha)

Surface moyenne durant une journée _____ (ha)

Ne sait pas/ne répond pas

12. Quelle serait la surface totale à gemmer durant une campagne pour rentabiliser votre activité ?

13. Quel volume de résine avez vous récolté la saison dernière ?

_____ (kg)

Ne sait pas/ne répond pas

14. Travaillez-vous seul ou en groupe ?

1. Seul

2. En groupe

15. Sur quelles communes ou départements travaillez-vous ?

16. Récoltez-vous la résine pour vous-même ou pour une autre structure ?

1. vous-même (cf 17) **2. Coopératives, associations, société anonyme (SA)** (cf 17)

3. travail comme employé (cf 20)

17. Si vous gemmez pour vous-même ou pour une association, coopérative,..., Le faites vous dans votre propre forêt (propriétaire, co-propriétaire ou membre)?

1. Oui

2. Non (cf 17. 1.,17.2. et 17.3)

17.1. Si non, gemmez-vous sur des parcelles publiques ? **1. Oui** **2.**

Non

17.2. Si non, gemmez-vous chez des propriétaires forestiers privés ? **1.**

Oui

2.

Non

17.3. Payez-vous la gomme aux propriétaires (publics ou privés) ? **1.**

Oui **2. Non**

Si oui, comment ? par location à l'arbre , *location au pot* ,

prix fixé selon le volume de résine récolté , *autre*

À quel prix ? _____

18. Si vous êtes travailleur indépendant, avez-vous quelqu'un pour vous aider dans votre travail ?

1. Oui 2. Non

18.1 Si oui, à quels stades du travail bénéficiez-vous de l'aide d'autres personnes ?

- | | |
|----------------------|--------------------------------|
| préparation des pins | 1. la <input type="checkbox"/> |
| Piques | 2. <input type="checkbox"/> |
| Ramassage | 3. <input type="checkbox"/> |
| Vidage | 4. <input type="checkbox"/> |

18.2 Si oui, quel type de relation entretenez-vous avec les personnes qui vous aident ?

1. les membres de la famille
2. Recrutement

19. A qui vendez-vous la résine ?

1. A un intermediaire 2. A une industrie de 1ere transformation de la resine
3. Autre Qui? _____

19.1. Si vous vendez à une industrie de la résine, vendez-vous à une ou plusieurs entreprises ? 1. Une 2. Plusieurs

19.2. A combien vendez-vous la résine (lors de la dernière campagne) ?

_____ (€/kg)

Ne sait pas/ne répond pas

19.3. Comment le prix a-t-il été établi ? Au début de la campagne ou autrement ?

1. Fixé au début de la campagne 2. Varie tout au long de la campagne

20. Si vous travaillez pour quelqu'un d'autre, pour qui travaillez-vous ?

Nom :

1. Entreprise de résine
2. Industrie de première transformation des résines
3. Association des résines ou association des producteurs forestiers
4. Coopérative des travailleurs de la résine
5. Autre , Quil?

20.1. Quel est le type de contrat de travail ? 1. Par heure 2. Au jour

3. Au mois

4. Selon la quantité de résine récoltée

4. CONDITIONS DE TRAVAIL ET VIE

21. Durant la campagne, Etes vous en déplacement ou rentrez-vous le soir à votre domicile ?

1. Domicile 2. En déplacement

22. Si vous êtes en déplacement, où séjournez-vous ?

1. Seul à l'hôtel
2. Seul dans un logement loué
3. En location avec d'autres gemmeurs
4. Hébergé chez quelqu'un
5. Autre situation⁽ⁿ⁾, Laquelle? _____

23. Comment avez-vous obtenu les outils pour gemmer ?

1. Achetés à un forgeron
2. fournis par la société pour laquelle il travaille
3. fournis par la société pour laquelle il vend la résine
4. fabriqués par vous-même
5. Autres _____

24. Quel contenant utilisez-vous pour la récolte ?

25. Utilisez-vous un stimulant chimique ou une pâte? 1. Oui 2. Non

(cf question 27)

25.1. Si oui avez-vous déjà eu un accident en utilisant le stimulant ? 1. Oui
 2. Non

25.2. Comment obtenez-vous le stimulant ?

1. acheté 2. Fabriqué par vous-même

25.3. Quelle est la principale substance du stimulant ?

1. Acide sulfurique 2. Ethrel (Etefon) 3. Acide salicylique
4. Ne sait pas
5. Autres _____

26. Au cours des cinq dernières années, avez-vous eu des accidents du travail liés à la résine (lésions corporelles, troubles fonctionnels ou maladies ayant entraîné une réduction de la capacité de travail ou des revenus) ?

1. Oui 2. Non (cf question 27)

26.1. Si oui, comment avez-vous été aidé ?

1. il s'est déplacé de lui-même
2. il a demandé de l'aide par téléphone
3. une autre personne a cherché de l'aide (gemmeur, travailleur agricole)
4. Autre situation , Laquelle?

26.2. Durant combien de jours étiez-vous arrêté ? _____ (jours)

26.3. Avait-il un handicap permanent ? 1. Oui 2. Non

22.3.1. Si oui, lequel ?

27. Etes vous assuré contre les accidents du travail ? 1. Oui

2. Non

5. SATISFACTIONS

Nous aimerions maintenant vous poser quelques questions relatives à la satisfaction, ou non, de votre activité en tant que récoltant de résine.

28. Dans quelle mesure êtes-vous satisfait de votre travail ?

	Niveau de satisfaction			
	Très satisfait	Satisfait	Peu satisfait	Insatisfait
1. en terme d'épanouissement				
2. En terme d'effort physique				
3. En terme de rémunération				
4. En terme de reconnaissance sociale de la profession				

29. Qu'est-ce que vous aimez ou préférez dans votre profession? (choisir une seule option)

1. Travailler en plein air
2. Le salaire ou le revenu obtenu
3. Indépendance dans le travail
4. Autre , Lequel? _____

Observations:

30. Qu'est-ce qui vous déplaît le plus dans cette profession ? (choisir une seule option)

1. travaux soumis à la pluie, au vent, au froid
2. Revenus ou salaires perçus
3. Difficultés dans la réalisation du travail
4. l'effort physique subi.....

5. Solitude au travail, être seul en forêt
6. le risque d'incendie et les accidents liés à la récolte
7. Autre , Quoi ?
-

Observations:

31. Qu'est-ce qui vous inquiète le plus à l'avenir ? (choisir une seule option)

1. Le prix de la résine ne paie pas les coûts
2. Manque de main d'oeuvre qualifié
3. Manque d'attractivité du métier auprès des jeunes.
4. Manque d'acheteur de la résine.
5. Fréquence des feux, manque de pins pour récolter la résine
6. Beaucoup de dettes, volume non payé
7. Autre , Lequel?
-

Observations:

32. Quels sont les facteurs qui affectent le plus le rendement de l'activité ? (ne choisissez que deux options)

1. Coûts du matériel et de l'outillage.....
2. Les impôts
3. Frais de voyage

- 4. La marge des intermédiaires
- 5. Le montant versé aux propriétaires forestiers
- 6. Saisonnalité du travail
- 7. Autre , Lequel ?

Observations :

33. Qu'aimeriez-vous améliorer, en plus du salaire ou du revenu obtenu par la vente de la résine? (ne choisissez que deux options)

- 1. Avoir une activité forestière complémentaire
- 2. travailler moins d'heures par jour (ou par semaine).....
- 3. Réduire l'effort physique du travail
- 4. Bénéficier d'une aide financière pour le logement, déplacements,..
- 5. Ma formation dans le travail de la résine ou de la forêt.....
- 6. Autre , Lequel?

Observations :

34. Possédez-vous l'un des appareils électroniques suivants?

- 1. PC
- 2. Smartphone-iPhone
- 3. Tablette
- 4. Autre

35. Pouvez-vous utiliser l'application GPS sur votre téléphone portable ? 1. Oui 2. Non

36. Avez-vous une adresse mail professionnelle? 1. Oui

2. Non

37. Utilisez-vous une application de communication (telle que Whatsapp ou similaire)?

1. Oui

2.

Non

6. INFORMATIONS SOCIOECONOMIQUES

38. Commune de résidence : _____

39. Profil sociodémographique (Sélectionnez un des postes) ; (encerclez un)

39.1 Quelle est votre situation par rapport à l'activité économique ?	39.2 Quelle est sa profession ?
1 - Actif pour exercer la profession 2 - Chômeurs actifs 3 - Non actif - retraité ou pensionné 4 - Non actif, autre situation	
39.3 Quelle est la principale source de revenu ? 1 - Rendement de la résine 2 - Salaires des autres activités agricoles ou forestières 3 - Salaires dans l'industrie ou les services 4 - Entreprises ou activités indépendantes agricoles ou forestières 5 - Entreprises ou travailleurs indépendants dans l'industrie ou les services 6 - Retraite, pension, allocation de chômage ou autre prestation sociale 7 - Location de bâtiments ruraux ou urbains 8 - Transferts de fonds des émigrants familiaux 9 - Autres _____	
39.4 Quel est le niveau d'éducation, le nombre d'années de scolarité (attendez la réponse) ?	_____
1 - Sans scolarité 2 - Brevet des collèges 3 - CAP/BEP 4 - BAC 5 - Enseignement supérieur	
39.5 Sexe:	1 - Masculin 2 - Féminin
39.6 Age: _____	

40. Appartenez-vous à une association professionnelle ? 1. Oui 2. Non

40.1. Si non, le souhaitez-vous ? 1. Oui 2. Non

41. Appartenez-vous à un syndicat professionnel? 1. Oui 2. Non

41.1. Si non, le souhaitez-vous ? 1. Oui 2. Non

Temps approximatif de l'enquête: _____

Commentaires, notes

: _____



Atividade 2.4.

Inquéritos para a Caracterização Socio Laboral dos Resineiros Portugueses

Entregável 2.4.1.

Inquéritos aos Trabalhadores Resineiros Portugueses

Relatório Síntese



ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	3
2. METODOLOGÍA	3
3. RESULTADOS	
3.1. INFORMAÇÃO SOCIO ECONOMICA	
3.1.1. Descrição geral da população inquirida	4
3.1.2. Idade dos resineiros	4
3.1.3. Início da atividade e experiência	4
3.1.4. Nível de instrução e formação profissional	5
3.1.5 Contribuição da resinagem para o rendimento familiar	6
3.2. ATIVIDADE DE EXTRAÇÃO DE RESINA	
3.2.1. Intensidade do trabalho	7
3.2.2. Tempo de trabalho na resinagem	7
3.2.3. Forma jurídica laboral	8
3.2.4. Acesso ao pinhal e preço da resina	9
3.3. CONDIÇÕES DE TRABALHO	
3.3.1. Aquisição de ferramentas e uso de recursos técnicos	9
3.3.2. Segurança e acidentes de trabalho	10
3.3.3. Deslocações durante a campanha	10
3.4. ATITUDES E PREDISPOSIÇÕES	
3.4.1. Grau de satisfação com a profissão	10
3.4.2. Fatores de satisfação e dificuldades do ofício	11
3.4.3. Preocupações quanto ao futuro	12
3.4.4. Continuidade geracional da atividade	13
3.4.5. Disponibilidade para trabalhar em outras atividades	13
3.4.6. Fatores que afetam negativamente o rendimento da atividade	13
3.4.7. O que melhorar na resinagem	14
3.4.9. Uso de novas tecnologia e dispositivos eletrónicos	15
3.4.10. Participação dos resineiros em Organizações Coletivas	15
4. CONCLUSÕES	16
BIBLIOGRAFIA	



1. INTRODUÇÃO

O coletivo dos resineiros nos países europeus em que ainda se mantém a extração de resina de árvores vivas, é mal conhecido. Existem diversas estatísticas e estimativas sobre a população de resineiros, e vários estudos sobre esta população, nomeadamente em Espanha, mas não havia um conhecimento sólido e atualizado sobre quem são e como exercem a sua profissão os resineiros do espaço Sudoe, nomeadamente em Portugal.

O nosso objetivo foi conhecer o perfil destes trabalhadores do ponto de vista socio laboral, as condições em que desenvolvem o seu trabalho, quais as suas atitudes e disposições e quais as perspetivas para a atividade da resinagem, do seu ponto de vista.

Em Portugal, segundo a Resipinus, Associação de destiladores e exploradores de resina, haverá cerca de 500 resineiros. Outra estimativa, do ICNF indica cerca de 600.

2. METODOLOGIA

Foram realizadas entrevistas informais a resineiros portugueses.

Com vista a uma análise quantitativa, adotou-se o método do questionário com perguntas fechadas, nas regiões de maior produção de resina, procurando abranger a maior diversidade possível de resineiros.

O questionário abrangeu as seguintes áreas temáticas: 1. História do resineiro: 2. Ofício da extração de resina 3. Condições no trabalho 4. Atitudes e motivações do profissional resineiro. 5. Questões socioprofissionais.

Em Portugal realizaram-se 41 Inquéritos presenciais e por telefone a resineiros, entre abril e junho de 2021.

Para a definição do universo da amostra e do método a utilizar teve-se em conta o conhecimento prévio adquirido sobre esta população no âmbito do projeto SustForest Plus. Os inquéritos foram delineados e realizados com apoio de entidades envolvidas no projeto, ligadas aos resineiros, proprietários florestais e indústria de primeira transformação. Tirou-se partido de outros estudos realizados por parceiros portugueses (municípios de Proença-a-Nova e de Penela) no âmbito do SFPlus, designadamente o Produto “Casos de êxito e boas práticas de empreendedorismo da atividade multifuncional do resineiro “. Os 41 resineiros inquiridos, desenvolvem atividade em várias regiões do país, em que a resinagem tradicionalmente se mantém ou se perspetiva vir a expandir-se no futuro (Chaves, Vila Real, Pombal, Alcobça, Grândola, Leiria, Alcochete, Nazaré, Seia).

3. RESULTADOS

3.1 INFORMAÇÃO SOCIO ECONOMICA

3.1.1 Descrição geral da população inquirida

A população de resineiros em Portugal não deverá exceder o número de 500 (estimativa da Resipinus). Exercem a sua atividade tradicionalmente na grande mancha arenosa de pinhal do litoral centro (Leiria, Marinha Grande, Pombal, Alcobaça e Nazaré) e também em regiões do pinhal interior centro (Guarda, Viseu, Seia) e norte (Chaves, Botocas, Vila Real). São detentores de uma experiência assinalável, mas a maioria sente-se desapoiada e frequentemente no limite da sua resiliência.

A nacionalidade maioritária dos inquiridos é a portuguesa, mas também participaram dois cidadãos brasileiros.

3.1.2 Idade dos resineiros

Os resineiros portugueses inquiridos têm entre 20 e 78 anos de idade (figura 1). A moda da idade é 66 anos e a média 56,4 anos. Conforme a figura 10 mostra, trata-se de uma população fortemente envelhecida – com 38% na classe entre 50 e 65 anos e 32% acima de 65 anos.

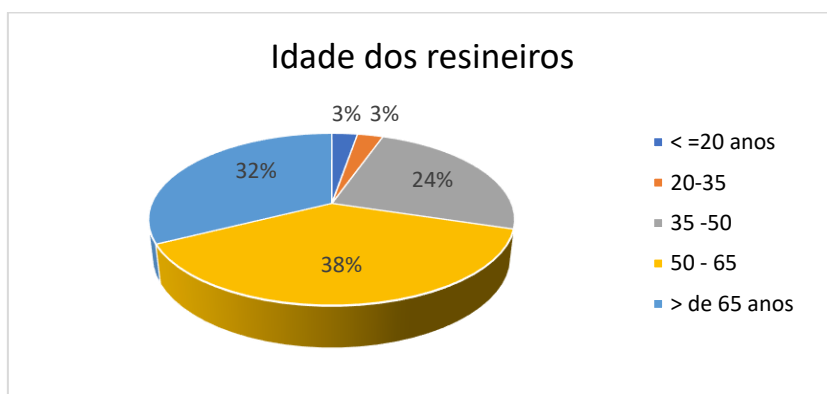


Figura 1. Distribuição dos resineiros inquiridos por classe de idade

3.1.3 Início da atividade e experiência

A maioria dos resineiros portugueses inquiridos iniciou a sua atividade com um familiar (51%) ou outro resineiro (31%). Uma menor percentagem começou a resinar com alguém da indústria da resina (9%) – fig 2.

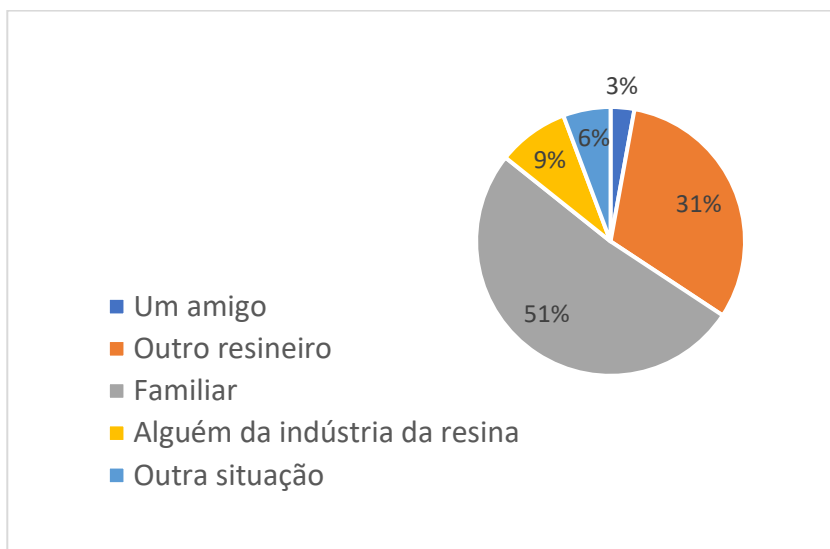


Figura 2. Como os resineiros se iniciaram na atividade

Encontramos um número elevado de resineiros com muitos anos de experiência – 25% têm mais de 40 anos de atividade e 17% entre 30 e 39 anos (fig. 3). No entanto é também significativa a percentagem de resineiros com menos de 10 anos de experiência (33%).

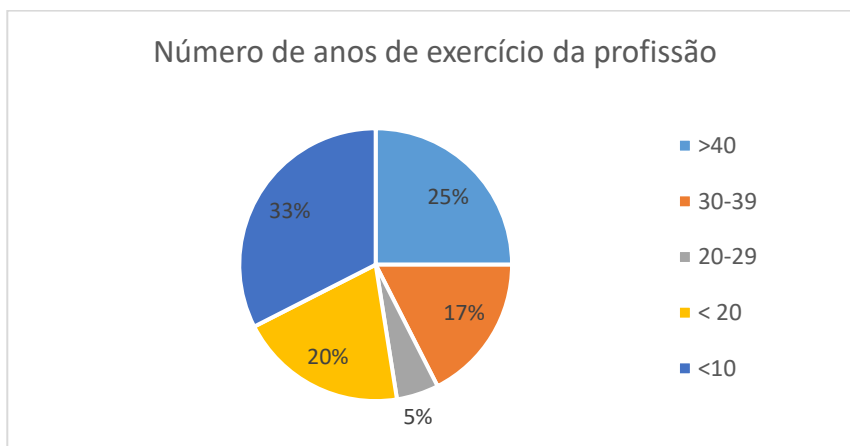


Figura 3 – Distribuição dos resineiros por anos de experiência na profissão

3.1.4 Nível de instrução e formação profissional

A maioria dos resineiros inquiridos, (61%) têm baixo nível de escolaridade (até 4 anos). A percentagem dos que têm de 5 a 9 anos de escolaridade é de 32%. Dos inquiridos há 5% licenciados (2) e 1 tem o 12º ano (2%) – tabela 1.

Tabela 1- Nível de instrução dos resineiros

Nível de instrução / anos de escolaridade	
Básico – 1º ciclo (até 4º ano de escolaridade)	61%
Básico – outros (5º ao 9º de escolaridade)	32%
Secundário (10º ao 12º de escolaridade)	2%
Ensino Superior	5%

Apenas um resineiro disse que possui carta profissional obtida aos 18 anos, em formação profissional ministrada nos antigos serviços florestais. Um outro mencionou a frequência de um curso organizado por uma associação de produtores florestais.

41% dos inquiridos manifesta interesse em acreditar as suas competências profissionais. Os restantes não têm interesse ou não respondem.

A maior parte dos que responderam à questão: em que temática gostaria de frequentar algum tipo de formação preferem a “extração de resina” (64%), “operações na floresta, em geral” (20%) e “operação com equipamentos e segurança no trabalho” (16%).

3.1.5 Contribuição da resinagem para o rendimento familiar

Na figura 4 identificam-se as principais fontes de rendimento do resineiro. Para 78% dos resineiros a resina é a principal fonte de rendimento familiar, seguindo-se (para 10% deles), a reforma, pensão ou outra prestação social. O salário de outra atividade na agricultura ou floresta e/ou atividade empresarial por conta própria na mesma área não ocupam posição de relevo (5% cada uma delas).

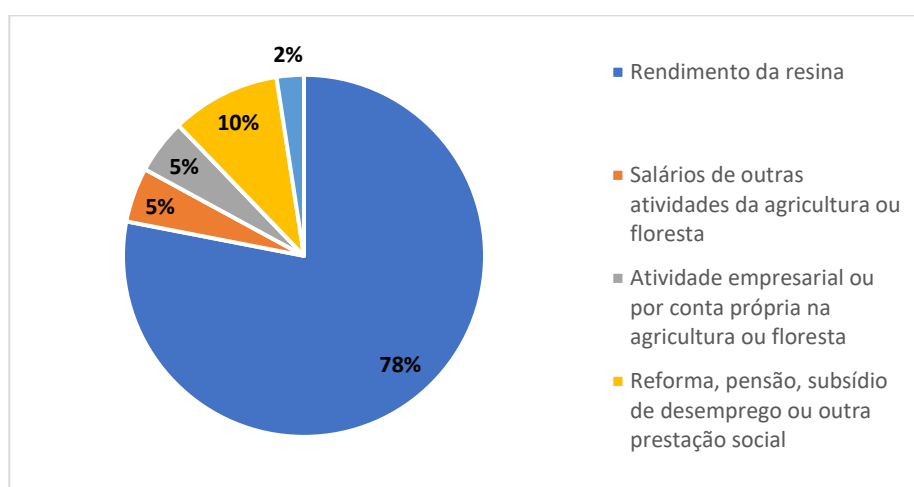


Figura 4. Fontes de rendimento do resineiro: reforma, pensão ou outra prestação social.

Para a esmagadora maioria (78%) o rendimento da resina representa mais de 50% do rendimento familiar (figura 5). Para 49% da população inquirida a resina representa mais de 75% do rendimento. Esta forte dependência deste rendimento poderá ser uma das explicações para a manutenção na profissão, apesar das condições pouco atrativas da atividade.

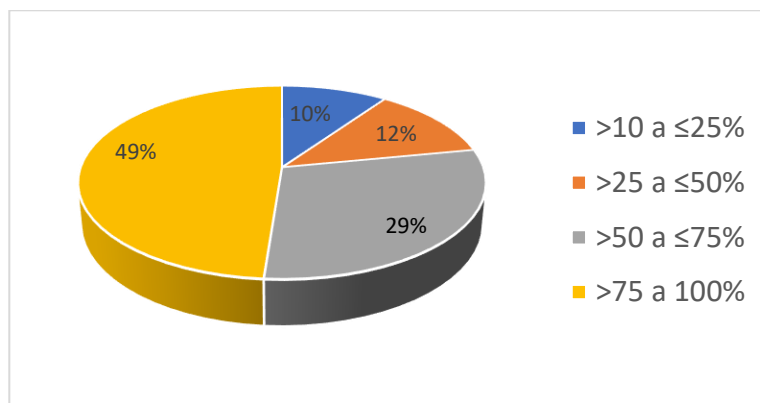


Figura 5. Peso relativo da resina no rendimento familiar

3.2. ATIVIDADE DE EXTRAÇÃO DE RESINA

3.2.1. Intensidade do trabalho

Em média um resineiro trabalha 9.400 pinheiros, o que é uma média muito elevada. Os valores que nos foram indicados oscilam entre 800 e 30.000, valor que só dificilmente poderá ser atingido por um único resineiro. Os números mais baixos correspondem a resineiros que se dedicam à atividade a tempo parcial.

68% dos resineiros afirma trabalhar em grupo e os restantes isoladamente

Realizam, em média 8.9 renovas e 2.4 colhas por campanha.

3.2.2 Tempo de trabalho na resinagem

Os inquiridos não trabalham o ano inteiro na resina, mas 43 % deles afirmou trabalhar mais de 40 semanas, (280 dias) por ano na atividade (figura 6).

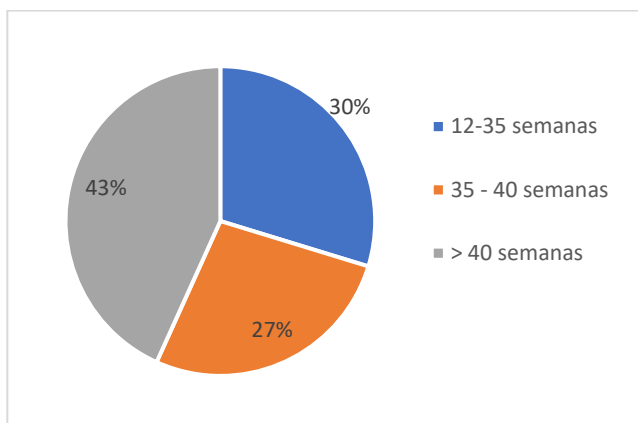


Figura 6 - Número de semanas trabalhadas por ano pelos resinheiros

Já quanto ao horário semanal a maioria (47%) trabalha entre 35 e 45 horas semanais e uma significativa parte – 19% - mais de 45 horas (figura 7). Dos inquiridos 66% trabalham ao fim de semana. Apenas 1 trabalha exclusivamente ao fim de semana.

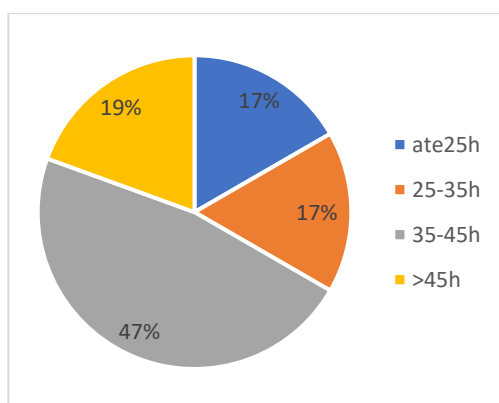


Figura 7 - Número de horas trabalhadas por semana

3.2.3. Forma jurídica laboral

Cerca de metade dos inquiridos - 51% trabalha por conta própria e 49% por conta de outrem. Os assalariados recebem ao mês ou por quantidade de resina extraída



3.2.4. Acesso ao pinhal e preço da resina

Os resineiros que trabalham por conta própria fazem o contrato para aceder ao pinhal diretamente com os proprietários do pinhal; regista-se grande variação do preço do *aluguer da ferida*, que pode ir de 0,20 a 1 euro. O valor médio deste aluguer é de 0,56 euros por ferida, sendo a moda de 0,40 euros. Verifica-se alguma variação regional do valor deste aluguer, que atinge valores mais elevados em regiões mais fáceis de trabalhar e com maior produtividade de resina (ainda que empiricamente determinada pela experiência dos resineiros). Assim, é na zona litoral centro - Leiria, Alcobaça, Marinha Grande, Nazaré, Figueira da Foz e Pombal, que se atingem valores de 0,80 a 1 euro. Em zonas do interior centro, o preço do aluguer da ferida é mais baixo – 0,40 euros (Seia, Nelas, Covilhã, Manteigas). Em Chaves, Boticas, Vila Real, Sabrosa ou Vila Pouca de Aguiar, o preço médio ronda os 0.50 euros.

Apenas dois resineiros afirmaram resinar em pinhais próprios. Os restantes pagam aluguer do pinhal a proprietários privados (90%) ou baldios (57%). Refira-se que esta pergunta pode ter mais do que uma resposta, uma vez que os resineiros com frequência trabalham em parcelas dispersas, de reduzidas dimensões, pertencentes a vários proprietários.

O preço de venda da resina ao longo da campanha não é garantido: 60% dos inquiridos referem que o preço da resina variou. Relativamente aos últimos 3 anos, 52% dizem que se manteve e 48% dizem que desceu. O preço médio de venda do quilo de resina à porta da fábrica foi de 0,96 euros, e diz respeito à campanha de 2020. Refira-se que o ano de 2021, em que teve lugar o inquérito em Portugal, é um ano atípico, em que o preço subiu no final da campanha.

3.3. CONDIÇÕES DE TRABALHO

3.3.1. Aquisição de ferramentas e uso de recursos técnicos

As ferramentas utilizadas podem ser compradas a um ferreiro, à empresa para a qual trabalha ou à unidade industrial a quem vende a resina (figura 8).

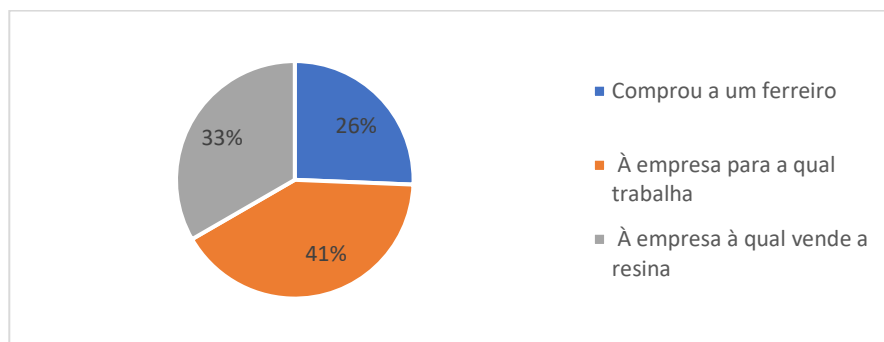


Figura 8. Origem das ferramentas de trabalho do resineiro

A maioria usa púcaro (55%) e os restantes usam saco de plástico para a recolha da resina. No Norte do país é mais frequente o uso de saco.

Todos os resineiros usam estimulante químico, à base de ácido sulfúrico, que compram. Apenas um deles afirmou fabricar a própria pasta (também ácida).

3.3.2. Segurança e acidentes de trabalho

Apenas 5% dos inquiridos referiram ter sofrido um acidente de trabalho. Outros 5% tiveram um acidente que envolveu a pasta química. O socorro não foi necessário nos casos reportados ou os próprios acidentados tiveram condições para procurar ajuda. Apenas foi reportada uma incapacidade de trabalho ligeira, embora permanente, resultante de um dos acidentes, em que o tempo de inatividade foi de 7 dias.

Dos resineiros inquiridos 73% afirmam ter seguro de trabalho, os restantes encontram-se desprotegidos; 88% afirmam que estão inscritos na Segurança Social.

3.3.3. Deslocações durante a campanha

Todos os inquiridos habitam na residência habitual, mas temos conhecimento de pelo menos um trabalhador deslocado, exercendo atividade no sul do país (não foi inquirido).

3.4. ATITUDES E PREDISPOSIÇÕES

3.4.1. Grau de satisfação com a profissão

Quando inquiridos sobre o *gosto pela atividade* que desenvolvem, 67,5% dos resineiros manifestam estar muito satisfeitos com a profissão e 32,5% satisfeitos; já quanto ao esforço físico que a mesma implica, um total de 39% estão pouco ou nada satisfeitos. Quanto à

remuneração, as duas categorias pouco e nada satisfeito agrupam 63.5% dos inquiridos. Igualmente baixo é o grau de satisfação com o reconhecimento social da profissão: 36.6% declaram-se nada satisfeitos (tabela 2).

Tabela 2 – Grau de satisfação com a profissão

Grau de satisfação com a profissão	1. Muito satisfeito	2. Satisfeito	3. Pouco satisfeito	4. Nada satisfeito
Gosto pela atividade	67,5%	32,5%	0,0%	0,0%
Esforço físico	9,8%	51,2%	24,4%	14,6%
Remuneração	9,8%	26,8%	53,7%	9,8%
Reconhecimento social da profissão	4,9%	36,6%	22,0%	36,6%

Em suma, o gosto pela profissão é grande, apesar da pouca satisfação com a remuneração e a perceção do baixo reconhecimento social.

3.4.2. Fatores de satisfação e dificuldades do ofício

Quando se pergunta aos resineiros o que mais lhe agrada na profissão a maior parte responde que é trabalhar ao ar livre (figura 9) e o gosto pessoal pela atividade. Segue-se a independência do trabalho e só depois a remuneração obtida.

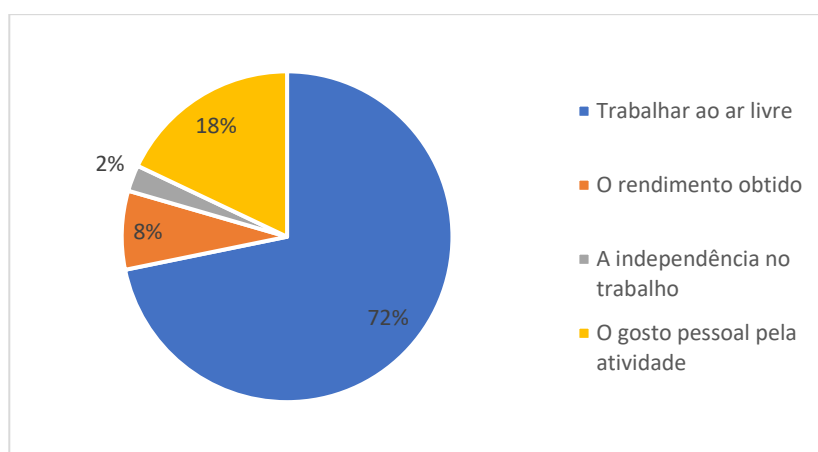


Figura 9. O que mais agrada aos resineiros na profissão

Quando perguntados sobre o que mais lhes desagrada respondem, por ordem decrescente, o trabalho sujeito à chuva e elementos do clima, o risco de incêndio (13%) e o esforço físico (12%). O rendimento obtido fica em quarto lugar (figura 10).

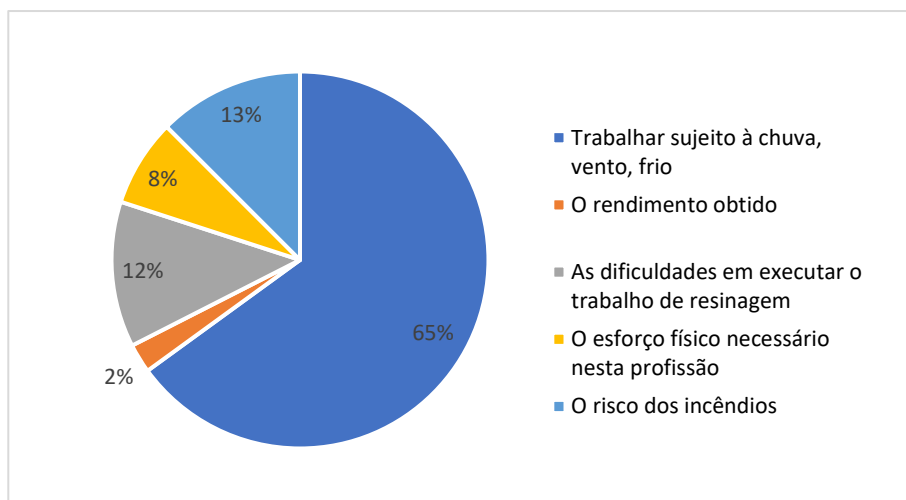


Figura 10. O que mais desagrada aos resineiros na profissão

3.4.3. Preocupações quanto ao futuro

Sobre as preocupações quanto ao futuro (Figura 11), a preocupação dominante é a falta de mão de obra para resinar (33%). Em seguida aparece a preocupação com os incêndios e com “o preço da resina não pagar o custo”.

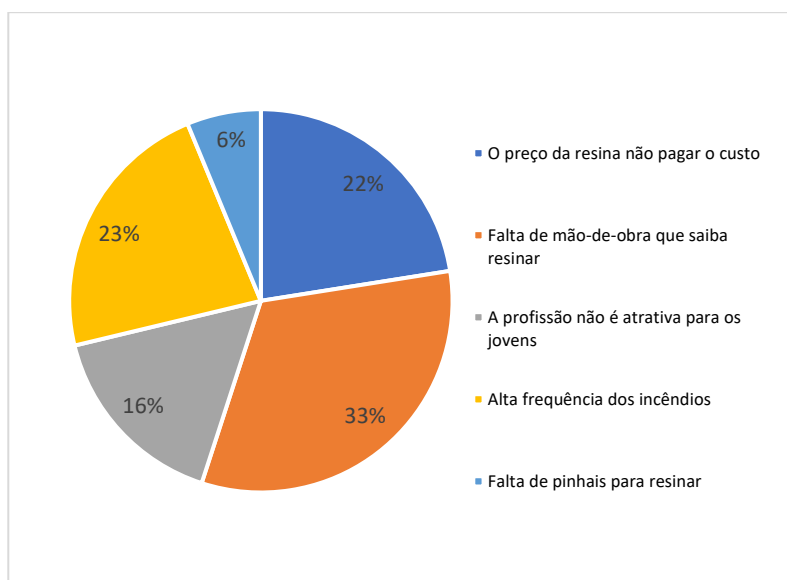


Figura 11. As preocupações dos resineiros em relação ao futuro



3.4.4. Continuidade geracional da atividade

Do conjunto dos inquiridos 73% têm filhos maiores de idade, mas 90% destes não têm qualquer relação com a atividade florestal. Apenas um resineiro tem o filho na atividade e outros dois ajudam pontualmente na colha da resina e três na preparação dos pinheiros e renovas.

Apesar das dificuldades da atividade uma larga maioria manifesta intenção de continuar na resinagem (92%).

3.4.5. Disponibilidade para trabalhar em outras atividades

Os resineiros manifestaram-se quanto à sua disponibilidade para trabalhar noutras atividades, no período da resinagem e fora dele (tabela 3). A maioria declara não ter disponibilidade nem fora nem durante a campanha, provavelmente devido ao elevado número de horas semanais trabalhadas na resina.

	1. Disponível	2. Não disponível	3. Depende ou n.s. / n.r.
Que grau de disponibilidade tem para trabalhar, em complemento da resinagem, noutra atividade na floresta - durante a campanha na resinagem	10	31	0
Que grau de disponibilidade tem para trabalhar, em complemento da resinagem, noutra atividade na floresta - fora da campanha na resinagem	9	32	0
Que grau de disponibilidade tem para exercer vigilância da floresta ?	27	14	0
Que grau de disponibilidade tem para exercer atividade de sapador florestal ?	7	34	0
Que grau de disponibilidade tem para exercer outras operações florestais ?	10	31	0

Tabela 3 – Disponibilidade dos resineiros para outros trabalhos

A disponibilidade para a vigilância da floresta é elevada, talvez porque os resineiros consideram que, de facto, já a praticam durante a sua atividade. Para as tarefas de sapador florestal e para executar outras operações/trabalhos florestais a maioria declara-se indisponível.

3.4.6. Fatores que afetam negativamente o rendimento da atividade

Os fatores que mais influenciam negativamente a atividade ou o seu rendimento (tabela 4), são, para os resineiros inquiridos, os impostos (56%), os custos com materiais e ferramentas

(12%) e o valor pago pela “bica” (aluguer da ferida), escolhidos como primeira opção. Como segunda opção foram escolhidos os fatores: despesas de deslocação (35%), novamente os impostos e a margem dos intermediários.

	1.ª opção	2.ª opção
Os custos com material e ferramentas	12%	10%
Os impostos pagos	56%	19%
As despesas com as deslocações	9%	35%
A margem dos intermediários	3%	19%
O valor pago aos proprietários florestais pela “bica”	12%	6%
<i>Doença(s) dos pinheiros</i>	9%	0%
Baixo preço da resina	0%	10%

Tabela 4. Fatores que afetam negativamente o rendimento da atividade

3.4.7. O que melhorar na resinagem

Foi perguntado aos resinheiros o que deveria ser melhorado no setor da resina (figura 12), para além do salário e do valor que lhes é pago pela resina. A resposta “reduzir o esforço físico” foi maioritária; seguiu-se a opção “trabalhar menos horas por dia”.

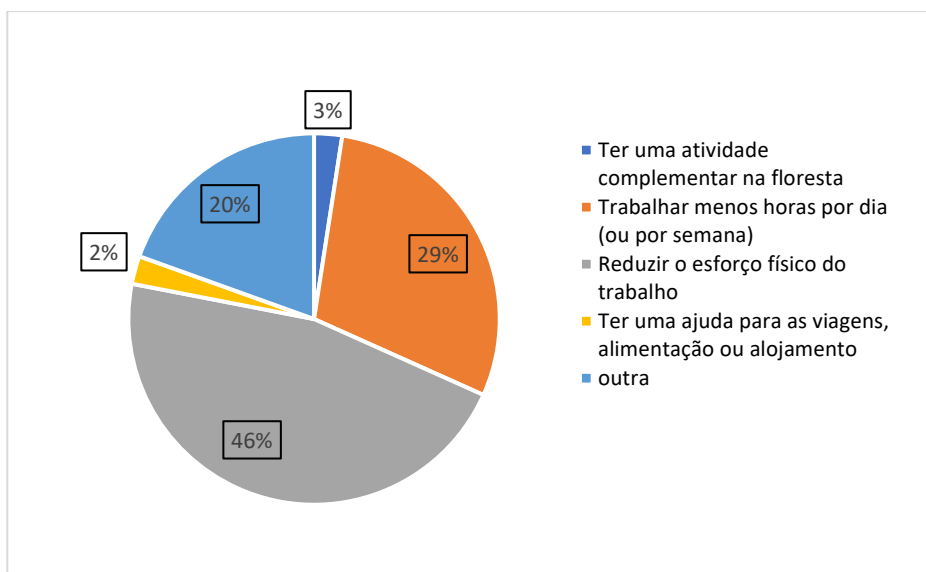


Figura12. O que melhorar na atividade da resinagem



3.4.8. Uso de novas tecnologia e dispositivos eletrónicos

Os resineiros inquiridos utilizam telemóvel (15%) e *smartfone* (41%); 29% têm computador e 5% tablet.

Relativamente ao uso de novas tecnologias de comunicação e localização geográfica, 20% usa aplicação de GPS, 32% tem conta de correio eletrónico e 22% usa uma aplicação de comunicação.

3.4.9 Participação dos resineiros em Organizações Coletivas

Os resineiros portugueses, de uma maneira geral, não valorizam a participação em organizações coletivas profissionais ou de classe (sindicato). Mesmo assim, 27% pertencem a uma organização representativa de resineiros (Resipinus); nenhum pertence a sindicatos.



4. CONCLUSÕES

Em Portugal os resineiros constituem um coletivo envelhecido, com uma média de idade de 56,4 anos e muitos anos de experiência na atividade – 25% com mais de 40 anos, mas também se verificam novas entradas na profissão, mas não necessariamente de jovens.

Os resineiros preservam uma atividade geradora de riqueza e que está na origem de uma multiplicidade de produtos de elevado valor e imprescindibilidade para a indústria europeia e mundial. Essa atividade envolve esforço físico considerável e sujeição a condições de trabalho difíceis (exposição às condições meteorológicas adversas, trabalho em isolamento, apesar de efetuado ao ar livre); é, pois, um trabalho duro, gerador de riqueza e primeiro elo numa vasta cadeia de valor. Todavia o reconhecimento social desse trabalho é baixo, sem correspondência com o elevado valor que gera.

A maioria dos resineiros trabalha por conta própria; aprenderam ou “herdaram” o ofício de um familiar ou de outro resineiro. A necessidade de formação profissional é sentida. Foram identificados pelos próprios resineiros alguns temas do seu interesse: extração de resina, trabalhos florestais, novas tecnologias, equipamentos e segurança laboral. Em Portugal, a oferta é inexistente.

Para a maioria dos resineiros a extração de resina é a principal fonte de rendimento (contribui com entre 50% a 100% do rendimento familiar). Uma parte considerável dos profissionais (40%) diversifica as suas fontes de rendimento realizando outros trabalhos relacionados com o setor agroflorestal e pecuário. O número médio de pinheiros resinados por campanha e trabalhador em Portugal é de 9.400 pinheiros. A produção média por campanha é de 27.000 kg, mas encaramos este número com alguma reserva porque é provável que alguns inquiridos tenham indicado valores que se reportam a mais do que um trabalhador. O número médio de renovas e de colhas praticado em Portugal é de 8,9 renovas e 2,4 colhas por campanha. O vaso coletor é o recipiente de recolha mais frequentemente usado, mas também se utiliza o saco de plástico, principalmente no norte do país. O uso de pastas estimulantes à base de substâncias ácidas é generalizado. Quanto à forma de trabalhar, a maior parte dos resineiros (68%) afirmam trabalhar em grupo. Os pinhais resinados são maioritariamente propriedade privada. Alguns pinhais resinados integram os chamados “baldios”. O valor médio do aluguer dos pinheiros pode atingir 1 euro por ferida, em regiões mais fáceis de explorar e tradicionalmente com boa produção por árvore, sendo o valor médio de 0.56 euros. A maioria dos resineiros vende a resina a empresas de primeira transformação. Na maior parte dos casos o preço da resina é definido pela indústria de primeira transformação, sem grande margem de negociação por parte dos resineiros.

Em Portugal, 27% dos resineiros revelou não ter seguro de acidentes de trabalho. À margem do inquérito foi-nos dito que não existe um seguro para a atividade. Acordos anteriormente conseguidos com uma companhia seguradora e intervenção de uma associação representativa dos resineiros foram, entretanto, resolvidos, na sequência dos grandes incêndios de 2017. O gosto pelo ofício é elevado, mas é baixo o reconhecimento social percebido. Os elementos geradores de satisfação mais referidos são trabalhar ao ar livre e de forma independente. Os aspetos menos apreciados são, para além do baixo



rendimento, o risco de incêndio, a dureza física do trabalho e a exposição aos elementos do clima.

O documento “Integração da atividade resinera na política agrícola Comum”, que se relaciona com a atividade 2.6, Estudo das Externalidades positivas da resinagem como base para justificação do apoio do Estado no âmbito da PAC (Anexo 2.6.1.), pensado para as condições de Portugal, concretiza uma proposta de remuneração pelo conjunto das externalidades positivas da resinagem em matéria de Defesa da Floresta contra Incêndios. A sua aplicação possibilitaria aos resineros a obtenção de um rendimento suplementar seguro e contribuiria para fixar profissionais na atividade.

A pouca disponibilidade manifestada para trabalharem noutras atividades fora e no período da resinagem, em Portugal, pode dever-se a não terem sido definidas as condições de concretização dessas atividades. A disponibilidade para a vigilância da floresta é quase generalizada, na medida em que os resineros consideram que já a praticam. Para executar tarefas como sapadores florestais ou operações florestais (desramas, abate de árvores) poucos se dizem disponíveis. Uma das razões será certamente o elevado número de horas dedicado às tarefas da resina. Os resineros revelam grande preocupação em relação ao futuro da atividade, seja por que temem a falta de mão de obra para resinar, o baixo preço da resina e a frequência dos incêndios. Não obstante, uma larga maioria, pensa continuar na atividade. A redução do esforço físico despendido na atividade é um aspeto importante na melhoria desejada pelos resineros, pelo que a linha de investigação tendente a mecanizar os trabalhos de resinagem não deve ser abandonada. A participação em associações profissionais ou em sindicatos é, atualmente reduzida, se bem que uma parte dos inquiridos reconheça a importância dessa participação. É uma atividade marcada pela tradição familiar, mas a geração mais jovem não parece querer continuá-la sendo residual a participação dos filhos dos profissionais nas tarefas da resinagem. Este aspeto constitui porventura uma das mais sérias ameaças à manutenção da resinagem. Existe uma forte incerteza quanto ao futuro, fundamentalmente ligada à incerteza quanto aos preços da resina, às condições de remuneração e às possibilidades de captar jovens para a profissão.



BIBLIOGRAFIA

Geoterra, (2020) Integração da atividade resinera na política agrícola comum Estudo das externalidades positivas da resinagem como base para a justificação de um apoio do Estado no âmbito da Política Agrícola Comum. Anexo ao entregável 2.6.1.

Geoterra, (2020) Casos de êxito e boas práticas de empreendedorismo da atividade multifuncional do resinero